



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**



HUGO ALESSANDRO MEIRELES CRUZ

**CIDADES PEQUENAS NA AMAZÔNIA:
UM ESTUDO DAS PARTICULARIDADES URBANAS DA CIDADE DE BRASIL
NOVO, PARÁ.**

Altamira/PA

2025

HUGO ALESSANDRO MEIRELES CRUZ

**CIDADES PEQUENAS NA AMAZÔNIA:
UM ESTUDO DAS PARTICULARIDADES URBANAS DA CIDADE DE BRASIL
NOVO, PARÁ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Organização e Gestão do Território.

Linha de Pesquisa: Dinâmicas Territoriais na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Herrera

Altamira/PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C955c Cruz, Hugo Alessandro Meireles.
Cidades Pequenas na Amazônia : Um estudo das
Particularidades Urbanas da Cidade de Brasil Novo, Pará / Hugo
Alessandro Meireles Cruz, . — 2025.
130 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. José Antônio Herrera
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Geografia, Belém, 2025.

1. Amazônia. 2. Cidades Pequenas. 3. Urbanodiversidade.
4. Dinâmicas Urbanas. 5. Produção do Espaço. I. Título.

CDD 910.130811

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CIDADES PEQUENAS NA AMAZÔNIA:
UM ESTUDO DAS PARTICULARIDADES URBANAS DA CIDADE DE BRASIL
NOVO, PARÁ.**

HUGO ALESSANDRO MEIRELES CRUZ

Data de aprovação: 10/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Antônio Herrera (Orientador e Presidente – PPGeo/UFPA)

Prof. Dr. Márcio Douglas Brito Amaral (Examinador Interno – PPGeo/UFPA)

Prof. Dra. Sandra Maria Fonseca da Costa (Examinadora Externa – PPGPLUR/UNIVAP)

Prof. Dra. Ronicleici Santos da Conceição (Suplente – PPGeo/UFPA)

Altamira/PA

2025

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Glene Meireles e Euclides Hugo e ao meu irmão Ygor Fernando, por serem meu porto seguro e por terem me ensinado a importância da perseverança e do amor incondicional. Esta dissertação é um reflexo da dedicação, confiança e de tudo que aprendi com vocês.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação é fruto de uma caminhada repleta de lutas, aprendizados e apoio de pessoas que mesmo distante geograficamente (em sua grande maioria) se fizeram presentes, a vocês a minha total gratidão.

Em primeiro lugar, a Deus. Minha eterna gratidão àquele que ilumina meus passos e me dá forças para superar as adversidades da vida. A Ele, que ouve minhas orações, protege minha vida e estende sua proteção também à minha família e aos meus amigos.

Minha gratidão aos meus pais, em especial à minha mãe, Glene, que sempre me incentivou e que com o seu esforço e dedicação, nunca deixou que faltasse nada, o amor sempre foi e será a nossa fonte de vida. Mesmo à distância, está presente em cada etapa desta jornada, sendo um exemplo de força, determinação, sabedoria e perseverança. Obrigado por ser a melhor mãe do mundo e minha maior inspiração. Ao meu pai, Euclides, obrigado pela confiança e proteção. Sua forma de demonstrar amor e carinho por vezes é silenciosa em palavras, mas sempre sentida através de suas ações. Vocês são meu alicerce e meu maior orgulho.

Agradeço ao meu irmão, Ygor, por sempre me ouvir e me defender, mesmo quando estou ausente. Sua sabedoria e determinação em conquistar os seus objetivos me inspiram a crescer a cada dia. Eu me orgulho por ter crescido contigo e ter compartilhado grandes momentos com parceria, amor e carinho com nossa família. Você é gigante, meu manin.

Meus agradecimentos também se direcionam para a minha família. O amor, confiança e toda partilha fizeram com que eu me tornasse um ser humano ainda mais iluminado e amoroso. Com diz o ditado “a união faz a força” e essa união que temos me dá forças para continuar motivado com o meu propósito. Em nome dos meus avós, Ivaneide Dantas; Maria de Fátima e Júlio César; Selma e Manoel. Minha gratidão à toda família.

Ao lembrar dos meus amigos, ressalto que sou extremamente abençoado por ser cercado de tantas pessoas incríveis e que fazem meus dias mais divertidos. Vocês me mostram o verdadeiro significado amizade e companheirismo. Levo comigo cada um de vocês, com cada gesto de carinho, com cada lembrança incrível (de rolês saudáveis e duvidosos rs). A cada conquista que vibramos juntos, gratidão.

Aos meus professores, mestres e doutores da Faculdade de Geografia do Campus de Altamira, que guiaram minha jornada acadêmica. Minha gratidão a cada ensinamento e por acreditarem no meu potencial.

À turma de Geografia 2022 da Faculdade de Geografia – Campus Altamira, pela ajuda na coleta de dados em Brasil Novo e pelos diálogos científicos durante as aulas, essa dissertação

tem um pouco de cada um de vocês.

O Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais na Amazônia – LEDTAM, foi o lugar que me acolheu e fez com que eu pudesse evoluir enquanto estudante e pesquisador. Recordo-me da minha entrevista, onde ao apresentar o laboratório, o Prof. Herrera mencionou “aqui somos uma família” ... Ele estava certo, assim como em toda família existem os seus altos e baixos, eu me senti acolhido em meio a uma cidade em que os “abraços familiares” se tornaram silenciosos. Gratidão pelas trocas.

Aos que sempre me apoiaram e me ouviram nos momentos mais difíceis, Jéssica Castro, Maria Eduarda, Maria Jullya, Caroline Batista, Ronicleici Santos, Letícia Oliveira e Letícia Felizardo, sou muito grato por todos os conselhos e por me cederem sempre o ombro amigo. Pelas orientações a Prof. Gleiciely Carvalho (Tiely) não mediu esforços, obrigado por tudo. E por toda a equipe do LEDTAM, pelos diálogos científicos e conversas no dia a dia, vocês são incríveis.

E, ao meu orientador, Prof. Dr. José Antônio Herrera. É um privilégio aprender com alguém tão incrível, que me orienta deste a graduação. Gratidão pelas trocas, por todo incentivo e por toda a confiança que me destes.

Minha profunda gratidão à minha psicóloga, Maria Alinny Serafim. Com sua sensibilidade e dedicação, aprendi a valorizar minha saúde mental e, acima de tudo, a enxergar que meus traumas não definem quem sou. A caminhada tem sido longa e desafiadora, mas sua presença e apoio tornaram esse percurso mais leve e possível.

E também, aos residentes da cidade de Brasil Novo que tanto contribuíram, cedendo parte do seu tempo para responderem aos formulários que daria suporte para esta pesquisa.

“Para conseguir o que quer, você deve olhar além do
que você vê...”

Rei Leão (1994)

RESUMO

A Amazônia Legal, que abrange uma vasta área da floresta tropical, tem sido profundamente afetada por dinâmicas econômicas e políticas desde meados do século XX. Este impacto é resultado de ações capitalistas que transformaram a organização do espaço e as relações sociais na região, especialmente após a abertura da fronteira econômica. Neste sentido, este trabalho propõe compreender a dinâmica urbana da cidade de Brasil Novo, face às suas particularidades enquanto uma cidade pequena na Amazônia. Considera-se que o processo de formação socioespacial da cidade foi empreendido a partir das políticas de desenvolvimento e de integração da Amazônia brasileira ao domínio da economia nacional. O método utilizado para compreender o movimento balizador da totalidade de Brasil Novo é o materialismo histórico e dialético, que auxilia nas interpretações a partir das periodizações dos fenômenos espaciais da cidade para explicar a realidade. Para a realização da pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento documental e bibliográfico; b) levantamento de dados secundários; c) aplicação de formulários no comércio da cidade e, c) aplicação de formulários nos bairros. A pesquisa revelou que Brasil Novo, surgida com a construção da BR-230, apresenta dinâmicas socioespaciais marcadas pela forte integração entre o rural e o urbano, impulsionadas pela produção agrícola e pela atuação de diferentes agentes sociais e econômicos. Destacou-se o papel central da rodovia para a articulação da cidade com mercados externos e para sua inserção na rede urbana regional. Além disso, observou-se que os bairros Centro, Cidade Alta e Jardim Valadares apresentam dinâmicas socioeconômicas distintas, refletindo as transformações produtivas e sociais implementadas ao longo do tempo.

Palavras-chave: Amazônia; Cidades Pequenas; Urbanodiversidade; Dinâmicas Urbanas; Produção do Espaço.

ABSTRACT

The Legal Amazon, which encompasses a vast area of tropical forest, has been deeply affected by economic and political dynamics since the mid-twentieth century. In this context, this study aims to understand the urban dynamics of the city of Brasil Novo, considering its unique characteristics as a small city in the Amazon. The socio-spatial formation of the city is understood to have resulted from policies aimed at developing and integrating the Brazilian Amazon into the national economy. The method used to analyze the processes shaping Brasil Novo is historical and dialectical materialism, which supports interpretations based on the periodization of the city's spatial phenomena to explain its reality. The following methodological procedures were employed: a) documentary and bibliographic research; b) secondary data collection; c) administration of surveys in the city's commercial sector; and d) administration of surveys in residential neighborhoods. The research revealed that Brasil Novo, which emerged with the construction of the BR-230 highway, exhibits socio-spatial dynamics marked by strong integration between rural and urban areas, driven by agricultural production and the actions of various social and economic agents. The highway plays a central role in connecting the city to external markets and integrating it into the regional urban network. Additionally, it was observed that the neighborhoods of Centro, Cidade Alta, and Jardim Valadares display distinct socioeconomic dynamics, reflecting the productive and social transformations that have occurred over time.

Keywords: Amazônia; Small Towns; Urban Network; Urbandiversity; Socio-spatial production.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos ideias de cidades pequenas no contexto urbano e rural.	25
Quadro 2: Diversidade das cidades amazônicas.	31
Quadro 3: Reflexões teóricas sobre o fenômeno urbano na Amazônia.	33
Quadro 4: “Tipos ideais” da complexidade urbana na Amazônia.	35
Quadro 5: Infraestrutura da agrópolis Brasi Novo.....	46
Quadro 6: Espacialização dos estabelecimentos informantes na cidade de Brasil Novo.....	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: População segundo situação da unidade domiciliar.....	58
Gráfico 2: Crescimento populacional de Brasil Novo.....	59
Gráfico 3: Distribuição espacial de aplicação dos formulários.....	65
Gráfico 4: Relação dos informantes com o ponto comercial.	66
Gráfico 5: Composição do PIB da cidade pequena de Brasil Novo.....	72
Gráfico 6: Percepção da população quanto à economia de Brasil Novo.....	73
Gráfico 7: Gênero dos informantes da pesquisa.....	74
Gráfico 8: Origem dos entrevistados.	75
Gráfico 9: Nível de escolaridade dos entrevistados.	76
Gráfico 10: Situação de emprego dos entrevistados.....	77
Gráfico 11: Entrevistados que recebem benefícios governamentais.	78
Gráfico 12: Tipos de benefícios.....	79
Gráfico 13: Renda familiar total.	80
Gráfico 14: Situação de direito à moradia dos entrevistados.	83
Gráfico 15: Articulações cotidianas em busca de produtos e serviços.....	84
Gráfico 16: Cidade com maior importância na Região Imediata de Altamira.	89
Gráfico 17: Houve melhorias com a instalação da UHE Belo Monte?	90

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização do Município de Brasil Novo/PA.....	9
Mapa 2 : Cidades ao qual Brasil Novo estava integrada política, administrativa e espacialmente.....	49
Mapa 3: Regiões Geográficas: Intermediária e Imediata de Altamira – Pará.	52
Mapa 4: Expansão da Malha Urbana de Brasil Novo entre os anos de 1990 e 2020.	57
Mapa 5: Distribuição dos bairros na cidade de Brasil Novo/PA.	61
Mapa 6: Localização dos bairros de aplicação dos Formulários.	64

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Organização das cidades dentro de uma rede urbana.	15
Figura 2: O esquema integrado de urbanismo rural aplicado na Transamazônica.	42
Figura 3: Praça Geraldo Barbosa.	44
Figura 4: Casa dos colonos e Armazéns de suprimentos em Brasil Novo.	44
Figura 5: Sede do INCRA na Agrópolis Brasil Novo.	45
Figura 6: Anteprojeto da Agrópolis n. 10, chamada de Brasil Novo.	46
Figura 7: Escala de abrangência das atividades comerciais de Brasil Novo.	68
Figura 8: Amostra de serviços de suporte para atividades “rurais”.	70
Figura 9: Elementos com características rurais presentes na área urbana da cidade.	71
Figura 10: Casas dos entrevistados no bairro Cidade Alta.	81
Figura 11: Casas dos entrevistados no bairro Jardim Valadares.	82
Figura 12: Cidades “vizinhas” que ofertam bens para os entrevistados.	85
Figura 13: Produtos buscados em cidades vizinhas.	86
Figura 14: Serviços governamentais buscados fora de Brasil Novo.	87
Figura 15: Cidades que ofertam serviços governamentais para a população Brasilnovense. .	88
Figura 16: Mudanças em Brasil Novo face a construção da UHE Belo Monte.	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PA	Projeto de Assentamento
PIB	Produto Interno Bruto
PAR	Projeto de Assentamento Rápido
PIC	Projeto Integrado de Colonização
PIN	Projeto de Integração Nacional
RIX	Região de Integração do Xingu
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica na Amazônia
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Problemática	3
Objetivos	5
Metodologia (método e procedimentos)	5
CAPÍTULO 1	9
CIDADES PEQUENAS: REFLEXÕES TEÓRICAS E PERSPECTIVAS NA AMAZÔNIA	9
1.1 Produção do espaço e o entrelaçamento entre a rede urbana e o estudo das cidades. 10	
1.1.1 Urbanização e a rede urbana na Amazônia	16
1.2 Notas sobre o estudo das Cidades/Cidades Pequenas no Brasil.	19
1.3 Cidades Pequenas Amazônicas e suas diversidades	27
1.3.2 Amazônia e sua Urbanodiversidade	32
CAPÍTULO 2	37
FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE BRASIL NOVO – PARÁ	37
2.1. Amazônia Brasileira, uma fronteira de recursos.	38
2.2. O processo de colonização na Transamazônica: o surgimento de cidades nas margens da rodovia	40
2.3 A Gênese da cidade de Brasil Novo.	43
2.3.1 A cidade de Brasil Novo enquanto Agrópolis	43
2.3.2. Características de Brasil Novo enquanto município emancipado.	51
CAPÍTULO 3	54
AS DINÂMICAS URBANAS DA CIDADE DE BRASIL NOVO	54
3.1. Crescimento da Mancha Urbana da Cidade de Brasil Novo	55
3.2. Dinâmica Espacial dos Bairros Centro, Cidade Alta e Jardim Valadares na Cidade de Brasil Novo	63
3.2.1. A dinâmica econômica produzida no bairro Centro na cidade de Brasil Novo.	66
3.2.2. Caracterização e dinâmicas socioespaciais dos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares.	74
3.2.3. A Cidade Pequena de Brasil Novo e a sua relação com as demais cidades da RIX	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	101

***I**NTRODUÇÃO*

O estudo sobre cidades pequenas no Brasil ganhou maior destaque nas últimas duas décadas, embora a pesquisa sobre urbanização e dinâmicas urbanas em geral tenha se intensificado ao longo do século XX, com intensas transformações que ocorreram nas suas dinâmicas intraurbanas e interurbanas. Essas mudanças foram causadas por altos níveis de migração, sobretudo das áreas rurais para os centros urbanos, resultando em um significativo aumento populacional nas cidades. Ao pensar a realidade amazônica e no seu processo de integração nacional proposto pelo governo, seus padrões de ocupação e modos de vida foram profundamente modificados, o que levou a essas cidades pequenas amazônicas a constituírem complexidades específicas.

As cidades pequenas da Amazônia brasileira responderam de diversas formas quando alinhadas com esses interesses da economia global, elas se inseriram e interagiram não de forma homogênea, mas heterogênea, onde cada localidade passou a conter particularidades específicas frente a essa a dinâmica do mundo capitalista, se articulando de diferentes formas e dimensões. Ressalta-se também que as cidades pequenas são principais responsáveis pelas transformações que influenciam nas dinâmicas das redes urbanas, elas ganharam papéis importantes nessa lógica regional, justamente por serem compreendidas como espacialidades que são integrantes e interagentes na rede urbana.

Cabe pontuar também, que a intensificação do processo de urbanização, ocorrida no Brasil a partir da segunda metade do século XX, foi um dos principais fatores que influenciaram no surgimento de novas cidades que foram criadas com o propósito de atender as demandas do modo de produção capitalista que se estabelecia no país naquele período com maior intensidade. Nesse contexto, os espaços urbanos, como aponta Medeiros (2005), passaram a representar o produto, a condição e o meio de produção e de reprodução da sociedade que estava emergindo naquele período.

No entanto, é importante voltar os olhares para o processo de urbanização na Amazônia, sobretudo, na Amazônia Brasileira e dar ênfase ao período no qual ocorrem os processos de diferenciações de tempos espaciais, que, em sua gênese caracterizam os períodos e marcam o surgimento das redes urbanas.

As redes urbanas que se estabelecem na Amazônia brasileira são estruturadas e organizadas a partir de um conjunto significativo de mudanças sociais e econômicas (Sposito, 2010), que são explicadas não somente pelas transformações ocorridas no seu interior, mas, leva-se em consideração a sua inserção em uma escala mais abrangente, que vai do local ao global. As redes urbanas respondem às necessidades e as demandas do modo de produção

capitalista, o que é explicado pelo surgimento de cidades pequenas, de cidades médias e do aumento de conglomerados urbanos que respondem à abertura da fronteira econômica (Rodovia Transamazônica) na década de 1970, e pelo papel que cada uma delas passou a desempenhar, seja concentrando maior número de atividades, de pessoas, ampla divisão social e territorial do trabalho, etc.

No entanto, ao estudar as cidades da Amazônia, levando em consideração as redes urbanas e as suas hierarquias, é necessário pontuar alguns aspectos importantes que identificam e especificam cada uma delas, pois, as organizações espaciais apresentam dinâmicas sociais, culturais e econômicas distintas, sobretudo, considerando o processo de ocupação na região que ocorreu mediante a inserção de alguns empreendimentos que alteraram a dinâmica local das pequenas vilas e povoados que vieram a se tornar cidades, como a construção da Rodovia BR-230, a Transamazônica, e a chegada da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Nesse sentido, objetiva-se realizar uma reflexão teórica da produção do espaço urbano e das cidades, buscando entender algumas concepções que a diferenciam e que especificam essas cidades principalmente levando em consideração a realidade Amazônica, pensando sempre, no lócus de pesquisa que será abordado posteriormente, nesse caso a cidade de Brasil Novo/PA.

Problemática

Realizar estudos voltados às cidades pequenas é considerado desafiador para alguns geógrafos e pesquisadores brasileiros, visto que muitas pesquisas ainda se dedicam à compreensão das dinâmicas das grandes metrópoles e/ou cidades médias. Em razão disto, há dificuldades de chegar a uma concepção conceitual para as cidades pequenas, muito pela sua diversidade e dinâmicas distintas, assim como pontua Jurado da Silva e Sposito (2013) quando afirmam que há maior complexidade na construção/transformação de um conceito frente a essas dinâmicas e movimentos que ocorrem de maneira diferenciada de uma cidade para as outras.

Compreende-se também que existem vários fatores que possam caracterizar/classificar as cidades pequenas, dentre elas: o nível de desenvolvimento econômico; a capacidade de abastecimento da população; a dependência de uma cidade média para que ocorra a prestação de alguns serviços (saúde, educação, administração, etc.); a força do comércio na administração pública para a geração de renda; a densidade demográfica; a relação campo/cidade ou como também pode ser compreendido como relação urbano/rural; dentre outros fatores que podem caracterizar uma cidade pequena, pois, assim afirma Coelho Neto *et. al.* (2021):

[...] quando olhamos para o cotidiano das pequenas cidades, o que vemos é um amplo e entrelaçado conjunto de ações constituídas na articulação entre o urbano e rural, o que nos leva a insistir na ideia de utilizar essas ações definidas na interface espaço rural – espaço urbano como pilar fundamental para definir a cidade pequena como lugar mundial simples sustentado pelo seu entorno rural imediato (Coelho Neto *et. al.* 2021, p. 44-45).

Ademais, se atentando às diferenciações e as contradições que se encontram as cidades pequenas e entendendo que muitas delas são condicionadas pela rede urbana ao qual estão inseridas, é importante olhar para essas cidades pequenas no contexto da rede urbana, pois, assim como aponta Corrêa (1988) ao se tratar de rede urbana, se considera que os espaços passam a ser lócus de produção, de circulação e de consumo frente ao processo de urbanização. Ou seja, os papéis, as dinâmicas e os processos das cidades pequenas são redefinidos quando são inseridos à lógica da rede urbana, mas que cada uma dessas cidades, dependendo da sua localização, apresentam suas próprias características e significados.

Portanto, considerando que as cidades pequenas apresentam características que as tornam únicas, independente da sua localização geográfica e a rede urbana ao qual está inserida, faz-se o questionamento “Como está organizada a dinâmica urbana da cidade de Brasil Novo, face as suas particularidades como uma cidade pequena amazônica?”.

Entretanto, a partir desta questão geral, outros levantamentos são importantes para subsidiar a pesquisa:

- Como se deu o processo de expansão territorial da cidade de Brasil Novo nos diferentes períodos de sua formação socioespacial ao longo da Transamazônica?
- Quais são os fatores que contribuem para a centralidade comercial dos serviços econômicos que dinamizam a cidade de Brasil Novo?
- Quais são os diferentes padrões de assentamentos presentes no interior da cidade de Brasil Novo?

Entende-se que as questões expostas podem contribuir para entender a gênese da problemática da pesquisa, pois, compreender as dinâmicas de uma cidade pequena se torna um desafio quando o recorte espacial balizador da pesquisa parte de uma cidade pequena na Amazônia, que para além das outras regiões, as cidades na Amazônia possuem dinâmicas, processos, papéis, dentre outras características que a diferenciam das demais cidades.

Objetivos

Geral:

- Compreender a dinâmica urbana da cidade de Brasil Novo, face as suas particularidades enquanto uma cidade pequena na Amazônia.

Específicos:

- Verificar o processo de expansão territorial da cidade de Brasil Novo nos diferentes períodos de sua formação socioespacial na Transamazônica;
- Analisar a centralidade comercial de serviços econômicos que dinamizam a cidade;
- Identificar os diferentes padrões de assentamentos que existem no interior da cidade de Brasil Novo.

Metodologia (método e procedimentos)

Buscar o método científico é essencial ao adentrar no campo da pesquisa, nesse sentido este trabalho está orientado pelos princípios do materialismo histórico e dialético, aqui se apropriando das interpretações feita por Pires (1997), que pondera acerca dos movimentos, dos pensamentos e da forma em que é materializado historicamente a vida da humanidade, ou seja, as formas organizativas da sociedade durante a história da humanidade.

Noutros termos, o método materialista histórico e dialético tem em seu âmago a possibilidade para investigar e interpretar a realidade geográfica como totalidade, fruto dos acontecimentos históricos que ocorrem de acordo com as condições materiais da vida e das contradições que são entrepostas a partir do processo de produção da sociedade. Além disso, tem-se como balizar definir o recorte analítico e a categoria de análise.

Para tanto, o Espaço é a categoria de análise que melhor permite compreender a realidade ao qual optou-se por estudar, dando ênfase no Espaço sob a perspectiva de Santos (2020), que para ele essa categoria analítica é antes de qualquer coisa, um híbrido e que tem por base, as ideias de processos, estruturas, funções e formas. Ainda na concepção de Santos (2006, p. 39), o Espaço é “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Desse modo, tem-se a importância de entender o espaço em sua totalidade, como um objeto que está em constante transformação. Santos (2020, p. 67) aponta que é necessário que

se tenha a compreensão dos processos (tempo e mudança), as noções da forma, sua estrutura e também suas funções.

Essas categorias auxiliam compreender que a organização socioespacial não é algo estático, mas que está em constante movimento, assim como aponta Santos (2020, p. 69), ao destacar sobre processo, forma, estrutura e função. O processo se define por “uma ação contínua... implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”, ou seja, os processos de um determinado objeto podem ser modificados por influências tanto externas quanto internas (interesses políticos, culturais, sociais, etc.). A forma, se refere ao “aspecto visível de uma coisa”, podendo tratar-se dos objetos e estruturas que foram construídos no espaço com determinadas funções; A estrutura relaciona-se com as “inter-relações de todas as partes de um todo” que significa os processos que orientam os modos de produção, representa a construção ou organização de algo para que tenha novas funções. Por fim, a Função, que é a “atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa”.

Para adotar essa visão analítica de espaço, Santos (2006) propõe o uso de outras categorias internas como a paisagem, a divisão territorial do trabalho, espaço produzido e de produção, as rugosidades etc. Leva em consideração o uso de alguns recortes espaciais que melhor compreendem os processos que são externos aos espaços, mas que possuem influência sobre ele, como a região, lugar, redes, escalas, dentre outros. Há uma correlação entre os fatores externos e internos que são demonstrados a partir dos objetos, ações, as técnicas, as particularidades e as mais diversas instâncias que juntos, explicam a totalidade dos fenômenos que preexistem no espaço.

Portanto, a partir dos procedimentos metodológicos que foram adotados para alcançar os objetivos desta pesquisa, esses procedimentos foram divididos em duas etapas. A primeira de caráter teórico e a outra empírica. Assim foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: Levantamentos e análises bibliográficos e documentais, trabalho de campo, observação sistemática direta, aplicação de formulários de campo e realização de entrevistas. Esses instrumentos são de grande importância para compreender o objeto de estudo por meio do recorte espacial de análise.

Assim sendo, este trabalho foi organizado e construído a partir de algumas etapas como, Leituras em artigos científicos, teses, documentos oficiais, dissertações, capítulos de livros e

trabalhos de conclusão de curso que fornecem possibilidades para a construção da pesquisa e que auxiliam na compreensão dos principais conceitos e temas que norteiam esta pesquisa;

O levantamento bibliográfico teve como fonte de buscas, alguns *sites* que disponibilizam o acesso gratuito à tais obras, alguns dos que foram utilizados são: *Google Acadêmico; Revistas de Programas de Pós-Graduações em Geografia; Resumos e Artigos de Anais de Eventos; Ebooks de acesso livre; Revistas de Geografia em geral.*

Foram realizados também, levantamento bibliográfico de caráter histórico-geográfico sobre a cidade de Brasil Novo, a partir de artigos científicos, documentários e demais documentos que fazem alusão à formação histórica e espacial de Brasil Novo.

A obtenção de dados secundários em órgãos oficiais, instituições de pesquisa, sites do governo, secretarias se fizeram importantes durante a busca de documentos oficiais de políticas públicas que são essenciais tanto para a compreensão do lócus de estudo quanto para a elaboração dos mapas que foram utilizados na pesquisa. Para a construção das representações cartográficas foram coletados os dados espaciais, obtidos por meio de mapas e imagens de satélites e, diante disto, as ferramentas utilizadas para a elaboração dos mapas temáticos foram o *QGIS 3.18.0-Zürich; Google Earth Pro; Dados do IBGE; Open Street Map.*

Também foram realizadas atividades de campo para a coleta de dados e aplicação de formulários a partir de perguntas semiestruturadas. Nessa etapa utilizou-se o *Kobotoolbox*, que é uma ferramenta de uso livre (open source) que auxilia na coleta de dados a partir de dispositivos telemóveis.

A primeira atividade de campo na cidade de Brasil Novo/PA ocorreu no dia 10 de novembro de 2023, sendo proposta durante a disciplina de Geografia Econômica na turma de Geografia 2022 da Faculdade de Geografia do Campus de Altamira, pelo professor regente Dr. José Antônio Herrera em parceria com o Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais da Amazônia - LEDTAM. A ideia era aproximar as pesquisas dos discentes do laboratório para que os alunos pudessem ter melhor compreensão das dinâmicas econômicas presentes nas cidades da Transamazônica.

Durante a atividade de campo com a turma, foram aplicados um total de 90 formulários, distribuídos entre os Bairros Centro (40 formulários), Bairro Cidade Alta (29 formulários) e Bairro Jardim Valadares (21 formulários). A escolha dos bairros foi intencional, tendo sido determinado o Bairro Centro devido as atividades comerciais serem desenvolvidas

principalmente neste lócus; a escolha do Bairro Cidade Alta foi norteada pela ideia de visitar um dos bairros mais antigos da cidade e em contraponto, o Bairro Jardim Valadares, que é um dos mais recentes e, diferente do bairro Cidade Alta, o bairro Jardim Valadares é um bairro particular.

Desta forma, o contato com as diferentes realidades e com os dados coletados, possibilitou ter uma visão mais ampla sobre as dinâmicas urbanas presentes em Brasil Novo/PA. É válido ressaltar que não houve critérios para a realização das entrevistas a não ser coletar os dados com os moradores que se disponibilizassem a participar da pesquisa.

Da mesma forma, esta aplicação de formulários não foi submetida a um comitê de ética, pois a atividade estava inserida como parte das ações pedagógicas da turma de Geografia, caracterizando-se como uma prática de ensino e aprendizagem em ambiente acadêmico escolar. Não houve coleta de dados pessoais sensíveis, nem intervenção direta nos participantes que justificasse tal submissão.

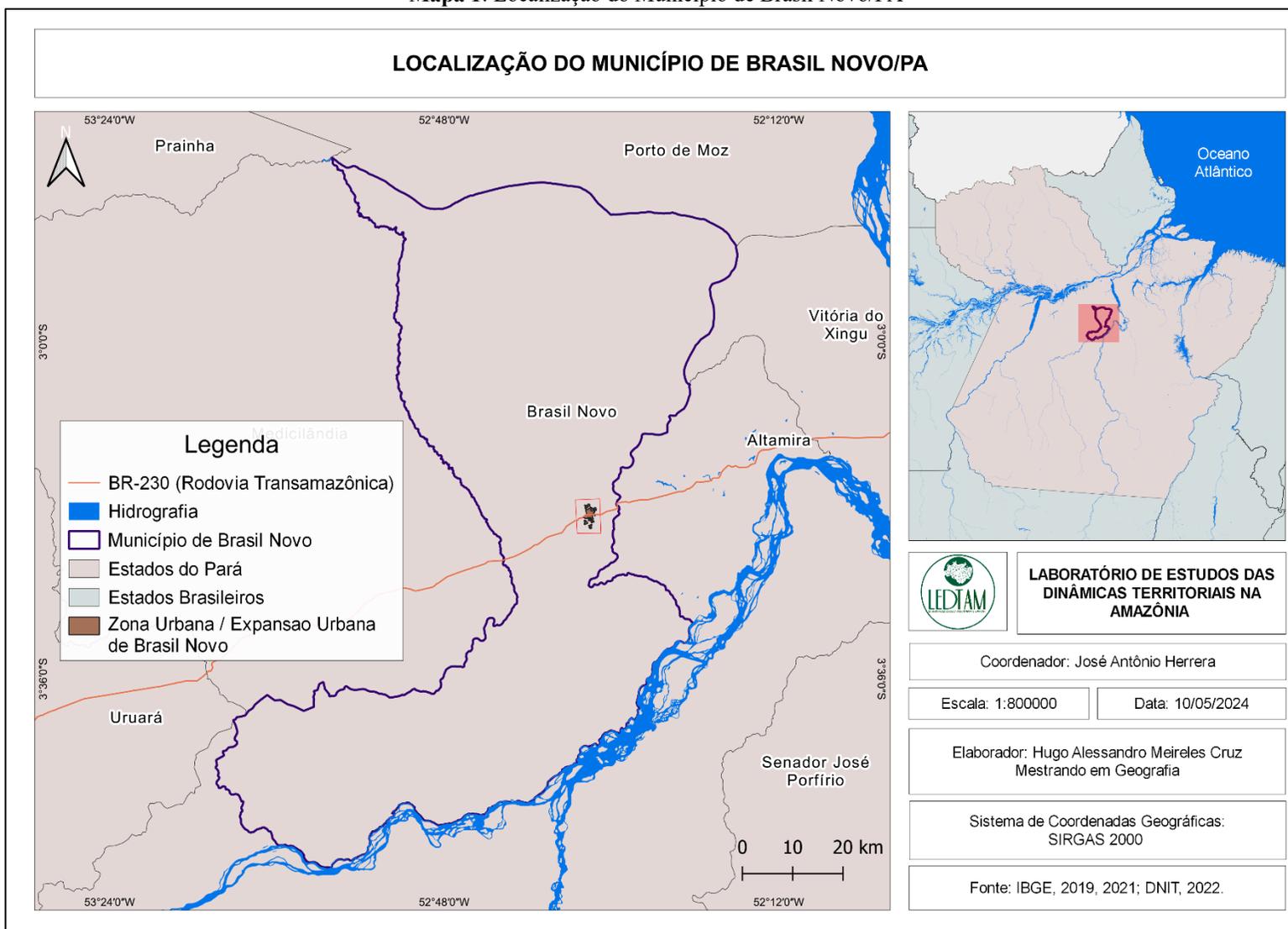
Outras visitas à campo também foram executadas, nos dias 09, 10, 11 e 12 de abril de 2024, uma atividade do LEDTAM em parceria com a Prefeitura Municipal de Brasil Novo. O intuito da atividade foi realizar entrevistas abertas com agentes que conhecem e/ou participaram do processo de formação da cidade de Brasil Novo, grava-las e por fim, produzir um documentário que foi intitulado “*A miscigenação cultural de Brasil Novo*”¹. Mesmo que o objetivo fosse produzir o documentário, parte das informações coletadas ajudaram na produção desta pesquisa;

Ademais, para a organização das informações coletadas em campo, foi criado um banco de dados, com o auxílio do Microsoft Excel para sistematização, análise e interpretação estatísticas das informações repassadas pelos entrevistados, bem como foi utilizado o programa *Canva*, que é uma ferramenta gratuita de design gráfico para a produção dos gráficos e figuras utilizadas nesta dissertação.

Como lócus de pesquisa, foi escolhido a cidade de Brasil Novo/PA (mapa 01), na tentativa de compreender a dinâmica intraurbana da cidade, levando em consideração o estudo dela como uma cidade pequena na Amazônia e todo o seu processo de formação socioespacial.

¹ Disponível em: <https://youtu.be/ffspzdnpsWs?si=s7wZ-qFQp90d144f>.

Mapa 1: Localização do Município de Brasil Novo/PA



Fonte: IBGE, 2029, 2021; DNIT, 2022. **Elaboração:** Autor (Cruz, 2024)

Desta forma, apresenta-se um panorama dos capítulos que estão presentes nesta dissertação:

No capítulo 1, intitulado “**Cidades Pequenas: Reflexões Teóricas e Perspectivas na Amazônia**”, busca-se trazer elementos que possam contribuir nos estudos das redes urbanas amazônicas e sua relação com o entendimento das cidades pequenas, sendo estas, temáticas que possuem múltiplas teorias e perspectivas que respondem aos modos de produção espacial de cada uma delas.

No capítulo 2, intitulado “**Formação Socioespacial da Cidade de Brasil Novo – Pará**”, este capítulo tem como premissa, buscar os principais fatores históricos que contribuíram para a formação da cidade de Brasil Novo, identificando os processos e dinâmicas que possam explicar as transformações socioespaciais nela ocorrida.

No capítulo 3, intitulado “**As Dinâmicas Urbanas da Cidade de Brasil Novo**”. Tem o intuito de evidenciar as sistematizações originadas das pesquisas em campo e apresentar os resultados que foram obtidos a partir da sua análise, como forma de destacar as principais particularidades da cidade de Brasil Novo – PA como uma cidade pequena na Amazônia.



C *APÍTULO 1*

CIDADES PEQUENAS: REFLEXÕES TEÓRICAS E PERSPECTIVAS NA AMAZÔNIA

As cidades pequenas são responsáveis por parte considerável das transformações e das dinâmicas que influenciam as redes urbanas e são responsáveis por promover intenso fluxo tanto de pessoas, como de informações e de mercadorias, para gerar maior circulação do capital. Soares e Melo (2009, p. 42) apontam que as cidades pequenas são entendidas como “especialidades que compõem a totalidade do espaço brasileiro, na condição de partes integrantes e interagentes”. Ou seja, as características das cidades pequenas (e demais cidades médias, grandes etc.) respondem ao contexto histórico e regional que se inserem e com isso demonstram especificações distintas de outras cidades, por mais que estejam inseridas na mesma rede urbana.

Este primeiro capítulo tem como objetivo trazer elementos que possam contribuir nos estudos das redes urbanas amazônicas e sua relação com o entendimento das cidades pequenas, sendo estas, temáticas que possuem múltiplas teorias e perspectivas que respondem aos modos de produção espacial de cada uma delas.

1.1 Produção do espaço e o entrelaçamento entre a rede urbana e o estudo das cidades.

O estudo do fato urbano tem sido analisado e compreendido por intermédio das variadas perspectivas e contextos ao qual as cidades vieram se inserindo ao longo do tempo, principalmente quando relacionado com o intenso processo de urbanização que ocorreu no Brasil no século XX. A urbanização e o sistema urbano representam, de certo modo, as mudanças territoriais pelas quais o país passou ao longo do seu período histórico. Nesse contexto, destaca-se que as formas pelas quais as atividades econômicas se distribuem e se movimentam pelo território possuem um papel fundamental em estimular e direcionar os seus processos de urbanização.

Diante disso, Castro (2009) contribui:

No Brasil, a expansão urbana deu-se lentamente, à medida que as bases da economia colonial foram assentadas, definindo a relação campo-cidade e a apropriação da terra em grandes latifúndios. O modelo de povoamento ancora-se nos ciclos econômicos e na lógica do trabalho escravo nas fazendas, no interior, e nas cidades. Por intermédio das cidades, também se realiza o escoamento da produção. Esse padrão caracterizará a relação campo-cidade no país. As cidades, com algumas exceções, localizavam-se na costa. Tinham a função de organizar o mercado, os fluxos de comércio e de exportação, o controle do trabalho e da mão-de-obra escrava, sendo postos avançados da produção localizada no interior (Castro, 2008, p. 18).

A urbanização é considerada como um elemento intrinsecamente ligado e influenciado pelas tomadas de decisões sobre as dinâmicas das atividades econômicas no espaço. Desta forma, Jurado da Silva e Sposito (2009, p. 204) afirmam que esse processo de urbanização nos últimos anos, enfrentaram considerável “ampliação do número e tamanho das cidades, bem como o aumento da concentração de população no espaço urbano em relação aos habitantes do espaço rural”. Embora esse contingente populacional não seja um elemento principal para determinar os aspectos formais de uma cidade, ele continua sendo importante para analisar as relações que são estabelecidas no espaço urbano (Davidovich e Geiger, 1961).

O espaço urbano por ser o lócus de produção e reprodução do capital frente ao processo de urbanização, acaba por atrair a população sobretudo do campo em busca de melhorias nas condições de vida, como por exemplo, maior possibilidade nas ofertas de estudos, de empregos e demais bens e serviços que a vida no espaço urbano pode oferecer, diferente das oportunidades que são encontradas no campo, que de certo modo, são limitadas quando comparadas ao espaço urbano.

De acordo com os apontamentos de Lefebvre (1999, p. 22), o “espaço urbano torna-se o lugar do encontro das coisas e das pessoas, da troca”, ou seja, é no espaço urbano que as relações de toda ordem se manifestam e surgem como “pontos de concentração de mão-de-obra para abertura de matas, garimpos ou de apoio direto de circulação” (Becker, 1990, p. 54). Além do mais, Santos (2020, p. 64) fala que as cidades “se tornam outra coisa em relação ao que eram” na medida em que os tipos de relações da sociedade vão se intensificando (sejam econômicas, políticas, sociais, etc.).

Nas proposições de Santos (2020), dependendo da localização, o espaço é produzido de formas diferenciadas, e, ao considerá-lo como uma das instâncias da sociedade (econômica, política, cultural), entende-se que ele seja um elemento chave que tem a capacidade de moldar diretamente as relações produtivas e a organização da sociedade:

O processo direto da produção é, mais que as outras instâncias produtivas (circulação, repartição, consumo), tributário de uma peça determinada de território, especialmente organizado por uma fração da sociedade para o exercício de uma forma particular de produção (Santos, 2020, p. 81).

O processo de produção do espaço ocorre especialmente com efeito da interação das instâncias da sociedade, mas cabe também entendê-lo a partir da sua formação socioespacial, noção proposta por Santos (1982, p. 12) que em sua premissa permite o entendimento das noções econômicas e sociais a partir do “conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e

nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução”. Ou seja, para entender a formação socioespacial é necessário olhar para o objeto em sua totalidade, levando em conta as suas partes e como elas estão interagindo entre si, tendo em mente que, a cada período histórico em que essa sociedade se encontra, suas dinâmicas e processos podem ser distintos, mas que estão em constante interação.

Em virtude dessas colocações, percebe-se que o espaço urbano pode ser entendido e utilizado a partir de diferentes formas, sendo um espaço de relações pessoais que pode ser determinado por uma área, um local de circulação comercial, uma cidade, etc. Entretanto, por mais que haja a possibilidade de atribuir ou “fragmentar” o seu entendimento, Corrêa (1989, p. 7) aponta que o “espaço urbano é acima de tudo, articulado, cada uma das suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável e é considerado como uma organização espacial da cidade”.

As relações entre cidade e urbano produzem um conjunto de fatores que podem ser específicos e explicativos para qualquer que seja o contexto que se pretende analisar. A cidade em sua amplitude e multifunções é o lócus de projeção das atividades urbanas, mas que também, é um espaço que poder ser produzido pelas atividades do campo (Monte-Mor, 2004). Neste sentido, nota-se que é um pouco complexo distinguir quando é urbano e quando é rural pelas relações e até mesmo pela própria paisagem de ambos, no entanto, é possível se ter compreensão da complexidade a partir do estudo das dinâmicas e das práticas socioespaciais (Sposito, 2008) que são estabelecidas. E quando se refere aos processos socioespaciais na cidade, o mesmo autor supracitado também contribui:

Como a cidade é estruturada por processos contraditórios, não se deve encará-la como uma totalidade fechada. Ao contrário, ela deve ser compreendida como uma totalidade em constantes transformações. E as modificações que ocorrem em locais específicos podem acarretar mudanças qualitativas em outras áreas. Por exemplo, a implantação de uma via de circulação rápida muda os fluxos de veículos; a construção de um conjunto residencial altera, qualitativamente, a localização da moradia dos habitantes, o fluxo de deslocamentos que esses habitantes estabelecem pelas vias de circulação da cidade e, mais ainda, os fluxos de mercadoria, energia e informação. Com isso, as singularidades da cidade implicam mudanças na apreensão de sua totalidade, intermediadas pelos processos de trabalho, que envolvem pessoas e instituições (Sposito, 2008, p. 35).

O espaço como totalidade se remete à acumulação de processos do passado que ajudam a compreender o movimento da atual situação espacial da sociedade. Desta forma, o espaço produzido engloba em sua totalidade, mudanças e transformações que as cidades (neste caso), sofrem com o passar do tempo, levando em consideração que, com o espaço urbano essa

dinâmica não é diferente, pois, ele é resultado do que foi construído historicamente, sendo refletido no presente ações que foram impostas no passado (Santos, 2023).

Portanto, entende-se que não existe urbano sem a cidade e nem a cidade sem o urbano. Por meio disso, cabe ter noção sobre a importância de entender esses espaços em sua totalidade, como um objeto que está em constante transformação. Santos (2020, p. 67) aponta que é necessário que se tenha a compreensão da estrutura, processo (tempo e mudança), função e as noções da forma.

Essas categorias auxiliam a compreender que a organização socioespacial não é algo estático, mas que está em constante movimento, assim como aponta Santos (2020, p. 69), quando fala sobre a *estrutura, processo, função e forma*. A *Estrutura* relaciona-se com as “inter-relações de todas as partes de um todo” que significa os processos que orientam os modos de produção, representa a construção ou organização de algo para que tenha novas funções; O *Processo* se define por “uma ação contínua... implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”, ou seja, os processos de um determinado objeto podem ser modificados por influências tanto externas quanto internas (interesses políticos, culturais, sociais, etc.); a *Função*, que é a “atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa”, e por fim; a *Forma*, se refere ao “aspecto visível de uma coisa”, podendo tratar-se dos objetos e estruturas que foram construídos no espaço com determinadas funções.

Além dos entrelaçamentos entre a produção do espaço urbano e suas repercussões na organização espacial, é fundamental compreender que apesar dos movimentos dialéticos que ocorrem dentro do espaço intraurbano, também é crucial considerar os movimentos interurbanos, que são as dinâmicas estabelecidas entre diferentes centros urbanos. Nesse contexto, ao refletir sobre a cidade e reconhecer que seu desenvolvimento atual é influenciado por seus contextos históricos, é importante destacar que esses fatores conferem a ela funções que podem influenciar e ser influenciadas à medida que são integradas ao espaço regional e à rede urbana. E por falar em rede urbana, Corrêa (1999) afirma:

A rede urbana entendida como um conjunto de centros funcionalmente articulados, constitui-se em um reflexo social, resultado de complexos e mutáveis processos engendrados por diversos agentes sociais. Desta complexidade emerge uma variedade de tipos de redes urbanas, variadas de acordo com combinações de características, como o tamanho dos centros, a densidade deles no espaço regional, as funções que desempenham, a natureza, intensidade, periodicidade e alcance espacial das interações e a forma de rede [...] (Corrêa, 1999, p. 48).

É evidente que as cidades estão intrinsecamente ligadas ao funcionamento da sociedade, sendo afetadas pelos fluxos técnicos e informacionais tanto dentro quanto fora da rede urbana, além de outras dinâmicas decorrentes dessa integração espacial entre os centros urbanos. Em outras palavras, a rede urbana é um sistema complexo e dinâmico, influenciado por diversos agentes sociais que promovem seu constante movimento de evolução. Como afirma Santos (2023, p. 277) “[...] as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não passivas, as redes não têm em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social”.

Convém apontar também que a rede urbana além de contribuir efetivamente com a organização e a interconexão entre as cidades em níveis hierárquicos, “viabiliza assimilar o mais complexo ciclo de reprodução do capital e a divisão do trabalho, e a compreender que a vida política é também influenciada pela rede de cidades” (Pompeu, 2020, p. 47). Ou seja, a rede urbana pode ser considerada um grande sistema de interconexão entre cidades. Essa interconexão facilita e estimula a circulação de recursos e transações, tanto entre as cidades da própria rede quanto com outras localidades. Além disso, a rede urbana distribui funções econômicas específicas entre as cidades, o que contribui para uma maior produtividade entre os núcleos urbanos. Dessa forma, Melo e Amaral (2023) destacam:

A importância que as cidades assumem do ponto de vista de seus novos papéis, da diversidade de suas tipologias e a integração entre elas, conformando a rede urbana, é fundamental para a compreensão das diversas formas de expressão da urbanização sob os auspícios da reprodução hegemônica, sendo os núcleos urbanos e a importância de seus serviços como fundamentais para a acumulação e a expansão da rede e os investimentos produtivos (Melo; Amaral, 2023, p. 18).

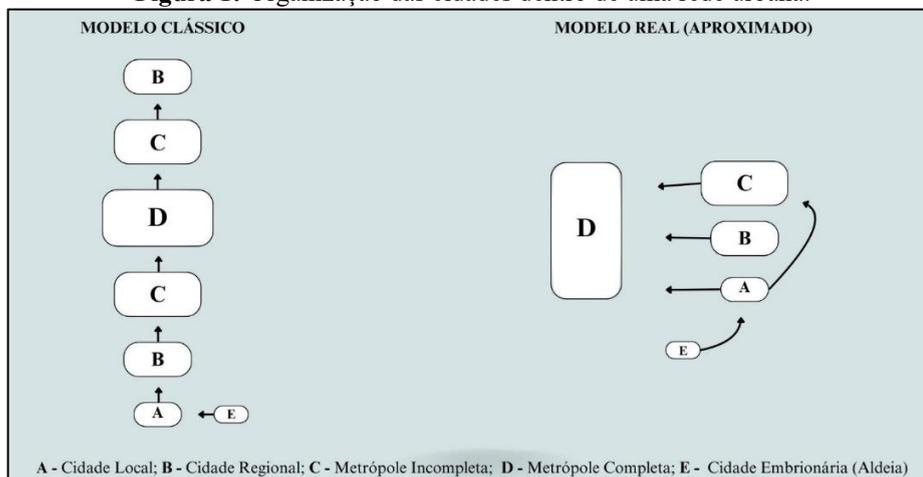
Conforme os autores supracitados, entende-se que os núcleos urbanos bem como os serviços que estes ofertam são fatores essenciais para contribuir no que tange a acumulação de recursos e o poder de influenciar na expansão da rede urbana. Ademais, estes núcleos enquanto estão integrados desempenham um papel crucial nos investimentos produtivos, ou seja, os investimentos da rede urbana como um todo contribuem efetivamente para o crescimento econômico e o desenvolvimento nas áreas urbanas.

No entanto, algumas questões são importantes para se compreender as dinâmicas das redes urbanas, sobretudo, as diferenciações funcionais das cidades que estão inseridas nelas, que, para além dos fatores relacionados as interações entre as cidades (articulações entre centros urbanos menores e maiores), tem as demais relações espaciais que na medida em que há a intensificação da globalização, se é dado novos padrões de organização dos núcleos urbanos

que estão inseridos na rede. Conforme destacam Sathler, Monte-Mor e Carvalho (2009, p. 12), “a rede urbana é concebida como um conjunto de centros funcionalmente articulados e, nesse sentido, a intensificação da globalização em vastas áreas do mundo tem remodelado os padrões de hierarquia e de relacionamento entre as cidades”.

Esse sistema de hierarquia urbana se refere à forma na qual os centros urbanos estão organizados na rede urbana, baseado nessa distribuição, Santos (1997) propôs a atribuição de dois possíveis modelos (Figura 01) de organização das cidades dentro de uma rede, uma considerada como um esquema clássico tradicional (modelo clássico) e um esquema clássico atual (modelo da situação real “aproximada”) que foi muito pensado à medida que o país foi perpassando pelo seu processo de industrialização.

Figura 1: Organização das cidades dentro de uma rede urbana.



Fonte: Santos (1977, p. 54).

O modelo clássico refere-se ao desenvolvimento de uma rede urbana que possui uma estrutura que pode lembrar uma pirâmide. Isso significa que a rede urbana é organizada de forma hierárquica, representando as cidades menores na base e as cidades maiores no topo. Apesar de ter uma cidade metrópole (D) como a de mais alto nível na hierarquia, as demais cidades podem se tornar polarizadoras, havendo assim polarizações secundárias, em relação as menores. Não esquecendo do papel da metrópole em influenciar na rede urbana, pois, ela exerce a função de fornecer produtos e serviços que estão fora do alcance local. No entanto, todas as cidades dependem da cidade superior (por exemplo: E depende de A; A depende de C; C depende de D), para garantir o fornecimento de produtos e serviços especializados que não estão ao se alcance local (Santos, 1977).

Santos (1997) ao atualizar o modelo de organização das cidades para o “modelo real”, levou em consideração o período no qual o país se adentra ao processo de industrialização, e

esses movimentos de inserção da técnica e informação fizeram com que as cidades que antes perpassavam pelas cidades de nível mais alto, começaram a ter contato com aquela considerada mais importante da rede urbana, como ilustra o modelo. Ou seja, a partir do contexto da urbanização, as redes urbanas se tornaram o principal canal por meio do qual a produção, a circulação e o consumo passaram a ser efetivamente realizados (Corrêa, 2006).

Entretanto, os papéis das cidades na rede urbana são entendidos a partir dos processos de estruturação regional ao qual cada região está integrada, e, a partir dessa perspectiva, revelam as dinâmicas existentes em cada uma delas levando em consideração as hierarquias que são estabelecidas entre as cidades da rede, além das dinâmicas que são estabelecidas entre si.

1.1.1 Urbanização e a rede urbana na Amazônia.

Quando pensamos sobre como os espaços se inserem e interagem com a dinâmica do mundo capitalista, podemos notar que essa conexão pode proporcionar, conseqüentemente, um maior desempenho no que tange o seu crescimento econômico quando são alinhados com esses interesses da economia global. No entanto, é importante frisar que essa influência não é homogênea em todos os lugares, pois, quando se é observado com mais detalhe os papéis que esses lugares possuem, sob o contexto da globalização, especialmente as cidades da Amazônia, fica evidente a diversidade de tipologias e de realidades em que elas foram se articulando no espaço, dentre as diferentes dimensões do local e do global.

Segundo Bartoli (2018, p. 5), o fenômeno urbano na Amazônia é interpretado a partir da “identificação de processos contraditórios, baseados num tripé: a destruição das formas espaciais existentes; a criação de resistências e a reconstrução de formas e conteúdos espaciais dotados de novas dimensões e significados”. Ou seja, as dinâmicas territoriais na Amazônia são bastante complexas e buscar compreender como essas mudanças espaciais ocorreram/ocorrem são essenciais para lhes atribuir novos significados e dimensões sobre o fenômeno urbano nessa região.

Vale ressaltar que a Amazônia que aqui nos referimos, se trata da Amazônia Brasileira, que em termos oficiais foi denominada por Amazônia Legal pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pela Lei 1.806 de 6 de janeiro de 1953, com a criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), atual Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), e pela Lei Complementar no 31, de 11 de outubro de 1977.

Todavia, ao buscar entender o processo de urbanização da Amazônia, pretende-se neste fragmento do texto considerar a sua periodização na organização espacial da região, conforme

Corrêa (1987, p. 39) contribui ao falar que “a periodização como uma operação intelectual que permite definir os tempos históricos, onde em cada um deles o pesquisador torna visível e inteligível”, ou seja, a urbanização na Amazônia, sobretudo sua rede urbana, foi se organizando espacialmente assim que novos momentos foram se sobrepondo um sobre os outro, sendo assim, novas temporalidades e novas formas de organização espacial. O autor supracitado também contribui:

A rede urbana da Amazônia reflete e reforça as características sociais e econômicas regionais, incorporando através dos padrões de localização dos centros urbanos, de suas funções e de sua dinâmica, os diferentes tempos espaciais que estão presentes nos diversos segmentos da rede urbana (Corrêa, 1987, p. 42).

Na Amazônia Legal as redes urbanas foram se caracterizando à medida que o Estado foi adentrando aos espaços e promovendo intenso surgimento das cidades, sobretudo, devido a sua inserção as outras esferas e escalas externas ao local. Não deixando de mencionar que os rios eram considerados como o único meio de acesso a algumas cidades que estavam em meio às florestas, eles eram o principal curso de interconexão entre elas, até meados dos anos de 1960.

Considera-se que a Amazônia passou por diferentes momentos de urbanização, estes podem ser divididos de acordo com distintas abordagens a depender a literatura acessada. No entanto, cabe reconhecer que as interpretações mais comuns apontam para duas grandes fases ou momentos principais, mas há também abordagens que detalham mais períodos.

Desta forma, Castro (2008, p. 25), destaca que a Amazônia perpassou por dois momentos principais que influenciaram no seu processo de urbanização, esses momentos consideram-se por dois padrões, sendo eles de “regularização” e de “ocupação urbana” que o Estado planejou pensando nas lógicas de mercado. Higa (2011, p. 110) também interpreta esses momentos da seguinte forma, considerando que “o processo de urbanização da Amazônia pode ser dividido e analisado tomando-se como referência a década de 1960, que se constituiu em divisor das políticas ocupacionais do país”.

Até 1960, ocorreu o primeiro padrão de ocupação e povoamento na Amazônia, sendo este considerado o período de intenso processo de exploração da borracha, o mesmo período ao qual o reflexo de acesso às cidades se dava por meio dos rios, conseqüentemente até a criação dessas cidades se davam por esse motivo, já que era o único meio de escoação dos produtos (como a borracha) que eram extraídos na floresta. Nesta fase da economia voltada para a exploração da borracha, a Amazônia contava com dois centros principais de polarização que ficava em Belém e Manaus, as quais eram responsáveis por receber grande parte da produção

de origem extrativa e tinham a responsabilidade de repassar esses produtos aos mercados externos.

O segundo padrão de ocupação e povoamento, como acima mencionado, partiu da década de 1960, quando o governo federal propôs a implementação da abertura da fronteira agrícola e ocupacional com interesse para integrar a Amazônia Legal à economia nacional e em explorar a região em busca de minérios e investimentos agropecuários. Estes investimentos promoveram intenso processo de crescimento urbano e multiplicação das cidades as margens das rodovias. Além disso, pautadas pelas políticas de integração da Amazônia, ocorreu não só forte processo de urbanização como também ampliação de novas formas de acesso e propagação das redes urbanas regionais. Diante disto, Corrêa contribui:

Na Amazônia esta diferenciação de tempos espaciais é muito marcante no âmbito da rede urbana. Tão marcante que se pode falar em segmentos "velhos", que possuem um tempo espacial longo, e segmentos "novos", como exemplifica-se com as cidades ribeirinhas, de um lado, e as cidades e os embriões urbanos que surgiram recentemente ao longo dos grandes eixos rodoviários que rasgaram a Amazônia (Corrêa, 1987, p. 40).

É importante então ter em mente que nessa região do Brasil, na Amazônia brasileira, se tem uma especificação para cada conjunto ou rede de cidades e cada uma delas possuem processos espaciais que não são semelhantes, o que lhes cabem padrões únicos em sua escala local de desenvolvimento econômico, políticos e sociais. Noutros termos, “não existe homogeneidade do espaço, como, também, não existe homogeneidade das redes” (Santos, 2023, p. 267). Desta forma, percebemos que o processo de urbanização ocorrido na Amazônia, desempenhou fortes transformações nas dinâmicas socioespaciais, diversificando as formas de interação entre os núcleos e lhes conferindo características específicas para a evolução da rede urbana, que corresponde justamente às diferentes dinâmicas populacionais, econômicas e demais instâncias funcionais das cidades e suas redes.

Concatenando as novas formas de urbanização e organização econômica da Amazônia, especialmente a partir das últimas décadas do século XX, novos polos regionais foram se concretizando e tomando a responsabilidade de centros de distribuição, ao que, até então, eram demandadas pelas cidades de Belém e Manaus. Não querendo dizer que essas cidades perderam sua importância, muito pelo contrário, agora são consideradas como metrópoles regionais que polarizam a Amazônia e “compartilham as articulações e fluxos regionais com outras cidades, particularmente as capitais estaduais, que passaram a exercer, em seus respectivos estados, as

principais funções urbanas em termos de oferta de serviços e centralização de fluxos” (Higa, 2011, p. 117).

Além das metrópoles e as cidades articuladas em prol dos fluxos econômicos na Amazônia, soma-se aqui as dinâmicas espaciais presentes nas cidades pequenas com relação à rede urbana, nesse contexto, há diferentes formas de interação entre elas com as demais cidades integrantes da rede. Como aborda Trindade Jr. (2023, p. 223) ao tratar da complexidade socioespacial amazônica, ao exigir “reconhecimento de sua diversidade natural (biodiversidade), social (sociodiversidade) e urbana (urbanodiversidade)”. O termo urbanodiversidade se refere a grande diversidade regional ao qual o fenômeno urbano se expressa, levando em consideração não somente os múltiplos tamanhos de cidades, mas suas dinâmicas espaciais e sobretudo suas especificidades.

1.2 Notas sobre o estudo das Cidades/Cidades Pequenas no Brasil.

O estudo das cidades tem sido realizado com maior proporção a partir do processo de urbanização que se tornou predominante no Brasil ao longo da segunda metade do século XX (Medeiros, 2005), a partir de quando diversos autores passaram a ter as cidades como objetos de pesquisas, visto que esse período foi fortemente marcado pelas transformações ocorridas frente ao aumento populacional nas áreas urbanas e as fortes migrações do campo para a cidade. Esses diversos fatores foram responsáveis por tais mudanças, o que gerou tamanha diversidade urbana.

A cidade é um objeto complexo de ser compreendido, quiçá defini-lo, como remonta Souza (2020, p. 24) que elas possuem “imensa variação de casos concretos”, ou seja, são assentamentos humanos que se destacam por sua imensa diversidade. Toda cidade, do ponto de vista geoeconômico, é uma localidade central, com nível maior ou menor de acordo com sua centralidade, e, as cidades com maior oferta de bens e serviços podem atrair consumidores de regiões mais distantes, até mesmo de outros países; já aqueles com menor oferta de serviços geralmente têm outros centros urbanos de maior importância como referência para atividades cotidianas de sua população (Souza, 2020).

Mesmo que haja particularidades entre as cidades, seus interesses em se posicionarem como centros econômicos de suas intermediações são, por vezes, comuns, pelo menos em parte, já que cada uma delas se organiza e oferece bens e serviços singulares em comparação com as demais. Segundo as proposições de Christaller (1966), existe um grande sistema de cidades onde se dão determinados status a cada uma delas inserida nesse grupo, ou seja, elas são

organizadas hierarquicamente a partir dos bens e serviços oferecidos. Esses elementos são responsáveis por conferir a elas um grau de centralidade dentro desse sistema, como bem destacado por Christaller (1966):

The surplus of importance shows us the degree to which the town is central. Thus, a conclusion may be drawn as to the size of the region which is supplied from the town (the greater the surplus importance of the central place, the larger the size of its complementary region). Let us in this sense speak simply of the *centrality* of a place, and understand *centrality* to mean the relative importance of a place with regard to the region surrounding it, or the degree to which the town exercises central functions. Thus we are able to speak of a higher, lesser, increasing, or decreasing centrality of a place (Christaller, 1966, p. 18)².

Neste sentido, reconhecemos que há particularidades entre as cidades a partir do seu nível de influência e dos papéis (econômicos, sociais, políticos) em que elas desempenham, sendo refletidas pelas articulações entre elas no conjunto de cidades que estão inseridas (rede urbana).

Contudo, ao analisar os papéis que são dadas a cada uma delas, hierarquicamente, observa-se que não é uma tarefa fácil para definir uma cidade, sobretudo no mundo contemporâneo, pois, de acordo com Sposito (2008), “é uma tarefa que exige consideração de vários elementos que se relacionam historicamente em diferentes parcelas dos territórios, com intensidades e dinâmicas específicas em cada caso”. Frente a isso torna-se ainda mais complexo, quando se trata de definir a cidade levando em consideração os processos de urbanização. As relações entre cidade e urbano produzem um conjunto de fatores que podem ser específicos e explicativos para qualquer realidade ao qual pretende-se analisar.

Ao realizar suas primeiras conclusões sobre a cidade, Sposito (2008) utiliza as proposições de Beaujeau-Garnier, quando aponta que a cidade possui “concentração de homens, de necessidades, de possibilidades de toda espécie” e que para além de ser um local de grandes organizações e transformações, a cidade é como um “sujeito e objeto”. Ou seja, a cidade para Sposito (2008, p. 14), “revela os interesses e as ações da sociedade e, ao mesmo tempo, oferece condições para que esses interesses e ações se realizem, contribuindo para determinar o próprio movimento desses conjuntos de ações”.

Desta forma, levando em consideração que o Brasil passou por um intenso processo de urbanização a partir do século XX, algumas cidades passaram a exercer novos papéis e um nível

² Tradução do autor: O excedente de importância mostra-nos o grau em que a cidade é central. Assim, pode-se concluir quanto ao tamanho da região que é abastecida pela cidade (quanto maior a importância excedente do lugar central, maior o tamanho de sua região complementar). Façamos, nesse sentido, simplesmente da centralidade de um lugar, e entendamos centralidade como significando a importância relativa de um lugar em relação à região que o cerca, ou o grau em que a cidade exerce funções centrais. Assim, podemos falar de uma centralidade maior, menor, crescente ou decrescente de um lugar (Christaller, 1966, p. 18).

maior de importância quanto ao seu “status” na hierarquia na rede urbana, no momento que reúne alguns processos e condições que são necessárias para que o capitalismo se adentre com maior facilidade. A cidade passa então a atuar fortemente como mediadora na divisão social do trabalho (Sposito, 1988). Ela é o local onde estão concentrados os principais e fundamentais meios de produção, os fluxos econômicos, as atividades comerciais e, também, a mão de obra necessária para o funcionamento do sistema econômico e das relações sociais, por isso a importância da cidade para o desenvolvimento do sistema capitalista. E por falar em divisão territorial do trabalho, é importante destacar que as cidades pequenas estão intimamente associadas a essa lógica de produção e reprodução capitalista, como explicado por Santana (2012):

No recente processo produtivo, as cidades podem adequar-se, ou não, às exigências das empresas nacionais ou globais, isto é, nem todas as cidades são imediatamente incorporadas à dinâmica relativa ao sistema de cidades sob a lógica capitalista. Desta forma, as pequenas cidades [...], somente serão absorvidas quando de alguma forma contribuírem para a ampliação do lucro das empresas capitalistas (Santana, 2012, p.86).

É importante destacar que, apesar da cidade ser o lócus de projeção das atividades urbanas, ela também é um espaço que é produzido pelas atividades do campo. Por mais que haja complexidade em distinguir quando é urbano e quando é rural pelas relações e até mesmo pela própria paisagem de ambos, é possível se ter compreensão da complexidade a partir do estudo das dinâmicas e das suas práticas socioespaciais que são estabelecidas no espaço intraurbano (Sposito, 2008). Da mesma maneira, o autor supracitado contribui:

Essas dinâmicas são apreendidas pela localização das infra-estruturas e das atividades nos espaços: sistemas viários, fábricas, equipamentos comerciais e de serviços, residências, disposições das pequenas propriedades que definem os cinturões verdes - sobretudo nas proximidades das grandes cidades. Essas localizações se articulam entre si por sistemas de transportes, fluxo de telecomunicações e trajetos realizados pelos pedestres, entre outros (Sposito, 2008, p. 15).

Ao estudar essas cidades, para além dos aspectos que lhes são importantes para as dinâmicas produzidas no espaço (referindo-se aos movimentos econômicos, sociais, etc.), é necessário não perder de vista a gênese da formação da cidade, como por exemplo, identificar quais elementos foram responsáveis pelo seu surgimento e o papel que foram ganhando com o passar do tempo, contudo, sobre os efeitos da urbanização, pois, como afirma Sposito e Silva (2013, p. 53), “as cidades surgiam para oferecer sustentação às atividades do campo, que possibilitava ampliar suas relações sociais e econômicas, mas, sobretudo, aumentar os

processos de especulação fundiária e imobiliária”. Mas pontua-se também, as dificuldades que algumas dessas cidades possuíam em assegurar o seu nível de oferta, isso se relaciona com o que foi dito anteriormente, quando pensando no seu status na hierarquia de cidades de uma rede urbana.

A partir disso, cabe a esta pesquisa entender as diferentes proposições sobre as cidades pequenas, visto que, segundo Santos (2006), quanto menor a escala, maior é a complexidade do espaço. Ou seja, a interação entre as diferentes escalas pode ser reveladora de processos e elementos que demonstram as especificidades do espaço estudado. Sposito e Silva (2009, p. 205) também afirmam que as cidades pequenas têm sua importância no sentido de terem a capacidade para fazer um levantamento categorizando das dimensões do urbano e da cidade, tendo em vista que “[...] núcleos dessa magnitude, não apresentam dimensões populacionais muito complexas, o que permite avaliar com melhor clareza como se expressam as principais demandas da população”.

Cada cidade pequena possui elementos que podem ou não ser semelhantes às demais, como seus aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais e geográficos. Explorar essas nuances, significa dar importância para uma temática que pouco era discutida na geografia. Sendo um estudo importante no que tange a compreensão da cidade na divisão territorial do trabalho e dos movimentos dialéticos e características desses espaços urbanos. Para isso, leva-se em consideração seus fatores estruturais, econômicos e demais relações espaciais que influenciam direta e indiretamente a dinâmica das cidades pequenas do Brasil.

É importante destacar as disparidades que são encontradas em um território fruto do processo de sistema capitalista globalizado, quanto ao papel em que os pequenos centros urbanos desenvolvem na divisão territorial do trabalho, podem revelar não só as desigualdades encontradas no urbano dessas cidades quanto a função que elas assumem historicamente no seu processo do desenvolvimento da rede urbana. Desta forma, contribui Endlich (2011, p.152) quando fala que “as dinâmicas das cidades pequenas refletem a evolução demográfica do entorno e estão relacionadas à economia de mercado, com uma mínima divisão territorial do trabalho”.

Assim como é complexo definir o que são as cidades, ao falarmos sobre o termo “cidades pequenas”, também lhes cabe dificuldades para encontrar um conceito que unifique as complexidades e especificidades desses núcleos urbanos de “pequeno porte”. Nessa perspectiva, alguns autores que discutem as cidades pequenas, como Melo (2008, p. 438), afirmam que “as dificuldades apresentadas à análise da temática pequenas cidades são muitas”.

E essa diversidade de cidades vai ao encontro do que coloca Corrêa (2011, p. 6) ao se referir que “a pequena cidade tem diversas origens, não apenas considerando-se o período de sua criação, mas também face às motivações, agentes sociais e ao padrão de localização que condensa necessidades e possibilidades de criação de núcleos de povoamento”

Neste caso, as cidades pequenas também estão inseridas no contexto de transformações urbanas, frente as mudanças socioespaciais pois elas “inserem-se no quadro básico de urbanização e, por isso, tornam-se o resultado das transformações sociais ocorridas em diversas escalas” (Sposito; Silva, 2013, p. 51). Considerando o seu processo de transformação e que essas cidades foram ao longo do tempo ganhando maior importância no seu contexto urbano, Santos afirma:

As cidades locais mudam de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. As cidades dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, a telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (o que antes viviam nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados (Santos, 2008, p. 56).

As cidades locais, como acima mencionada, são consideradas por aquele espaço de pequena dimensão e assim que lhes foram conferindo importância, deixaram de servir como “cidades de subsistência” que atendia somente as necessidades primárias da população e adquiriu novas funções, como por exemplo, dadas como cidades locais com algumas formas de especializações (Santos, 1982). Mas essa é só mais uma tipologia de cidades pequenas frente as outras que possuem múltiplas funções e níveis de influência que ultrapassam as escalas locais.

Ao levar em consideração ao conjunto de fenômenos e ou atividades que são desenvolvidas nas cidades pequenas, Santos (1989, p. 15) utiliza de alguns parâmetros rígidos nacionais para caracterizar as cidades pequenas, ao qual a caracteriza a partir de “um marco de 20.000 habitantes para esse tipo de cidades”, no entanto, o mesmo autor ainda coloca que para definir essas cidades pequenas, é necessário ir muito além disso, é preciso analisar o “estágio de desenvolvimento e dinamismo” delas.

Alguns autores como Sposito e Silva (2013, p. 42) entendem que “a cidade pequena emerge como território da manifestação do urbano e como *locus* econômico na realização da mais-valia”. A depender da escala demarcada, as cidades pequenas se tornam locais onde se manifestam o ambiente urbano e das forças hegemônicas sobre a cidade, ou seja, os espaços de trabalho e as políticas e as relações sociais são os resultados emergentes desse poder. Da mesma forma, Silva (2021) afirma que “a cidade pequena é um lugar mundial simples onde a densidade

dos vetores da modernidade a constitui como lugar intensamente articulado à sua zona rural imediata”, essa interação da cidade pequena com o campo é influenciada não somente devido aos esses vetores da modernidade, como também em questões econômicas, sociais que causa o aumento populacional nas cidades médias e/ou grandes cidades.

Conforme a cidade pequena vai ganhando destaque e adquirindo novas formas de reprodução social e econômica, ela se expande rapidamente, e nesse processo, as pessoas migram do campo em busca de melhor qualidades de vida. Santos (1989, p. 38) afirma, que “o crescimento da população urbana se faz sempre em detrimento do campo ou das pequenas cidades”. Essa tendência é característica do processo de urbanização, que provoca uma série de efeitos e transformações espaciais. Nessa lógica de importância das cidades pequenas frente à urbanização, Sposito e Silva colocam em evidência:

A cidade pequena possui, portanto, uma materialidade no seu plano espacial, enquanto forma no processo de urbanização e uma imaterialidade que pode estar relacionada aos seus fluxos (de diferentes dimensões e natureza) que traduzem sentidos econômicos, políticos, culturais, etc. (Sposito; Silva, 2013, p. 31).

Ou seja, ao estudarmos as cidades pequenas frente a urbanização, é interessante pensar elas podem ser marcadas/entendidas pelo nível de dispersão demográfica característica desses espaços que são múltiplos em variados aspectos socioespaciais. Endlich (2016, p. 4) concorda ao afirmar que “mantemos uma expectativa de condição social e humana de vida vindoura, baseada nos avanços tecnológicos e científicos, superior a atual e que tem condições de realização nas cidades”, cabendo pensar que esses espaços enquanto são marcados por esse “fator” dispersão da população, lhe faz assentir que haja variados tipos de investimento que levem em consideração os valores sociais e humanos ali existentes.

O entendimento dessa dinâmica, pouco diversa, presente nesses tipos de cidades pequenas, viabiliza caracteriza-las de uma maneira diferente das demais que possuam uma “vida urbana” mais expressiva, onde os fluxos econômicos (por exemplo) implementam maior destaque de serviços e equipamentos que podem servir a sociedade local. Percebe-se então que há demasiadas formas de pensar as potencialidades e especificidades em que as cidades pequenas se encaixam, e para isso, Corrêa (2011) buscou contemplá-las criando tipologias de cidades que fossem ideais frente as suas complexidades, sobretudo, aplicado ao estudo das cidades na relação urbano e rural. Neste contexto, o autor ressalta (no quadro 01) que existem cinco tipos ideais dessas cidades pequenas:

Quadro 1: Tipos ideias de cidades pequenas no contexto urbano e rural.

Tipos de cidades	Descrição
Lugares centrais	São áreas onde se têm como principais atividades, aquelas voltadas para o setor agrário e sua localização tende a ser incorporada às áreas agrícolas modernizadas, sobretudo no campo ou na confluência entre o urbano e o rural, ou seja, são lugares centrais que podem oferecer diferentes serviços, insumos e assistência técnica.
Centros especializados	São centros onde em seu núcleo são desenvolvidas atividades específicas, seja elas voltadas para o setor têxtil, de mineração, confecção etc. Para além das atividades específicas, podem ser desenvolvidas outras atividades econômicas, mas elas não deixam de estarem ligadas à atividade principal desse centro especializado.
Reservatórios de força de trabalho	São cidades que estabelecem a função de concentrar a classe trabalhadora, são núcleos de povoamento que possuem grande reservatório de mão de obra disponível para trabalho. Essas áreas geralmente são integradas aos principais setores agroindustriais e possuem características mais rurais do que urbanas devido à intensificação da industrialização do campo.
Centros dependentes	Os “centros dependentes” se referem aos centros que vivem de recursos externos, são lugares decadentes ou estagnados que antes desenvolviam algum tipo de função agrícola, e, uma característica marcante desses tipos de centros são os níveis de migrações para outras localidades (em busca de melhores condições e oportunidades).
Dormitórios suburbanos	São áreas residenciais que se localizam nas proximidades das grandes cidades, cidades essas que oferecem empregos e serviços para a mão de obra que mora nos “subúrbios-dormitório”, ou seja, os dormitórios suburbanos são cidades pequenas onde reside a população que trabalha na cidade maior, fazendo com que ocorra migrações pendulares (movimentos diários) entre os “subúrbios-dormitório” e a cidade que possui o mercado de trabalho.

Fonte: Corrêa (2011, p. 8). **Nota:** Organização do Autor

Essa forma de organização, ponderada por Corrêa (2011), muito embora, volte-se especificamente para as cidades que estão localizadas na região Centro-Sul, pontuar a proximidade que umas possuem com relação às outras, possibilitando a facilidade de migração entre elas todos os dias para as cidades maiores que dispõe dos serviços. A expansão do mercado de trabalho na cidade maior, a facilidade de acesso e a mudança do papel central dos núcleos afetados pela valorização da terra para fins urbanos em detrimento da agricultura parecem ser os motivos por trás da transformação dessas cidades pequenas (Corrêa, 2011).

De modo geral, as cidades pequenas não apresentam tamanha dimensão dinâmica quanto as cidades maiores (médias e grandes), no entanto, elas possuem potencialidades essenciais para a dinâmica da rede urbana, que podem ser compreendidas a partir do menor nível que seja de prospecção urbana ao qual apresenta. Endlich (2006, p. 29) destaca que é importante “compreender as dinâmicas destas localidades em interação, em movimento, consoante a apreensão de uma realidade que considere os demais centros urbanos e fluxos humanos existentes entre eles”.

As cidades pequenas, para além de estarem inseridas e/ou articuladas com o fenômeno urbano, também estão em função das atividades do rural imediato, ou seja, elas estão envolvidas nas estratégias capitalistas de produção/reprodução do espaço por meio dos mais variados agentes. Embora essas cidades sejam consideradas pequenas, em termos populacionais, suas esferas de influências podem ser muito abrangentes. Os aspectos presentes entre as relações rural-urbano, garante à cidade pequena uma dinâmica suficientemente basilar para a sustentação do capital, não que essa característica seja uma para sua compreensão.

Existem grandes áreas do território brasileiro, assim como partes de algumas cidades, cuja vida política e econômica depende dos centros urbanos de porte médio e pequeno. Isso significa que esses lugares não têm autonomia suficiente para se sustentarem sozinhos. Assim como acontece em outras cidades do mundo atual, eles não garantem seu próprio desenvolvimento econômico de forma independente. Por exemplo, uma cidade isolada, sem conexão com outras cidades, não possui elementos ou funções suficientes para se manter de forma independente.

Se uma cidade for separada da sua rede urbana, ela perde o seu papel como cidade, pois suas dinâmicas socioespaciais dependem das relações e trocas com outras. Assim afirmam Sposito e Silva (2013) ao considerarem que as cidades pequenas são capazes de suprir necessidades mínimas do local e ainda desempenhar um papel importante em uma dinâmica em rede.

Neste sentido, as cidades são organizadas dentro de redes urbanas, interagindo e participando na divisão social do trabalho que ocorre no espaço intraurbano, além de estabelecer relações entre o campo e a cidade. Ou seja, os diferentes espaços urbanos cumprem funções específicas que se complementam dentro desse sistema de produção e organização do território. O urbano toma forma e perpassa por manifestações do rural, elas estão entrelaçadas e são perceptíveis quanto as práticas rurais na vida urbana. Silva (2021) concorda em dizer:

[...] Independente das escalas ou níveis hierárquicos, a produção do espaço na interface urbano-rural, por meio da ação de diversos agentes, delinea-se por meio do agir cotidiano, mesmo resguardando as especificidades de cada processo do qual resultam as referidas ações, fundamentalmente revelam reprodução do poder, disparidades e usos diversos da terra associados à priorização do valor de troca (Silva, 2021, p. 41).

Algumas das cidades pequenas, por mais que possuam forte influência do rural na sua dinâmica econômica, elas podem apresentar limitações de serviços em seu espaço intraurbano, como rede de comércio e demais serviços, tendo como fator principal de manifestação econômica, os aspectos políticos-administrativos da cidade, demonstrando o poder da prefeitura como elemento importantíssimo para a base produtiva da cidade, já que ela é o motor principal de fornecer empregos e recursos como principal fonte de renda pra a população e também se destaca a parcela da população que é dependente dos recurso e benefícios sociais oferecidos pelo governo federal, o que também garante para a cidade pequena maior dinamização (Silva, 2021).

1.3 Cidades Pequenas Amazônicas e suas diversidades

Para a caracterização de uma cidade pequena, é importante fazer a associação da região ao qual ela está inserida e em qual rede urbana ela interage. As contribuições de Corrêa (1994) apontam que o que vai definir a sua posição no espaço regional ou na rede urbana, são as suas relações intraurbanas e interurbanas.

Oliveira (2006), realizou estudos voltados às cidades pequenas na Região Amazônica, especificamente, na Amazônia brasileira. A partir de suas observações, caracterizou-as a partir de alguns elementos, como por exemplo: atividades econômicas quase nulas, os trabalhos ligados geralmente aos serviços públicos, baixa articulação com os municípios do seu entorno, etc. No entanto, a partir do que foi dito anteriormente, as cidades pequenas possuem diferentes formas de serem analisadas e cada uma delas possui suas funções e particularidades, o que cabe, a partir dessa visão, buscar aprofundar ainda mais na temática de cidades pequenas na

Amazônia brasileira, para demonstrar as diferentes formas de caracterização com suas especificidades.

Coutinho (2011), em suas análises sobre as cidades pequenas, ressalta a importância dos estudos para a geografia urbana, sobretudo a compreensão das dinâmicas socioespaciais que caracterizam essas cidades. Em sua obra, o autor supracitado também aborda os problemas que são enfrentados pelas cidades pequenas, como é destacado abaixo:

A problemática está diretamente ligada à própria condição do que é urbano, visto serem esses espaços, em sua maioria, caracterizados por um modo de vida que difere do cotidiano urbano, refletindo uma cultura predominantemente rural que resiste na cidade, onde o urbano concretamente não se constituiu ou sequer está em fase de construção (Coutinho, 2011, p. 85).

Deste modo, após essas breves colocações sobre as cidades pequenas, é possível perceber o quão vasto são as possibilidades de entendê-la e investigá-la. No entanto, diante do recorte espacial que se pretende estudar nesta pesquisa, cabe ainda realizar para além dessas análises, diversas outras que possam contribuir nos estudos sobre as cidades pequenas, e para ser mais específico, analisar uma pequena cidade que está na Amazônia.

Castro (2008) aponta que o estudo sobre o urbano por bastante tempo voltou-se para o processo de urbanização das cidades que tinham capacidade alta de ofertar bens, serviços e empregos, para além do fator demográfico que era uma das principais causas que atraíam os estudos para a compreensão do urbano brasileiro, no entanto, na Amazônia o estudo sobre as cidades, o urbano e sua estrutura regional passou por grandes transformações ao longo do tempo.

Durante os dois momentos de urbanização na Amazônia Castro (2008) um que antecede os anos de 1960 e o outro, a partir dos anos seguintes. Em meio as mudanças desses períodos, as cidades continham dinâmicas que eram muito específicas para o tempo em que estavam inseridas e, que ao serem condicionadas aos interesses do governo e seus padrões de desenvolvimento econômico, social, cultural e político, foram modificados. Gonçalves (2001) ressalta que a configuração das cidades amazônicas aos anos que antecederiam a década de 1960, estavam intimamente atreladas aos rios, lhes conferindo um padrão “rio-várzea-floresta”. Posteriormente, no período quando o Governo Federal iniciou o processo de integração da Amazônia brasileira à economia nacional, para responder as necessidades capitalistas de explorar a região, surge um novo padrão de organização dos espaços, sendo caracterizado, ainda pelo mesmo autor supracitado, como “estrada-terra firme-subsolo”.

A dinâmica populacional amazônica, antes mesmo do período da colonização portuguesa, era composta demograficamente por indígenas, ribeirinhos e demais povos tradicionais a qual tinham como única forma de sobrevivência a extração de produtos da natureza. Mas essas características espaciais foram modificadas durante o período de ocupação pela colônia portuguesa entre os séculos XVII e XVIII. Castro (2008, p. 17) afirma que esse evento foi movido por “interesses políticos de fincar pontos avançados, com fortificações, em lugares estrategicamente relevantes, distantes, para demarcar a presença portuguesa nessa imensa região do Norte”.

Nesse período da colonização portuguesa na Amazônia, com a excursão das ordens religiosas para explorar a região, promoveu um longo período de criação de vilas e povoados destinados a colonização, catequização dos nativos e exploração dos recursos. Posteriormente, esse processo se intensificou, em meados do século XIX, período ao qual o Brasil se inseria no contexto da Segunda Guerra Mundial que promoveu na Amazônia intensa atividade econômica voltada para a exploração extrativista da borracha.

Neste cenário, “o *boom* da borracha, que se deve ao interesse do mercado exterior, fez aparecer vilas e povoados que deram origem posteriormente a cidades, fortalecendo algumas delas de forma mais expressiva, como Belém e Manaus” (Castro, 2008, p. 18). As cidades nesses períodos tinham a função de escoar os produtos extrativos da floresta (como a borracha) pelos rios, já que era o único meio de acesso as cidades que adentravam a Amazônia brasileira para os seus pontos principais de exportação, que eram Belém e Manaus. Inclusive, nesse período foram essas duas cidades que mais tiveram seu desenvolvimento econômico devido às suas posições privilegiadas para o intenso fluxo econômico.

Cardoso e Lima (2006) usam das atribuições de Biery-Hamilton e colocam que na Amazônia brasileira, até os anos de 1960, não havia uma economia de mercado consolidada, a economia baseava-se na extração de recursos da floresta. Essa dinâmica foi modificada a partir do momento em que grandes projetos foram implementados, transformando consideravelmente os significados das cidades na Amazônia, como afirma Becker (1990):

No passado, povoamento e investimento se circulavam à atividade agrícola ou mineira e geravam crescimento da população e da produção. A fronteira no final do século XX tem novas feições por se expandir num novo patamar de integração nacional, com mercado em grande parte unificado e sob comando dos capitais envolvidos: (a) já nasce heterogênea, constituída pela suposição de frentes de várias atividades, e o povoamento e a produção são relativamente modestos; (b) já nasce urbana e tem intenso ritmo de urbanização; (c) o governo federal tem papel fundamental no planejamento e no volume de investimentos infraestruturais (Becker, 1990, p. 10).

Esse novo padrão de organização socioespacial que perpetuou a partir dos anos de 1960 na Amazônia, lhes dando um novo sentido, retomando ao que Gonçalves (2001) caracterizou de “rio-várzea-floresta”, agora nesse novo período se estabelece o padrão “estrada-terra firme-subsolo”. Ou seja, através da fronteira aberta, a partir da década de 1970, ao qual “rasgou” a Amazônia, se tem novo eixo de circulação, através das estradas na terra firme.

Até meados dos anos de 1960, o padrão da rede urbana na Amazônia Oriental era predominantemente dendrítico, tendo a cidade de Belém o status de maior importância na hierarquia urbana e com transição para rede urbana complexa, que de acordo com Corrêa (1987, p. 75) se refere a “complexidade na esfera de produção, circulação e consumo, com a coleta de distribuição intra-regional de produtos da própria hinterlândia da cidade primaz”. Ou seja, com a construção das redes rodoviárias, foi possibilitado na Amazônia intenso fluxo populacional e de mercadorias, já que, por vezes, o acesso a essa região foi tido com mais “facilidade” em comparação com o acesso pelos rios. Com a intensa migração após a abertura da fronteira econômica, as pessoas foram se concentrando as margens da rodovia, sobretudo a BR-230 e principalmente através dos projetos de colonização que foram instituídos pelo governo na época³, o que resultou no surgimento de vários núcleos de assentamentos humanos.

Com o surgimento expressivo de núcleos urbanos, em algumas porções da região amazônica, uma organização hierárquica foi pensada segundo os modelos de organização das outras regiões do Brasil, contendo centros regionais e locais que se distinguem, para tanto, por mais que houvesse essa inspiração de outros estados, alguns fatores não se aplicavam devido a sua dinâmica urbana, fluxos, conexões e demais relações que não se assemelharam as redes de cidades do Centro-Sul do país (Sathler; Monte-Mór; Carvalho, 2009). De acordo com Castro (2008, p. 26), “As cidades na Amazônia revelam diferenças que nos permitem entendê-las como um espaço socioeconômico e cultural complexo, cuja diversidade tem raízes certamente na história dos lugares e das relações sociais estabelecidas em sua trajetória”.

Essa diversidade característica das cidades amazônicas lhes conferiu várias tipologias de ocupação do território, desde as dinâmicas espaciais das cidades (e nisso se incluem todas as instâncias da sociedade, seja sociais, culturais, políticos, administrativos, etc.) ligadas ao rio como as dinâmicas espaciais das cidades ligadas as rodovias. Cardoso e Lima (2006) concordam em dizer que tais tipologias de cidades se relacionam com o grau de importância na escala

³ Esse processo de colonização na Transamazônica por meio dos projetos governamentais será abordado com maior detalhe no tópico 2.2 do capítulo seguinte.

política das cidades, se fazendo questionar até quanto a definição das cidades, como bem colocam:

Tais padrões também se relacionam à escala e importância política das cidades, levando, muitas vezes, ao questionamento da definição de cidade a partir da condição de sedes de município, que na Amazônia pode corresponder a uma cidade secular, a uma cidade planejada pelo poder público ou por uma companhia, ou a uma cidade formada espontaneamente nas margens de uma rodovia a partir dos anos 1970. Às diferentes trajetórias correspondem portes, condições de oferta de infraestrutura e serviços urbanos, e perfis populacionais bastante contrastantes suscitando questionamentos a respeito de quanto investimento será necessário para que algumas das atuais sedes de município tomem-se, no futuro, cidades, no sentido amplo, ou a respeito de qual seja hoje a fronteira entre o urbano e o rural na Amazônia (Cardoso, Lima, 2006, p. 66).

A compreensão dessas tipologias de cidades na Amazônia, se relaciona com o fato de que elas estejam associadas a floresta, o que lhes confere particularidade regional diante dessas singularidades nas dinâmicas urbanas presentes nessa região. Trindade Jr. (2013) argumenta que o espaço amazônico se dinamiza em consequência dessa diversidade de urbanização, a qual a sociedade está produzindo e reproduzindo no espaço. Frente a isso propõe o conceito de urbanodiversidade, que se refere a essa complexidade socioespacial na Amazônia brasileira.

Em relação ao processo de urbanização que ocorreu na Amazônia, cabe aqui expor que a partir da lógica capitalista, as cidades foram se articulando de diferentes maneiras no espaço regional amazônico. Neste sentido, diferentes cidades que estão na Amazônia possuem suas dinâmicas particulares, sobretudo atreladas ao que se conhece por urbanodiversidade mencionada anteriormente. O quadro 2 abaixo sintetiza parte dessas cidades existentes.

Quadro 2: Diversidade das cidades amazônicas.

<i>Cidades ribeirinhas</i>	Localizadas às margens dos rios, dizem respeito a cidades que cumpriram um papel histórico na organização inicial do território, obedecendo ao tão propalado padrão “rio/várzea/floresta”, sendo, portanto, anteriores ao padrão de organização mais recente, chamado de padrão “rodovia/subsolo/terra firme”.
<i>Cidades do agronegócio</i>	São cidades cujas funções de atendimento são demandadas pelo agronegócio globalizado, são hegemônicas sobre as demais. Estas se desenvolvem a partir de atividades agrícolas e agroindustriais e dependem, em graus diversos, dessas atividades, a produção e consumo ocorrem em grande parte, de forma globalizada. Rio Verde (GO), Sorriso, Primavera do Leste e Rondonópolis (MT), Sertãozinho (SP) são exemplos de cidades do agronegócio.
<i>Cidades tradicionais</i>	São estruturas urbanas mais antigas e sujeitas a transformações recentes, decorrentes dos impactos sociais, culturais e ambientais

	promovidos pela introdução de novos modelos de produção e de inovações tecnológicas na região.
<i>Cidades rodoviárias</i>	São cidades que foram surgindo a partir das frentes de expansão das madeiras e da pecuária, que cresceram ou se formaram em função dos processos migratórios nessas cidades temos elementos mais novos da Região, tem uma lógica definida pelo Estado.
<i>Cidades locais</i>	Centros subordinados diretamente a algum outro centro da Amazônia de nível hierarquicamente superior, tendo atuação restrita às circunvizinhanças (perfazem mais de 60% do universo de mais de 400 cidades da região).

Fonte: Vicentini, 2004 *apud*. Castro 2024.

Desta forma, é sabido da importância em compreender que essas múltiplas cidades que estão na Amazônia possuem particularidades históricas, econômicas e sociais que refletem a complexidade do processo de urbanização na região. Ou seja, a coexistência de diferentes padrões de organização do território são os principais fatores pelos quais as cidades apresentam dinâmicas específicas a partir dos agentes, sobretudo capitalistas, que foram se inserindo e estruturando esses locais.

1.3.2 Amazônia e sua Urbanodiversidade.

O espaço amazônico tem suas dinâmicas resultantes das ações diversas que são instituídas a partir da sociedade, sociedade esta que é diversificadamente urbanizada. Alguns autores como Browder e Godfrey (1997) e Castro (2009) utilizam a terminologia “cidades da floresta” para abordar das cidades amazônicas que possuem uma dinâmica de vida atrelada ao uso dos recursos da floresta, ligados aos rios e demais dinâmicas consideradas “tradicionais” presentes na Amazônia brasileira. A partir da proposta de Browder e Godfrey, Trindade Jr. (2013) faz a abordagem e discute sobre essa existência de diferentes tipos de cidades na Amazônia, como as “cidades na floresta” e as “cidades da floresta”, ambas resultados da coexistência de múltiplas temporalidades e espacialidades na região, para tanto, o referido autor destaca que a urbanodiversidade reflete essa diversidade quanto aos processos de urbanização na Amazônia, a partir do estudo dessas diferenças entre as tipologias de cidades pequenas e as suas relações com o espaço geográfico, sobretudo, sua relação com a presença/ausência delas com a floresta. De acordo com Trindade Jr. (2013), as cidades da/na floresta podem entendidas como:

[...] “cidades na floresta”, ou seja, aquelas cidades que tendem a se articular principalmente às demandas externas à região, fazendo do ecossistema florestal um elemento de pouca integração aos novos valores da vida urbana, sendo mesmo sua negação, e visto principalmente como espaço de exploração econômica (madeiras,

minérios, fragrâncias, espécies animais e vegetais, turismo etc.). As “cidades da floresta”, por seu turno, que eram predominantes na região até a década de 1960, normalmente apresentam características de pequenas cidades, associadas à circulação fluvial e com fortes elos em relação à dinâmica da natureza e à vida rural não moderna. Além disso, tais cidades sempre estabeleceram densas articulações com os seus respectivos entornos ou localidades relativamente próximas (vilas, povoados, comunidades ribeirinhas etc.) (Trindade Jr. 2013, p. 06).

A interação das cidades pequenas com a floresta é marcada tanto pela sua intensidade quanto pela ausência dela, ou seja, há elementos que fazem a cidade pequena ter uma relação muito mais profunda com a floresta e elementos que as fazem ter certo distanciamento, não quer dizer que ambas não possam coexistir no mesmo espaço, jamais, afinal, segundo a perspectiva de Lefebvre (2006, p. 288) “el espacio asi concebido se define como juego de las ausências y de las presencias”⁴.

Não cabe aqui generalizar os processos socioespaciais das cidades pequenas amazônicas, lhes proferindo dois padrões como se fossem os únicos meios para entendê-las em sua totalidade. Trindade Jr. (2013) entende que esses dois padrões ou “extremos” ao qual utiliza, são apenas ideais para se pensar essas dinâmicas das cidades na Amazônia brasileira, no entanto, diante desse pressuposto, o mesmo autor ao buscar compreender as pluralidades do espaço amazônico, sobretudo a complexidade e diversidade da vida urbana nessa região, criou um quadro (quadro 3, abaixo) sintetizando as principais reflexões como meio de entender as cidades da e na Amazônia.

Quadro 3: Reflexões teóricas sobre o fenômeno urbano na Amazônia.

Autor	Tese	Proposição
Becker	“Floresta urbanizada”	“Fenômeno diretamente ligado à expansão da fronteira econômica, que já nasce urbana.”
Browder & Godfrey	“Urbanização polimorfa e desarticulada”	“Diferentes formas de interação socioespaciais e de formações microsociais híbridas como elementos marcantes da urbanização regional”
Hurtienne	“Urbanização estatisticamente descriteriosa”	“Patamar de 20.000 habitantes para definir o que é rural e o que é urbano na Amazônia”
Machado	“Tendência à ruralização”	“Presença de municípios de formação recente com uma tendência predominantemente rural”

⁴ Tradução feita pelo autor: “O espaço assim concebido se define como um jogo de ausências e presenças (Lefebvre, 2006, p. 288).

Monte-Mór	“Urbanização extensiva”	“Extensão do urbano para além das cidades, por meio de seus valores e de seus modos de vida”
Oliveira	“Difusão da sociedade urbana”	“Difusão marcante do modo de vida urbano da região, mas não do domínio da cidade na paisagem.”

Fonte: Browder & Godfrey, 1997; Machado, 2000; Oliveira, 2000; Hurtienne, 2001; Monte-Mór, 2004; Becker, 2004; *apud*. Trindade Jr. 2013, p. 7).

Percebe-se que as cidades pequenas amazônicas são capazes de estabelecer relações essenciais para a compreensão do urbano a partir da sua realidade socioespacial, assim como concorda Endlich (2016, p. 15) quando destaca que “as pequenas cidades, ou os espaços que parecem tão diminutos em contraposição as imensas metrópoles produzidas no período atual, não precisariam sê-lo quanto a suas possibilidades políticas, sociais e culturais”. A forma como o espaço amazônico é produzido e reproduzido, responde aos interesses da sociedade sendo refletido e manifestado por via dos meios de produção que lhes são dadas, neste sentido Oliveira (1999) ressalta:

O espaço urbano que se produz num lugar qualquer da Amazônia não é único. Ele está contido e contém uma totalidade que inclui tanto o processo de desenvolvimento recente para a região, como a forma de produção da sociedade nacional, refletindo a maneira da espacialização de outras cidades brasileiras assinalada pela contradição (Oliveira, 1999, p. 203).

A implementação de agentes capitalistas na Amazônia brasileira, ou melhor dizendo, nas cidades pequenas amazônicas (ou em sua rede de influência) garantiu que diversas funções fossem atribuídas a elas, não de maneira generalizada, pois cada uma delas expressa notadamente dinâmicas diversas, assim como afirma Becker (2013):

Nem todas as cidades têm sempre sido locais de importante trabalho novo. Entretanto, quando geram esse modo de expansão econômica, acabam constituindo cidades dinâmicas. Estas podem crescer de duas maneiras: (1) pelo efeito multiplicador da exportação, onde o trabalho novo cria novos mercados para exportação (ou seja, outras cidades), gerando uma expansão econômica regular; ou (2) pelo efeito igualmente multiplicador da substituição de importações, através de imitação e improvisação, criando trabalho novo para suprir o mercado da cidade (isto é, substituindo fornecedores de outras cidades) e gerando um crescimento explosivo, o chamado "surto econômico" (Becker, 2013, p. 19).

Dessa forma, parte das cidades pequenas amazônicas, especialmente aquelas originadas a partir da implementação de projetos econômicos, apresentam uma tendência de crescimento urbano fortemente influenciada por fatores externos. Exemplos disso são as cidades da

Transamazônica, cujas dinâmicas e configurações espaciais refletem a atuação de diversos agentes que se estabeleceram nesses locais. Ou seja, o processo de colonização e urbanização constituem elementos que ressaltam essa diferenciação entre as antigas formas de produção do espaço para as novas, ao que Trindade Jr. (2013) ressalta sobre a transição das "Cidades na Floresta" para "Cidades da Floresta", destacando a urbanodiversidade na Amazônia Brasileira. Ou seja, novos padrões de organização espacial foram estabelecidos e conseqüentemente, rompendo os antigos.

E é nesse contexto que Browder e Godfrey (1997) argumentam que, assim como as cidades pequenas amazônicas possuem uma organização espacial um tanto heterogênea, seu sistema urbano ainda assim, consegue se adequar a essa complexidade de interposições de momentos e modos de produção, ou seja, esses sistemas de cidades conseguem se organizar a partir da forma ao qual a sociedade obedece a “ordem local”, pois produz o espaço e é condicionado por ele. A partir disto, Trindade Jr. (2013, p. 19) estabelece nuances (quadro 4) que ajudam a compreender essa complexidade de momentos e os processos que se originaram ao considerar a cidade e a vida urbana na Amazônia, ao qual o mesmo autor compreende por “tipos ideais”.

Quadro 4: “Tipos ideais” da complexidade urbana na Amazônia.

Atributos	Cidades na Floresta	Cidades da Floresta
Circulação	Rodoviária, ferroviária, aeroviária	Fluvial, ferroviária
Tempo	Técnico-científico e informacional	Lento
Relações	Organizacionais	Orgânicas
Práticas Econômicas	Mercantis, corporativas	Tradicionais, de subsistência e solidárias
Inserção	Nacional, global	Local, regional
Valores	Estandardizados	Enraizados
Modo de Vida	Sociedade urbana	Sociedade rural
Natureza	Recurso, simulacro	Recurso, lazer, circulação, simbolismo
Entorno	Distanciamento	Proximidade
Ecosistema	Impactado	Potencializador

Fonte: Trindade Jr. (2013, p. 19)

Essa complexidade espacial das cidades pequenas amazônicas é marcada por temporalidades distintas, enquanto que as “cidades da floresta” possuem uma dinâmica dita “mais tradicional”, que está diretamente atrelado aos modos de vida que se tinha na região antes mesmo da década de 1960, quando houve a transição para as “cidades da floresta”, são inseridos

novos padrões de ocupação, novos costumes e sobretudo, novas formas de produzir e reproduzir os espaços.

A urbanodiversidade revela a necessidade de compreender que o urbano na Amazônia possui particularidades e dinâmicas diversificadas, ou seja, a localização das cidades e das condições que lhe foram impostas no decorrer do tempo, revelam tais características socioespaciais que as distinguem uma cidade das outras. Assim afirma Bartoli (2020, p. 102-102) quando diz que as cidades possuem “padrões de circulação e extração de excedentes ligados ao processo de urbanização pela maneira com que redes de sujeitos e suas práticas territoriais reinserem os papéis do núcleo urbanos numa nova divisão territorial do trabalho”.



*C*APÍTULO 2

FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE BRASIL NOVO – PARÁ

Este capítulo tem como premissa buscar os principais fatores históricos que contribuíram para a formação da cidade de Brasil Novo, identificando os processos e dinâmicas que possam explicar as transformações socioespaciais ocorridas, bem como destaca Santos (2023, p. 51), “a geografia histórica pretende retrair o passado, mas ela o faz assentada no presente, isto é, a partir do momento em que é escrita”.

2.1. Amazônia Brasileira, uma fronteira de recursos.

Por muito tempo, a Amazônia brasileira foi considerada pelo Estado como um território desconhecido e isolado do restante do país. Considerava-se que havia um vazio demográfico diante de tal território. Além disso, o abandono político fazia com que as terras de intensas florestas não garantissem valor mercantil para o mercado capitalista, principalmente quando se pensava na dificuldade de acesso à imensidão que a área de florestas representa.

Entretanto, por volta de 1940, a Amazônia tornou-se alvo de grandes grupos econômicos e financeiros interessados em explorar os recursos naturais disponíveis. Tinha-se a ideia de uma “fonte inesgotável” dessas riquezas naturais presentes na região. Devido à sua localização e à falta de acessibilidade, os órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental não cumpriam seu papel, o que causou o acesso indevido e a exploração desordenada na época (Zani, 1999).

Ou seja, aos olhos dessas empresas, a Amazônia brasileira poderia se tornar alvo de exploração intensa sem a fiscalização necessária que pudesse penalizá-los ou até mesmo tomar essas terras ricas em recursos naturais, pois passou a ser vista como uma fronteira de recursos, como explica Becker:

Fronteiras de recursos são definidas como zonas de povoamento novo, em que o território virgem é ocupado e tornado produtivo. Fronteiras contíguas localizam-se à frente de zonas de povoamento antigo, e correspondem às frentes pioneiras. Fronteiras não contíguas estão separadas dos centros de povoamento por amplas áreas desabitadas. Passam a existir com a descoberta de recursos naturais importantes e o comprometimento do governo e firmas privadas em explorar as oportunidades comerciais que elas apresentam. A presença de recursos naturais em grande escala e economicamente atraentes é uma condição básica e força motivadora central para a iniciativa privada (Becker, 1974, p. 12).

Os interesses em integrar a Amazônia brasileira ao mercado mundial fizeram com que ela se tornasse um espaço de expansão capitalista, onde puderam ser firmados acordos para a exploração de matérias-primas, como a seringa, que teve grande importância antes da Segunda Guerra Mundial, e a abertura de rodovias, como a Belém-Brasília (1956-1960). Dessa forma,

Picoli (2006, p. 39) afirma que o “objetivo maior era tornar a Amazônia integrada ao mercado mundial e aproveitar o grande potencial natural existente, por meio das concessões do Estado aos detentores do poder econômico”.

A partir de então, intensificaram-se os interesses estrangeiros em ocupar e explorar a Amazônia e, diante dessa ameaça, o Estado brasileiro começou a pensar em formas de tomar posse das terras e iniciar um processo de ocupação permanente na região. Sua posição geográfica, seu valor econômico e estratégico eram pontos essenciais quando se cogitava sua internacionalização. Por isso, foram criados vários projetos que intensificaram a ocupação da Amazônia (Becker, 1990).

Nessa perspectiva, entre os anos de 1946 e 1953, foi criada a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), que tinha como objetivo promover um plano de desenvolvimento econômico na região. A efetivação dessa instituição tornava a Amazônia essencial para sua integração ao restante do país.

A SPVEA iniciou seu processo com muitas ideias de mudanças para a Amazônia, alinhadas aos interesses do Estado sobre a região, mas, ao longo do tempo, o órgão passou a apresentar contradições que iam contra seus objetivos iniciais, havendo um “constante desdém federal pelo antes desejado desenvolvimento do norte do país” (Renha, 2017, p. 3). No entanto, a má execução da SPVEA gerou motivos para o encerramento do projeto.

Logo após, foi sancionada a Lei 5.173, de 27 de outubro de 1966, que dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia e cria a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), órgão responsável por coordenar e supervisionar os planejamentos regionais para a Amazônia brasileira, além de atuar na redistribuição dos incentivos fiscais (Becker, 1990). A autora supracitada também contribui:

Em seguida, em 1970-1971, o governo determinou que uma faixa de 100 km de ambos os lados de toda estrada federal pertencia à esfera pública, seguindo a justificativa de sua distribuição para camponeses em projetos de colonização. Só para o Estado do Pará, isso significou a perda de 83.000.000 ha (65% desse Estado) para as mãos federais. Através dessa estratégia, o governo federal passa a controlar a distribuição de terras, adquirindo grande poder de barganha (Becker, 1990, p. 18).

Desta forma, o governo federal foi responsável por pensar em inúmeras estratégias de ocupação nessas terras devolutas, como bem assume Becker (1990, p. 13-14) quando descreve que “[...] é o próprio governo que passa a subsidiar a ocupação de terras à frente da expansão pioneira. Para tanto, numa poderosa estratégia, ele programa e impõe uma malha de duplo-controle, técnico-político sobre o espaço preexistente”. Sendo assim, a partir dos anos de 1970,

intensificou o processo de ocupação do território, sendo estimulados pelas ações propostas pelo Estado.

2.2. O processo de colonização na Transamazônica: o surgimento de cidades nas margens da rodovia

Como estratégia de ocupação da Amazônia, o Governo Federal propôs a implantação de redes de integração espacial, às quais se referem todos os tipos de redes, mas, neste caso, destacam-se quatro, quando se pensa no investimento público: a rede rodoviária; a rede de telecomunicações comandada por satélites; a rede urbana; e, por fim, a rede de hidrelétricas (Becker, 1990).

A rede rodoviária assumiu papel fundamental dentro dessas estratégias de ocupação propostas pelo governo. Nesse mesmo período, o presidente Emílio Garrastazu Médici instituiu o Decreto-Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970, que, além de criar o Programa de Integração Nacional (PIN), alterou a legislação do Imposto de Renda das pessoas jurídicas no que se refere a incentivos fiscais, entre outras providências (Brasil, 1970):

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe faculta o artigo 55, item 11, da Constituição e considerando a urgência e o relevante interesse público de promover a maior integração à economia nacional das regiões compreendidas nas áreas da SUDENE e SUDAM [Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia], decreta: (...) Art. 2.º A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém (Brasil, 1970).

O Programa de Integração Nacional (PIN) tinha como objetivo desenvolver um amplo plano de colonização na floresta e promover a reforma agrária. Em sua primeira etapa, foram construídas as rodovias BR-230 (Transamazônica) e Cuiabá-Santarém. Além disso, sob a égide do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) — criado também em 1970 — ficou a responsabilidade de executar e controlar a reforma agrária, que remonta a todo o processo de organização e distribuição em larga escala na Amazônia (Becker, 1990).

A reforma agrária era uma das formas de dominação que o Estado brasileiro ainda considerava um ponto sensível, muito pautado pela estrutura latifundiária presente em outras regiões do país. Pensando nisso, a Amazônia foi escolhida como região para acolher os despossuídos de terra (Zani, 1999). Estratégias foram criadas para atrair migrantes, além dos projetos de colonização. O governo lançou o slogan “terra sem homens para homens sem terra”, que atraiu grande massa populacional, principalmente do Nordeste, para ocupar a

Transamazônica. Apesar da região apresentar infraestrutura precária para atender à população, as riquezas naturais preexistentes foram um dos principais motivos que influenciaram o forte fluxo migratório para a área.

Com a intensificação do processo de ocupação na Amazônia brasileira, sobretudo a partir dos projetos e ações mediadas pelo governo, como o Programa de Integração Nacional e o Projeto Integrado de Colonização (PIC), o INCRA se encarregou de organizar em assentamentos as famílias dos colonos ao longo da rodovia, distribuídas em lotes de 100 hectares, que contavam com suporte de alguns núcleos urbanos distribuídos em Rurópolis, Agrópolis e Agrovilas (Becker, 1990). Na porção da Transamazônica que pertence ao estado do Pará, Amorim (2020) comenta que:

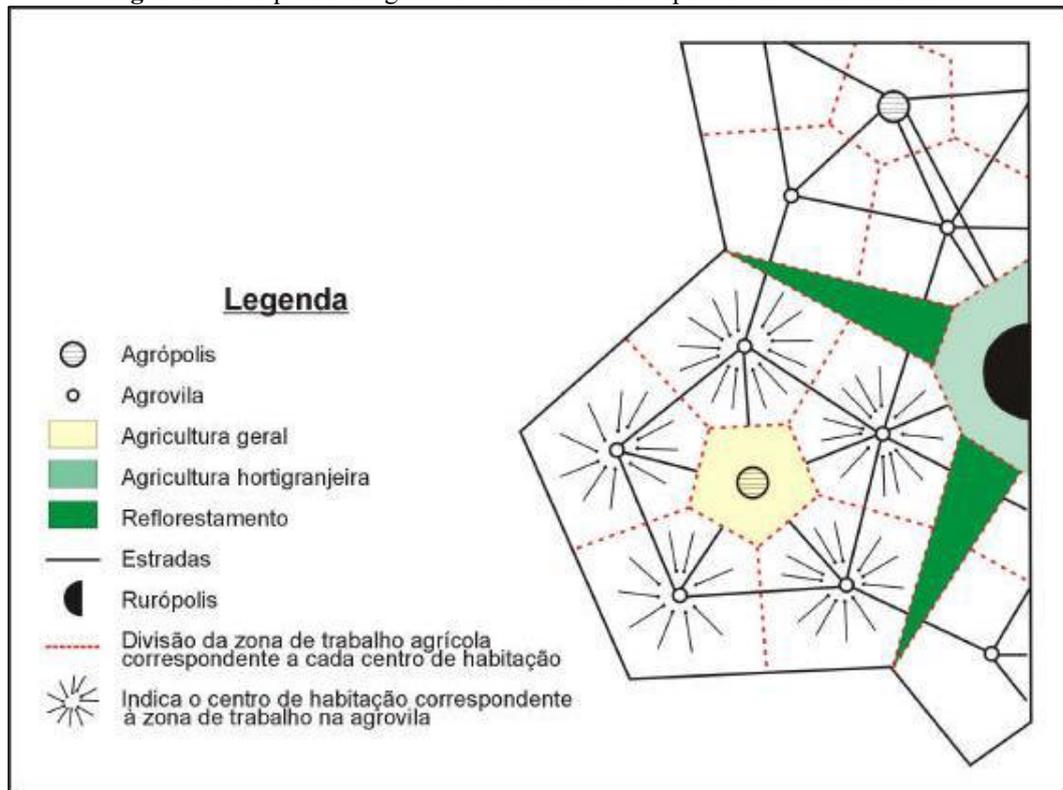
A rodovia Transamazônica na porção que pertence ao Estado do Pará é dividida em dois polos: Transamazônica Leste e Transamazônica Oeste. O que corresponde à Transamazônica Oeste é a porção que vai de Altamira (PA) em sentido oeste, uma área de 400 quilômetros em direção a Rurópolis (PA) (Amorim, 2020, p. 231).

Como resultado do crescimento acelerado na região, sobretudo impulsionado pelos incentivos propostos pelos Projetos Integrados de Colonização (PIC) em Altamira — que também tinham o papel de oferecer assistência técnica e financeira aos colonos que chegaram por meio desses projetos (Zani, 1999) —, surgiu uma extensa cadeia de núcleos urbanos ao longo da Transamazônica. Esses núcleos ganharam novas funções à medida que foram facilitadas as questões de logística e acessibilidade pela BR-230, permitindo o escoamento da produção.

Além do PIC, o INCRA propôs outros tipos de projetos, como o Projeto de Assentamento (PA) e o Projeto de Assentamento Rápido (PAR), que auxiliavam na demarcação e titulação das terras ocupadas espontaneamente (Becker, 1990).

O surgimento desses núcleos de apoio aos colonos migrantes para a Amazônia brasileira foi planejado e organizado pelo INCRA, distribuído em Rurópolis, Agrópolis e Agrovilas, conforme mencionado anteriormente. Pensando nesse modelo de colonização e nas atividades desenvolvidas pelos colonos, foi aplicado um esquema integrado de organização para o processo de colonização da Transamazônica (figura 2), que planejava e dava suporte aos serviços básicos tanto para moradores da zona rural quanto para os da zona urbana. Além dos serviços básicos, o INCRA também propôs a implantação de projetos agropecuários e agroindustriais, além de fornecer treinamentos técnicos aos agricultores colonizados.

Figura 2: O esquema integrado de urbanismo rural aplicado na Transamazônica.



Fonte: Becker, 1990.

Como ilustra a figura acima, percebe-se que, em níveis hierárquicos, a Rurópolis possui uma importância maior justamente por ser o centro econômico ao qual forneceria suporte às demais vilas adjacentes ao longo das rodovias, elas integram o rural e o urbano em uma rede de desenvolvimento regional.; As Agrópolis, que são centros urbanos que servem de apoio às agrovilas e atividades agrícolas.; por fim, tem-se as Agrovilas, que são pequenos núcleos rurais para agricultura familiar. (Becker, 1990). Todavia, Silva (2022) também contribui, quando se refere a esses projetos durante o período de colonização:

Com a série de projetos no intuito de colonizar e explorar essa região foram instituídos esses pequenos núcleos para apoio no escoamento da produção e centros urbanos para os seus respectivos colonizadores, armazéns para o estoque do produto logicamente situados para facilitar o transporte e comercialização da mercadoria fruto da atividade econômica da localidade, a agricultura (Silva, 2022, p. 11-12).

No entanto, com a intenção de promover uma política de territorialização mais efetiva, foram criados três Projetos de Colonização – PIC no estado paraense, sendo eles: o PIC – Marabá, o PIC – Altamira e o PIC – Itaituba, ambos promoviam a formação desses núcleos de apoio aos colonos e servidores da obra aos níveis hierárquicos que antes mencionado (Agrovilas, Agrópolis e Rurópolis).

Apesar disso, esse planejamento não saiu como como proposto, como aponta Moraes (2018, p. 4), pois “foi desconsiderado o bem-estar social das famílias migrantes, tais como os direitos constitucionais de acesso à saúde e educação” e então, os colonos foram “entregues à própria sorte”. E é nesse contexto que surge Brasil Novo, inicialmente estruturado pelo governo como uma agrovila e, posteriormente, como uma agropólis, conforme o esquema representado na figura 2. Além disso, Brasil Novo se consolidou como sede administrativa e de apoio ao processo de colonização desenvolvido pelo INCRA, o que contribuiu para sua emancipação político-administrativa. Assim, em 1991, a cidade foi elevada à categoria de município, a partir do desmembramento de áreas pertencentes aos municípios de Medicilândia, Altamira e Porto de Moz.

2.3 A Gênese da cidade de Brasil Novo.

2.3.1 A cidade de Brasil Novo enquanto Agrópolis.

A gênese de Brasil Novo, situada às margens da rodovia Transamazônica, associa-se aos feitos do PIC Altamira, com sua política de colonização e territorialização, que, após sua implementação, estabeleceu que Brasil Novo fosse designada como a agrovila do 46. Posteriormente, em meados de 1972, a agrovila recebeu a visita do Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, que foi solenemente presidida por ele na Praça da Integração, que atualmente é conhecida como Praça Geraldo Barbosa (figura 3). Durante o discurso do Presidente, ao se referir ao processo de integração da região da economia nacional afirmou que estava ocorrendo a criação de um “Novo Brasil” na Amazônia, foi aí que essa designação passou a ser atribuída a agrovila, que, por sinal já vinha adquirindo novas características urbanas que lhes garantiu um novo status em meio ao sistema de organização dos núcleos (Santos, 2021).

Os moradores de Brasil Novo relatam que o nome do município é uma homenagem aos colonos que chegavam à agrovila, representando a diversidade de origens dos habitantes de diferentes regiões do Brasil. Conforme expõe o relator “A”.

“Brasil Novo é o seguinte, na construção das casas aqui tinha gente de todo lugar do Brasil, né? Aí o Presidente Médici chegou na época, o pessoal achava que tinha que colocar o nome na homenagem a ele. Ele disse que não, que iria ter outras cidades para homenagear a ele. E falou “Por que não botar o nome de Novo Brasil ou Brasil Novo, que era a mistura de todos os lugares do Brasil estava aqui? Na construção do Brasil Novo tem gente de todo lugar” (Relator “A” em 10 de novembro de 2023).

A agrovila recebeu o nome de Brasil Novo sob influência do Presidente Emílio Garrastazu Médici, embora a população local também tenha contribuído para a escolha da

nomenclatura, que permanece até hoje. Percebe-se então que, o surgimento desse aglomerado humano ao longo da rodovia Transamazônica demonstra que suas dinâmicas sempre foram influenciadas por fatores externos, sobretudo do Governo Federal.

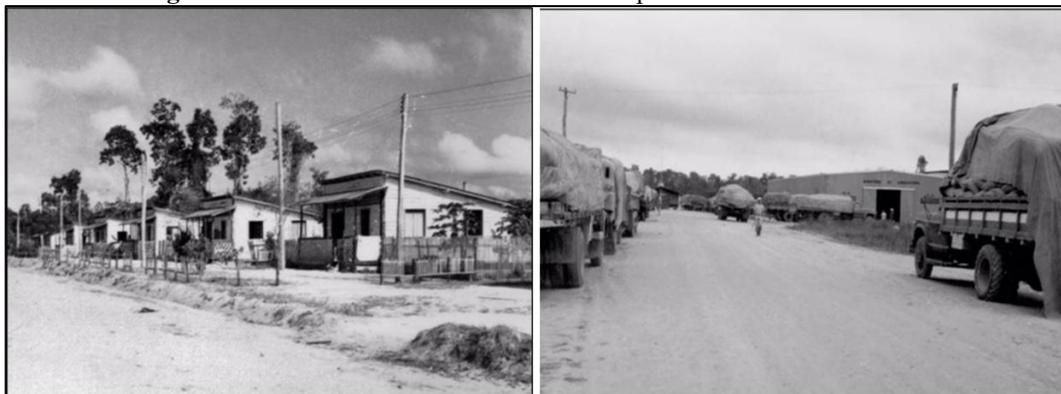
Figura 3: Praça Geraldo Barbosa.



Fonte: Registros do autor (Cruz, 2023).

A agrovila possuía uma estrutura que era até então essencial para atender as necessidades dos migrantes, como as próprias vilas para casas dos colonos e dos servidores (ressalta-se que as casas de colonos e servidores ficavam em áreas opostas) e armazéns (figura 4) para assegurar os suprimentos que seriam distribuídos, um hotel para abrigar as autoridades que poderiam visitar o local, um templo ecumênico para manifestações religiosas dos colonos, enfermaria e escola (Zani, 1999), mesmo que o acesso dela só fosse permitido para os filhos dos servidores).

Figura 4: Casa dos colonos e Armazéns de suprimentos em Brasil Novo.



Fonte: IBGE Cidades (2024).

A casa dos colonos, como mostra a figura 4, eram construídas de madeira, telhas de fibra, poucos cômodos e o banheiro, que era a única parte da casa construída em alvenaria. Zani

(1999) afirma que em certos períodos essas pequenas residências passavam a abrigar cerca de três famílias de colonos, diferente do que era visto nas casas dos servidores do INCRA, que, por sinal possuíam uma estrutura melhor, com número maior de cômodos, banheiros internos, janelas, portas e paredes mais amplas, etc. A imagem acima também ilustra a figura de carros na estrada, eles eram enviados com produtos agrícolas para o abastecimento do Armazém.

A agrovila Brasil Novo, com toda essa estrutura montada na época, tinha a capacidade de atender tanto a demanda dos servidores do INCRA quanto a dos colonos, no entanto, a área ficou distribuída geograficamente em duas partes como forma de “dividir” a população, de um lado os colonos e do outro os servidores. Nessa divisão, um dos fatores de identificação era a estrutura das casas, mas apesar de distintas no seu modelo de construção, ambas possuíam o mesmo material, todas construídas em madeira, independente de quem fosse habitar aquela residência (Santos, 2021).

Entretanto, a condição de agrovila, outrora mencionada, pouco durou em Brasil Novo frente a resolução de que a sede do INCRA se instalaria naquele local para responder a demanda da região, nesse sentido, contando com instalação desse órgão, houve a necessidade de elevar a agrovila à uma nova condição de agrópolis, que então ficou conhecida como “Agrópolis Brasil Novo”. Com esse novo “status”, aquela localidade adquiriu novas funções, como o de polo de apoio à integração social no meio rural assim que o INCRA (figura 5) se assentou e iniciou suas atividades.

Figura 5: Sede do INCRA na Agrópolis Brasil Novo.



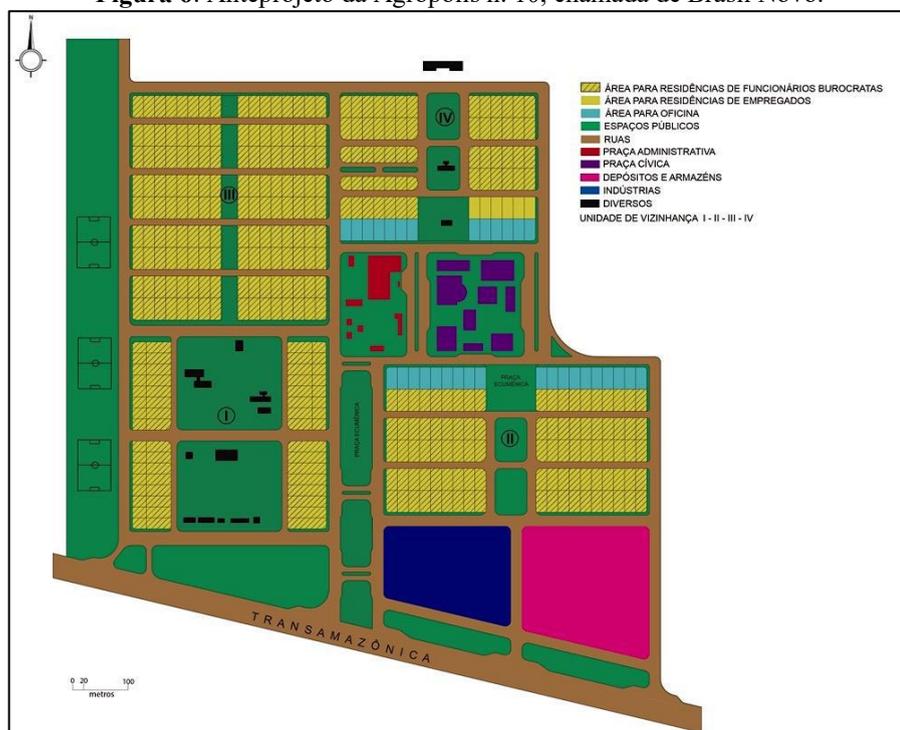
Fonte: IBGE Cidades (2024).

A partir de então, novas exigências foram se fazendo presentes com a atuação do INCRA, muito pela demanda que a agropólis passaria a ter de atender. Dentre essas exigências,

foram pedidos mais prestadores de serviços para se colocarem naquele quadro funcional do instituto, como: médicos, dentistas, enfermeiros, engenheiros, professores, dentre outros profissionais que foram necessários para a agrópolis. Esses profissionais além de atender à população daquele núcleo urbano com serviços básico de sobrevivência, também promoviam cursos e palestras para formação dos colonos.

É importante ressaltar que a atuação do INCRA na agrópolis era dificultada no sentido de ampliar a malha urbana e as distribuições das terras daquela área, mesmo que fosse exceder ao que estava proposto no anteprojeto de colonização da agropólis Brasil Novo (figura 6).

Figura 6: Anteprojeto da Agrópolis n. 10, chamada de Brasil Novo.



Fonte: Camargo, 1973.

Segundo Santos (2021, p. 15), “durante o domínio do INCRA, havia um controle pelo órgão que impossibilitava a expansão para além do planejado. Portanto, todos os terrenos eram medidos em 20m x 40m”, conforme colocado na figura 4. Isso era refletido a partir da dificuldade que se tinha em realizar a regularização das terras devolutas na região, atrelada a falta de iniciativas políticas e administrativas que não conseguiam resolver questões básicas, como acesso às terras daquelas localidades. Assim, compreende-se que essa atual estrutura corresponde à primeira mancha urbana do que atualmente se localiza a cidade de Brasil Novo. Segundo o quadro organizado por Santos (2021), a Agrópolis era constituída da seguinte forma:

Quadro 5: Infraestrutura da agrópolis Brasi Novo.

	Quantidade	Função
--	------------	--------

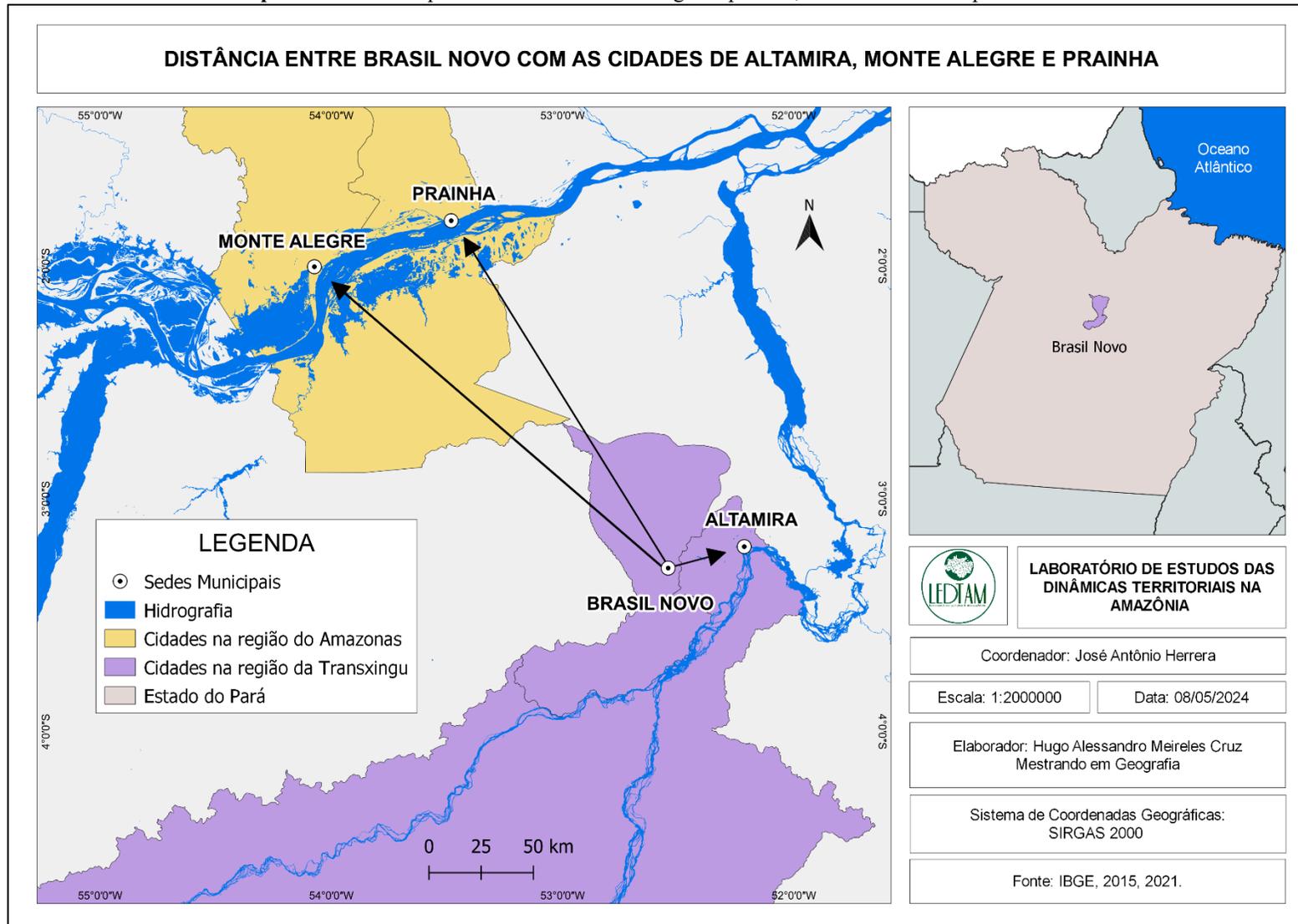
<i>ASIPA – Associação dos Servidores do INCRA Pará</i>	1	Clube social destinado aos servidores do órgão.
<i>Associação de Crédito e Assistência Rural - ACAR-PARÁ / Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará - EMATER</i>	1	Instituição de apoio ao desenvolvimento da agricultura
<i>Pista de pouso para aeronaves de pequeno porte</i>	1	Pista não pavimentada, com 1km de extensão para decolagem e pouso.
<i>Clube dos Colonos</i>	1	Clube social destinado aos colonos.
<i>Comissão Executiva do Plano Lavoura Cacaueira – CEPLAC</i>	1	Instituição de incremento e apoio aos produtores de cacau.
<i>Companhia Brasileira de Alimento – COBAL</i>	1	Fornecedora de alimentos para os colonizadores recém-chegados
<i>Companhia Brasileira de Armazenamento – CIBRAZEM</i>	1	Depósito de alimentos produzidos pelos agricultores para comercialização.
<i>Empresa de Correios e Telégrafos – ECT</i>	1	Serviços de correios e de transações bancárias.
<i>Escola Sede Brasil Novo</i>	1	Estabelecimento de ensino.
<i>Indústria Madeireira regida pelo INCRA</i>	1	Processadora de madeiras para as obras da colonização
<i>Motel</i>	1	Local de estadia para viajantes e comitivas
<i>Praça Pública</i>	1	Área de lazer e de realização de atividades culturais.
<i>Residências</i>	48	Abrigar as famílias colonizadoras e servidores do INCRA.
<i>Secretaria de Estado de Saúde Pública - SESP/Fundação Nacional de Saúde - FNS</i>	1	Unidade hospitalar e de demais atividades de saúde.
<i>Sede do INCRA</i>	1	Instituição de Administração local das atividades do órgão.
<i>Templo Religioso Ecumênico</i>	1	Atender as necessidades religiosas dos habitantes

Fonte: Silva (2007) *apud*. Santos (2021, p. 10-12).

Embora a agrópolis Brasil Novo estivesse situada em uma área de interesse de segurança

nacional e sob domínio do INCRA, sua condição política e administrativa era bastante complexa. Além de depender economicamente de Altamira, a cidade de Brasil Novo mantia vínculos administrativos com os municípios de Prainha e Monte Alegre, localizados do outro lado do Rio Amazonas e pertencentes à região do Baixo Amazonas, conforme ilustrado no mapa 2.

Mapa 2 : Cidades ao qual Brasil Novo estava integrada política, administrativa e espacialmente.



Fonte: IBGE, 2015, 2021. **Elaboração:** Autor (Cruz, 2024)

Havia muita dificuldade em adquirir registros de propriedades, sendo que eles só poderiam ser realizados em Prainha, cuja Comarca ficava em Monte Alegre, ou seja, por questões de logística era quase inviável tendo em vista que era preciso percorrer um trajeto em estado precário, matas densas, estradas ruins, além da travessia de grandes rios como o Rio Amazonas (ilustrado no mapa 2) para se chegar as sedes municipais de Prainha e Monte Alegre. A distância entre Brasil Novo e Prainha em linha reta é em torno de 198,68 km e para Monte Alegre, a distância pode chegar à 224,12 km, ou seja, esse era o principal motivo que a agropólis Brasil Novo enfrentava para o desenvolvimento da sua malha urbana, na garantia das titulações de terras.

Assim, como a agrópolis Brasil Novo, outros polos do PIC – Altamira se encontravam nessa mesma situação, o que promoveu um grande movimento em busca da emancipação dessas cidades ao longo da rodovia Transamazônica, bem como coloca Zani (1999), quando se referiu a esses processos emancipatórios:

O primeiro que aconteceu foi Uruará – aglomeração que surgiu naturalmente à partir de uma escola instalada pelo Lions Club de Altamira, segundo informação do Sr. Dino Brilo ex-executor do INCRA – depois Medicilândia, ao qual Brasil Novo passou a pertencer fisicamente, mesmo assim, não teve sua situação resolvida, diante do inconformismo da população já que todos os procedimentos econômicos se faziam via Altamira. Isso levou a organização de grupos de pessoas a fazer um trabalho de conscientização em prol da emancipação de Brasil Novo (Zani, 1999, p. 31).

Apesar de Brasil Novo pertencer ao município de Medicilândia, suas questões administrativas ainda eram resolvidas em Altamira. Então, a partir de longos períodos de luta pela população local para desmembrar a agrópolis de Medicilândia e torna-la Vila do município de Altamira para que facilitasse o processo de emancipação no futuro, que foi promulgado pela Câmara de Altamira a elevação da então agrópolis à categoria de vila. Em seguida, não demorou muito para que a vila fosse emancipada e tornada sede do então município Brasil Novo, no ano de 1991.

Com esse status na formação de Brasil Novo que lhes foi conferida, deu início então um novo processo de desenvolvimento socioeconômico no local, em busca de fortalecimento e até mesmo o próprio crescimento urbano que foi facilitado tendo em vista que novos órgãos governamentais foram se estabelecendo no município. Ademais, além da área urbana, a rural também estava sobre os interesses “desenvolvimentistas” desde então, pois a pecuária e agricultura eram muito fortes deste o período de sua colonização, e esses fatores poderiam continuar gerando renda para Brasil Novo.

2.3.2. Características de Brasil Novo como município emancipado.

O município de Brasil Novo foi criado através da Lei Estadual nº 5.962 de 13 de dezembro de 1991 e está localizado na mesorregião do sudoeste paraense, com população estimada em 24.718 habitantes e uma área de 6.362,575 km² (IBGE, 2022). Brasil Novo pertence às Regiões Geográficas Imediata e Intermediária da cidade de Altamira - PA conforme é ilustrado no mapa 3. O referido município, em relação ao demais que ocupam a Região Imediata de Altamira, é o segundo menor em tamanho territorial (IBGE, 2022).

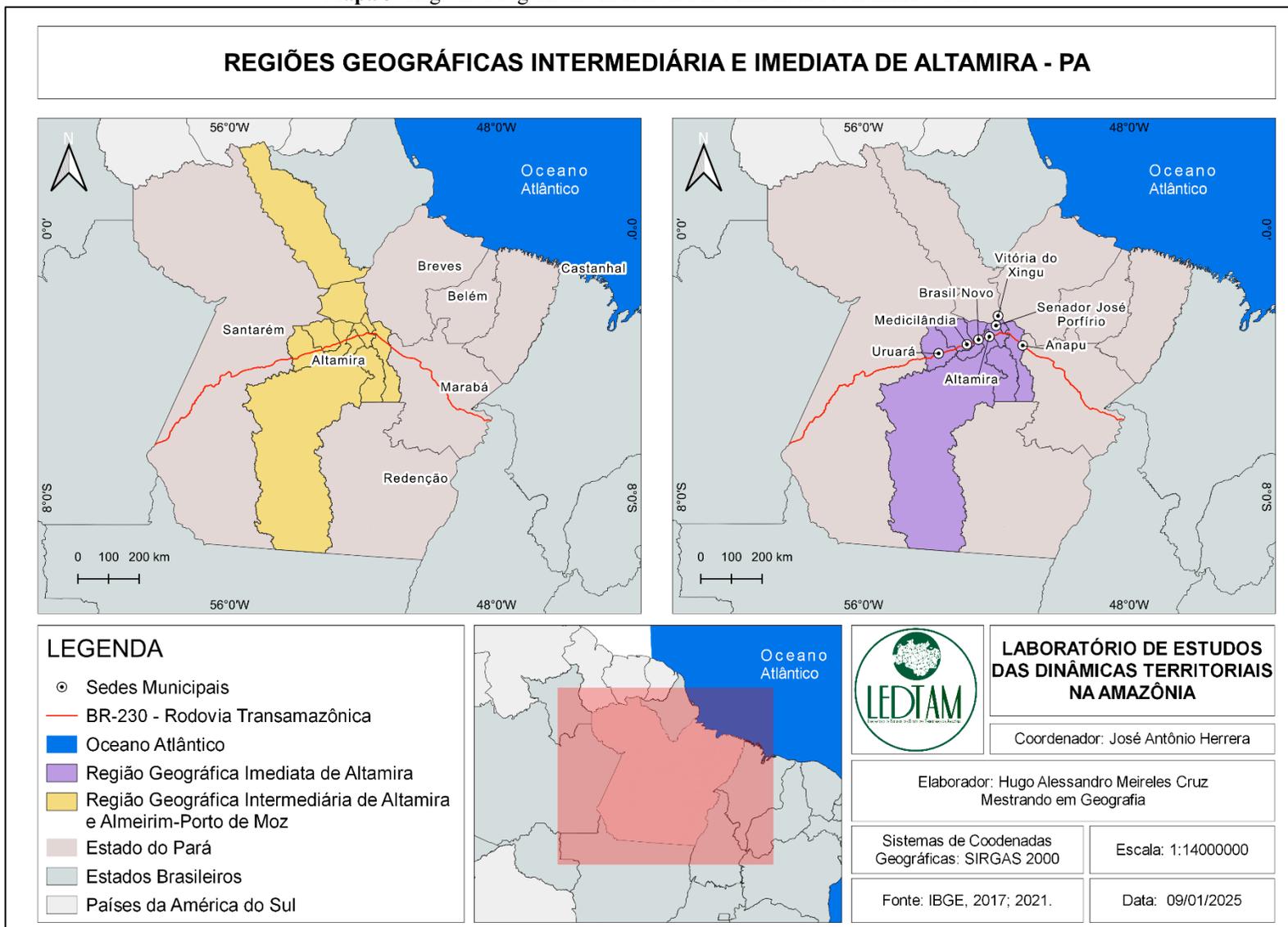
Seus limites territoriais correspondem ao norte com o do município de Altamira e ao oeste com o município de Medicilândia e está integrada na região imediata de Altamira junto a outros cinco municípios, sendo eles: Uruará, Medicilândia, Senador José Porfírio, Vitória do Xingu e Anapu. Essa divisão possui forte ligação econômica e social com a cidade de Altamira, por ser a cidade média que exerce maior influência sobre todos esses municípios. Por mais que Porto de Moz não esteja inserida nesse contexto de região imediata, ela ainda poder ser uma área que sofre influência dessa cidade central.

As Região Geográficas Imediata e Intermediária se referem a uma nova divisão regional criada pelo IBGE com como uma metodologia para adequar as transformações regionais do país frente as mudanças na estrutura produtiva frente a conjuntura mundial. Como bem é afirmado:

Considerando as mudanças ocorridas na dinâmica econômica do mundo, a inserção do Brasil nos circuitos mundiais, as novas polarizações globais, e tendo em vista, ainda, que o território brasileiro vem passando por intenso processo de transformação, que precisa ser identificado em sua diversidade, é oportuna a construção de um novo modelo de divisão regional para o País (IBGE, 2017, p. 19).

Essa região adota a rede urbana como principal elemento de referência, principalmente ao considerar que em um nível hierárquico, os principais centros da referida rede podem atender as principais demandas e necessidades da população que vão além dos bens e serviços que essa cidade pode oferecer. No caso de Brasil Novo, é importante deixar em evidência que ela está inserida na rede urbana da Região de Integração do Xingu - RIX, que foi uma região criada estrategicamente para se ter o controle do território baseado nas municipalizações que estavam surgindo desde o período de ocupação da década de 1970.

Mapa 3: Regiões Geográficas: Intermediária e Imediata de Altamira – Pará.



Fonte: IBGE, 2017, 2021. **Elaboração:** Autor (Cruz, 2025)

Com sua emancipação, o município ganhou autonomia para proferir decisões, atender as demandas da população local, implementar políticas de desenvolvimento econômico e direcionar recursos para o investimento em infraestrutura básica. A proximidade de Brasil Novo com Altamira lhes garante ampliação de oportunidades no que tange ao seu contexto econômico, podendo influenciar nos padrões e dinâmicas da população Brasil-novense e oferta de bens e serviços.

Contudo, considerando que essas regiões estratégicas acompanham as tendências da modernização, as cidades da Transamazônica, mais especificamente da Região Imediata polarizada por Altamira, passaram por intensas transformações tanto em seus espaços interurbanos como intraurbanos, frente aos agentes econômicos que foram se instalando ao longo do tempo e que, inclusive, favoreceram uma realidade com níveis altos de aumento populacional, aumento das estruturas urbanas e demais relações socioespaciais.



*C*APÍTULO 3

AS DINÂMICAS URBANAS DA CIDADE DE BRASIL NOVO

Com intuito de evidenciar as sistematizações originadas das pesquisas em campo, busca-se apresentar os resultados obtidos na pesquisa de campo, como forma de destacar as principais características e especificidades da cidade de Brasil Novo – PA como uma cidade pequena na Amazônia. Além de apresentar as dinâmicas do espaço urbano da cidade de Brasil Novo de modo a compreender o processo de crescimento frente as organizações e perfis sociais da população, ou seja, compreender as lógicas de ocupação e o processo de periferação da cidade ao longo tempo.

3.1. Crescimento da Mancha Urbana da Cidade de Brasil Novo

Nesta seção tem-se como objetivo compreender a expansão da malha urbana da cidade e os diferentes eventos em que Brasil Novo esteve/está inserido, de forma a entender os processos *tempo* e o *ritmo* da cidade. Leva-se em consideração que o processo de formação socioespacial de uma cidade, bem como a identificação das diversas maneiras de ocupação e crescimento de sua mancha urbana, é fundamental para entender as distintas formas de uso do território e as características desses espaços que foram socialmente ocupados ao longo do tempo.

Neste contexto, considerando que Brasil Novo vivenciou diversos momentos que impulsionaram seu crescimento, foi escolhido um intervalo temporal que reflete o grau de urbanização da cidade, especificamente o período de 1970 a 2022. Este intervalo abrange desde o início da abertura da BR-230, que facilitou o surgimento do que hoje conhecemos como Brasil Novo, até os anos mais recentes, nos quais se observou um processo acentuado de ocupação e expansão da mancha urbana.

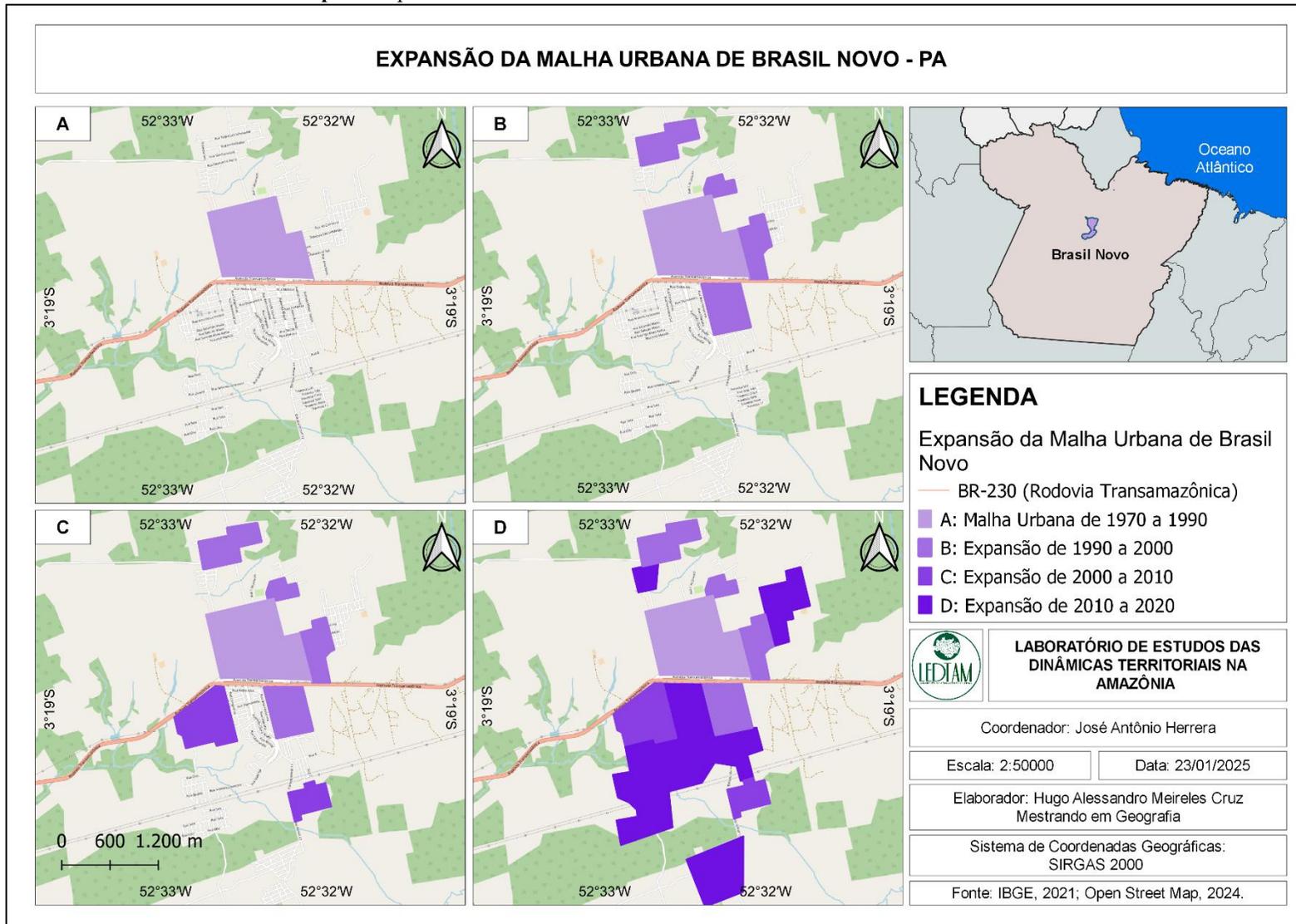
Após a emancipação do município, a cidade de Brasil Novo iniciou o seu processo de expansão urbana com a criação de novos bairros. Segundo os relatos dos entrevistados em campo, constatou-se que o bairro *Cidade Alta* foi o primeiro a ser criado. Os entrevistados pontuaram que ele foi um bairro loteado pelo INCRA, sendo o mais antigo que se estabeleceu após 1970. Conforme afirma o relator “A” (2023):

“Depois, com o surgimento da prefeitura, que foi feito o primeiro bloqueamento de um bairro, o primeiro bairro da cidade alta” (Relator “A” em 10 de novembro de 2023).

Logo após, nos anos 2000 surge o bairro *Cidade Alta*, esse primeiro momento de expansão da cidade perdurou até os anos 2010, após isso, os entrevistados pontuaram que o

número de bairros aumentou exponencialmente, sobretudo correlacionaram com a chegada do evento da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na região. O mapa 4 a seguir, faz essa dilustração de expansão dos bairros ao longo do tempo.

Mapa 4: Expansão da Malha Urbana de Brasil Novo entre os anos de 1990 e 2020.

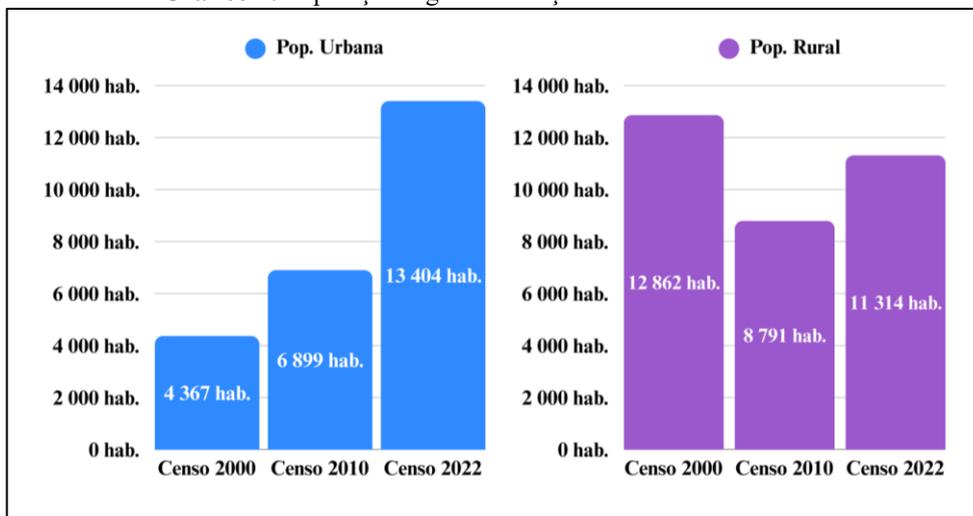


Fonte: IBGE, 2021; Open Street Map, 2024. **Elaboração:** Autor (Cruz, 2025)

Observa-se a partir do mapa acima que a cidade de Brasil Novo permaneceu com sua malha urbana na mesma estrutura que foi estabelecido pelo anteprojeto da Agrópolis, instaurado no período da colonização entre as décadas de 1970 a 1990 e tinha uma área equivalente a 0,98 km². Entre os anos de 1990 a 2000, ocorre uma expansão do perímetro urbano, correspondendo a uma área de 0,79 km², foi o período em que surgiram os primeiros bairros em Brasil Novo. Nos anos seguintes, entre 2000 a 2010, período no qual o município já havia sido emancipado, aumenta-se no perímetro urbano uma área equivalente a 0,54 km².⁵

De 2010 a 2020, Brasil Novo marca em seu perímetro urbano um aumento bastante considerável de uma área equivalente ao total de 2,02 km². Esse aumento pode ser equiparado ao momento em que se iniciaram os trabalhos para a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte que fez com que aumentasse o número populacional, inclusive o êxodo rural, que Segundo Achával (1950, p. 3), em sua expressão mais comum o “el éxodo rural significa una disminución de la población de la campaña, con el correlativo aumento de la que reside en los centros urbanos⁶”, ou seja, há uma diminuição da população residente nas áreas rurais e ao mesmo tempo o aumento da população residindo nos centros urbanos. O gráfico 1 a seguir, representa um pouco dessa dinâmica ocorrida em Brasil Novo, entre os anos de 2000 a 2010⁷.

Gráfico 1: População segundo situação da unidade domiciliar.



Fonte: IBGE; FAPESPA (2023).

Analisando os gráficos acima, percebe-se uma clara disparidade no crescimento populacional entre as áreas urbanas e rurais nos anos de 2000, 2010 e 2022. A população urbana aumentou significativamente, com crescimento de 57,96% entre 2000 e 2010, e um novo salto

⁵ O cálculo das áreas de expansão foi calculado por meio dos polígonos adicionados pelo programa QGIS.

⁶ Tradução do autor: “O éxodo rural significa uma diminuição da população do campo, com o aumento correspondente ao que reside nos centros urbanos” (Achával, 1950, p. 3).

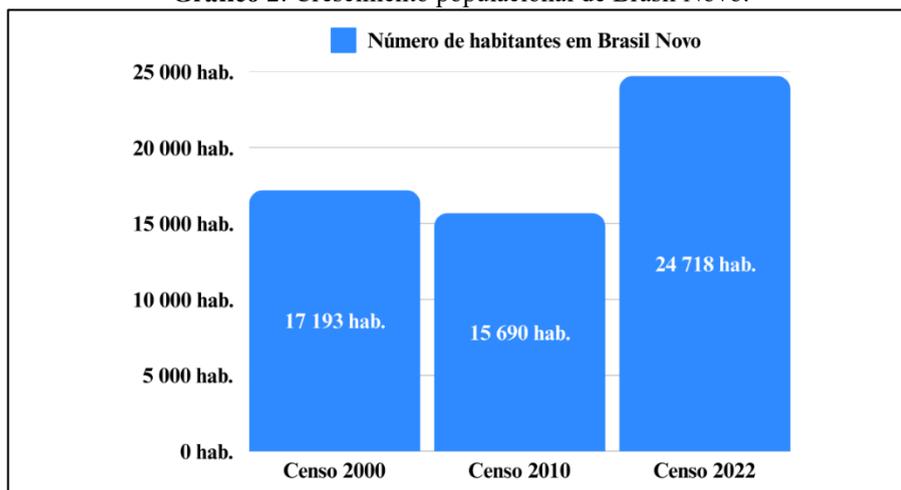
⁷ Não foram encontrados dados do ano de 2020 pelo IBGE.

de 94,29% entre 2010 e 2022. Em contrapartida, a população rural causou uma redução de 31,66% de 2000 a 2010, seguido por uma recuperação parcial de 28,70% entre 2010 e 2022. Esse padrão reflete uma tendência nacional de forte urbanização, em que o crescimento das cidades supera ou das áreas rurais, que, apesar de alguma recuperação recente, continua em declínio em muitos locais, ou seja, mesmo com a perda populacional em determinados períodos, a cidade ainda assim demonstrou crescimento.

A expansão expressiva do tecido urbano da cidade de Brasil Novo entre os anos de 2010 e 2020, é consequência da UHE Belo Monte em Altamira, sendo ela uma cidade polo de grande importância tanto econômica quanto política em sua macrorregião do sudoeste paraense. Segundo o CCBM (2014), entre os anos de 2001 e 2014, a obra recebeu um total de 45.934 trabalhadores diretos que foram admitidos pelo empreendimento Belo Monte.

Ressalta-se que, além dos trabalhadores que foram admitidos pelo empreendimento, estima-se que a população de Altamira tenha aumentado em cerca de 90 mil para 170 mil habitantes, segundo o Jornal da USP (2019). Devido a esse crescimento populacional no decorrer da construção da usina, os preços cobrados nos aluguéis ultrapassaram 300% em 2011 (Portal G1). Esse fenômeno também afetou as cidades próximas de Altamira, levando a mobilidade dessa população em busca de um custo de vida mais acessível. O gráfico 2 colocado a seguir ilustra como a população Brasil-novense (cidade vizinha de Altamira) cresceu ao longo do tempo.

Gráfico 2: Crescimento populacional de Brasil Novo.

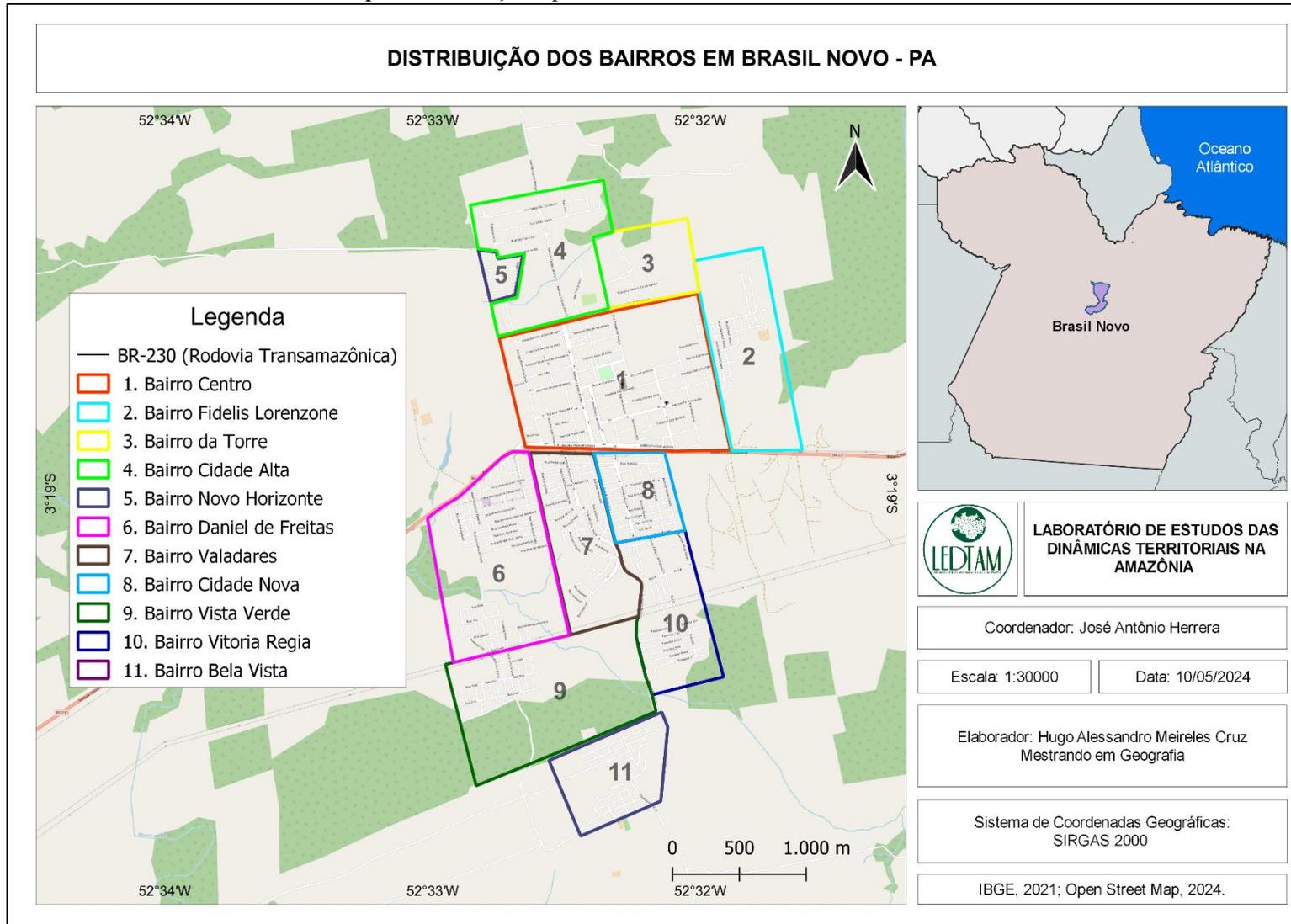


Fonte: IBGE; FAPESPA (2023).

Percebe-se que os anos de 2010 a 2022, registraram o maior aumento populacional em Brasil Novo, com um crescimento de 9.568 habitantes, quase o dobro do registrado entre 2000 e 2010, quando houve uma redução de 1.503 habitantes. Esse aumento populacional resultou

também significativamente na produção de novos assentamentos habitacionais, para além dos que já existiam na cidade até 2010, outros 5 bairros surgiram na cidade de Brasil Novo. O mapa 5, a seguir, mostra como está a distribuição dos bairros de Brasil Novo.

Mapa 5: Distribuição espacial dos bairros na cidade de Brasil Novo/PA.



Fonte: IBGE, 2021; Open Street Map, 2024. **Elaboração:** Autor (Cruz, 2024).

O Bairro Centro (1) tem início da sua delimitação às margens da rodovia Transamazônica, caracteriza-se por ter sido o bairro que marcou a gênese de Brasil Novo desde o período em que era agrópolis. Diferente das demais cidades da Transamazônica que possuem o centro comercial principal da cidade perto da rodovia, a cidade de Brasil Novo possui a “Rua Comércio” considerada como a área central de comércio e serviços da cidade e/ou nas proximidades a ela. Ademais, no centro possuem as principais estruturas que são fundamentais para a vida urbana, tais como bancos, escolas, igreja católica, hospital municipal, prefeitura e câmara de vereadores, postos de combustível, etc.

O Bairro Cidade Alta e Cidade Nova, como mencionados anteriormente, foram os primeiros a surgirem depois da emancipação do município entre 2000 a 2010. Posteriormente, com a chegada da Belo Monte e o fluxo contínuo de pessoas tanto da própria zona rural como de outras localidades para o centro urbano da cidade de Brasil Novo, fez com que houvesse grande ocupação nas áreas públicas e a ocupação de loteamentos que foram surgindo nas proximidades do centro e dos bairros que já existiam. Com isso, surgem novos bairros entre os períodos de 2010 a 2020 (durante e pós Belo Monte), sendo eles: Bairro Fidelis Lozenzone (2); Bairro da Torre (3); Bairro Daniel de Freitas (6); Bairro Vista Verde (9); Bairro Vitória Régia (10) e Bairro Vista Verde (11) conforme foram destacados no mapa acima.

O Bairro Novo Horizonte (5), segundo Santos (2021) surgiu como uma ocupação espontânea e como consequência da chegada dos migrantes que vieram trabalhar na usina:

Com a expansão da mancha urbana de Brasil Novo, surge o bairro Novo Horizonte, um local totalmente atribuído ao conceito da Lógica da Necessidade, situado na região norte da cidade, criado por meio de uma ocupação de uma área pública do Governo Estadual que seria destinada para construção de uma escola, sendo ocupada por pessoas sem moradia, agricultores, pessoas impactadas pela construção da UHE Belo Monte, e trabalhadores da usina condicionados às cidades vizinhas devido ao preço inflacionado do custo de vida em Altamira – cidade referência para obra da usina (Santos, 2021, p. 15).

Enquanto o Bairro Novo Horizonte surgiu da necessidade, o Bairro Jardim Valadares (7), em contrapartida é um Bairro Particular que pouco tem ligação com a prefeitura da cidade para a atender aos serviços de manutenção, ou seja, o saneamento básico segundo relatos dos entrevistados é tudo por responsabilidade da administração do bairro, menos a energia elétrica, que é fornecida pela prefeitura, é importante relatar também que o acesso a água do bairro (responsabilidade do empreendimento) também é “particular”, tendo em vista que o consumo é calculado a partir do hidrômetro instalado em cada residência, diferentes da rede pública, que o acesso à água tem um valor fixo e de baixo custo para a população.

Portanto, a partir da leitura histórica e analítica da cidade de Brasil Novo, em que se

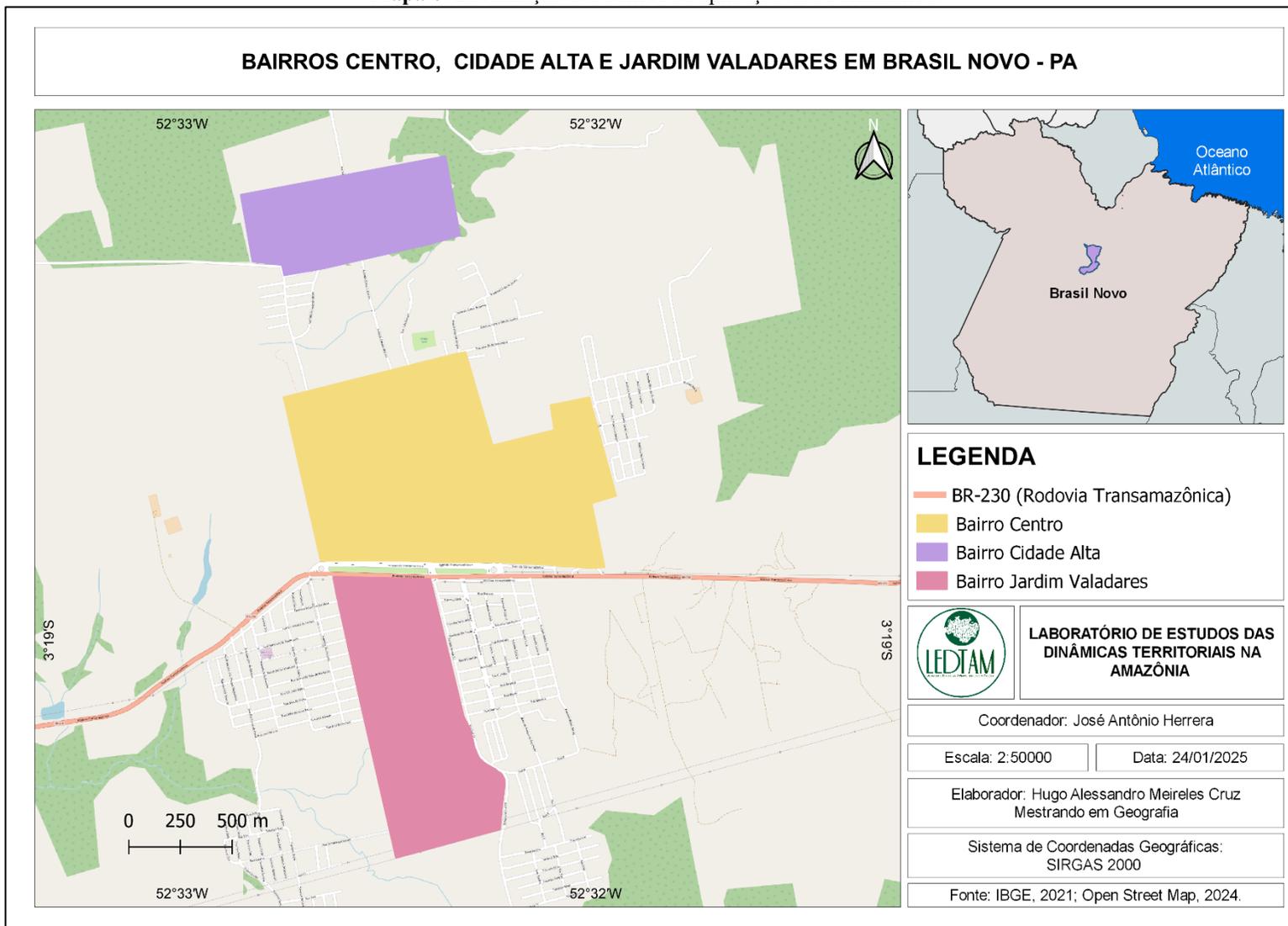
apresentam elementos que foram essenciais para a formação da cidade, foram colocados em questão periodicamente alguns eventos e que provocaram intenso processo de modificações na estrutura urbana e regional. Cada um desses fatores possui sua importância para explicar as mudanças ocorridas no espaço local, no entanto, não lhes garante por completo uma análise incisiva sobre as dinâmicas espaciais produzidas e reproduzidas pela população Brasilnovenese, bem como a posição de influência que essa cidade pequena possui.

3.2. Dinâmica Espacial dos Bairros Centro, Cidade Alta e Jardim Valadares na Cidade de Brasil Novo

Atrelado à gênese da cidade de Brasil Novo, pode-se verificar que as suas complexidades revelam os padrões espaciais presentes em sua configuração urbana, sobretudo a partir do momento em que sua participação foi sendo implementada na Divisão Territorial do Trabalho, onde, diferentes funções foram lhes conferidas.

Neste sentido, a fim de compreender a dinâmica urbana da cidade em questão, foi realizada entrevistas com os moradores de três bairros distintos, no sentido de ser ter uma visão sobre como os agentes se organizam no espaço urbano. Como bem pontuado na introdução desta dissertação, os três bairros escolhidos possuem características que se diferem, apresentando especificidades de suma importância para a compreensão de suas dinâmicas. O mapa 7, ilustra a localização dos bairros de análise desta pesquisa.

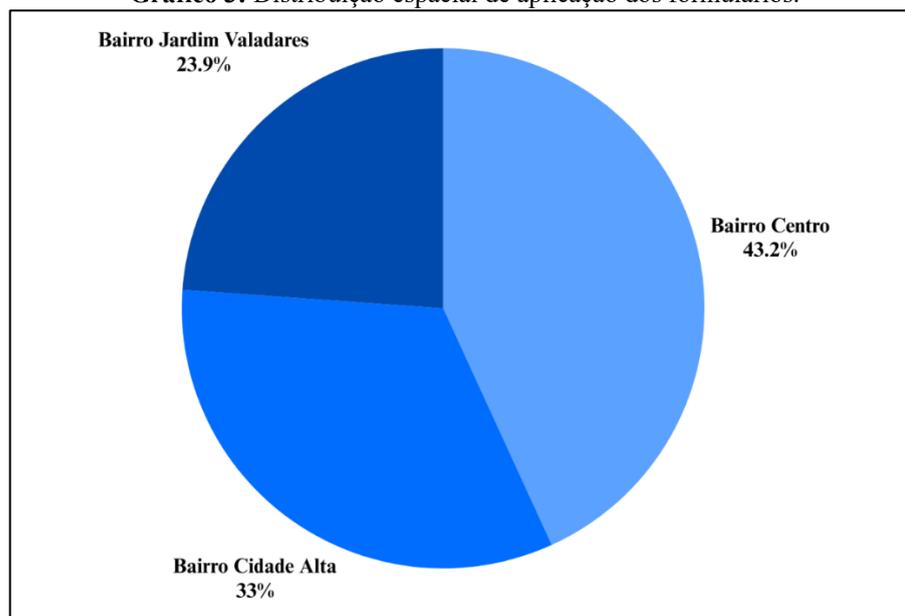
Mapa 6: Localização dos bairros de aplicação dos Formulários.



Fonte: IBGE, 2021; Open Street Map, 2024. **Elaboração:** Autor (Cruz, 2025).

O mapa 6 apresenta o bairro Centro, onde estão concentrados a maioria dos estabelecimentos comerciais presentes na cidade (observação afirmadas em campo), o bairro Cidade Alta, o primeiro loteamento criado em Brasil Novo e, o bairro Jardim Valadares, um dos bairros mais recentes e, diferente dos demais, é um loteamento particular. Assim, o gráfico 3 apresenta as porcentagens de formulários aplicados em cada bairro, sendo eles 43% aplicados no bairro Centro, 33% aplicados no bairro Cidade Alta e, 23,9% aplicados no bairro Jardim Valadares.

Gráfico 3: Distribuição espacial de aplicação dos formulários.



Fonte: Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

De acordo com os dados coletados em campo, foram aplicados um total de 87 formulários, distribuídos entre os três bairros mencionados anteriormente. Esta pesquisa envolve uma abordagem qualitativa, que busca interpretar e compreender os fenômenos a partir do significado atribuído pelas pessoas. Para Denzin e Lincoln (2006), o termo qualitativo se refere as qualidades e os processos que não podem ser medidos experimentalmente em termos de quantidade, volume ou frequência.

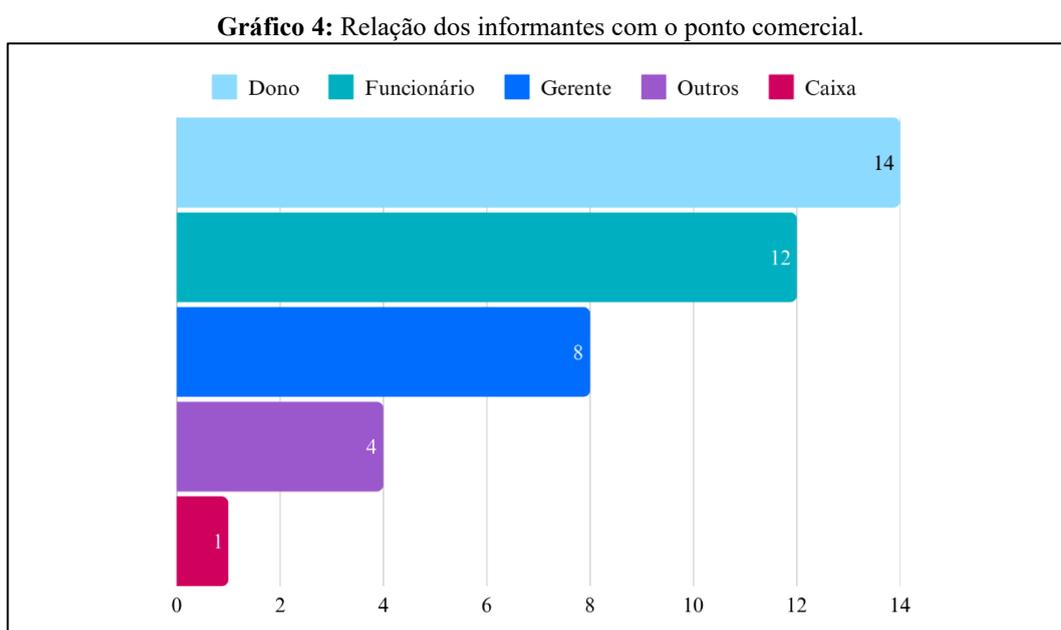
As informações obtidas em cada bairro permitiram abordagens distintas, especialmente no que diz respeito ao perfil socioeconômico dos entrevistados. É importante destacar que os formulários aplicados no bairro Centro têm uma estrutura e objetivos diferentes daqueles utilizados nos outros bairros. Assim, é inicialmente serão evidenciadas as dinâmicas observadas

inicialmente no Centro⁸ e, posteriormente, nos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares⁹.

3.2.1. A dinâmica econômica produzida no bairro Centro na cidade de Brasil Novo.

Para compreender a dinâmica do espaço urbano da cidade de Brasil Novo, é essencial que se faça a análise do comércio, pois este está concentrado no bairro centro da cidade e se encontram diferentes ramos de bens e serviços trabalhistas. Nele, há uma grande concentração de atividades com características que se dissociam e que apresentam relações de verticalidade e horizontalidades que são percebidas a partir do alcance das suas compras e vendas de produtos.

Inicialmente, após as perguntas de identificação dos entrevistados, questionou-se a relação dos informantes com o estabelecimento ao qual estavam no exercício de sua função. Como pré-requisito, buscou-se coletar informações com os principais responsáveis por cada estabelecimento, sejam eles os(as) donos(as) e na sua ausência, o(a) gerente e assim sucessivamente, como apresentado no gráfico 4.



Fonte: Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

A partir do gráfico 4 acima, nota-se que a maior quantidade de formulários aplicados, foram realizados com os próprios donos dos estabelecimentos, o que garante informações mais precisas sobre o gerenciamento do próprio. Desta forma, dos 38 formulários aplicados no bairro Centro, considerado como área comercial da cidade de Brasil Novo, 14 foram realizados com os próprios donos dos estabelecimentos; com segundo maior índice de informantes, 12

⁸ Em apêndice: “Formulário – Bairros”

⁹ Em apêndice: “Formulário – Comércio”

formulários foram aplicados com os funcionários (vendedores); em outros, 8 gerentes foram os informantes da pesquisa e, 1 caixa cedeu informações durante a pesquisa.

No quesito “outros” exposto do quadro de respostas durante as entrevistas, se inseriram os demais funcionários que se declararam como “irmão do dono”, “farmacêutica”, “responsável técnica” e “mulher do dono”.

Ademais, com o intuito de buscar entender a dinâmica do comércio local, buscou-se durante a atividade de campo, espacializar e focar em diferentes seguimentos dos estabelecimentos presentes na área comercial da cidade (bairro Centro), que vão desde os principais setores comerciais, de alimentação e serviços prestados à população, como ilustra o quadro 5 abaixo.

Quadro 6: Espacialização dos estabelecimentos informantes na cidade de Brasil Novo.

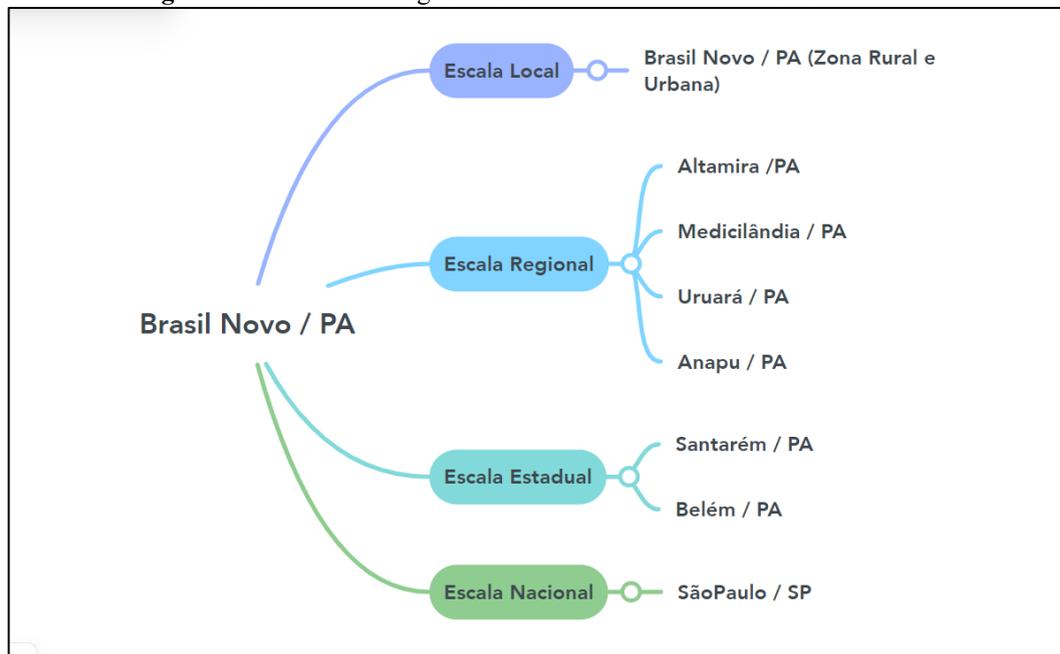
Item	Ramo de atuação	Especificação da mercadoria/serviço...	Quantidade de estabelecimentos
01	Comércio (mercado, loja de roupas, vendas, entre outros).	Loja de Variedades	1
02		Mercado	3
03		Venda de Placas Solares	1
04		Confecções e Calçados	4
05		Artigos de Papelaria	2
06		Óticas	2
07		Armarinho	2
08		Loja de Eletrônicos	1
09		Loja de Eletrodomésticos	1
10		Casa Agropecuária	2
11		Ervas e Produtos Naturais	1
12		Produtos de Beleza	2
13		Loja de Roupas	1
14	Alimentação em geral (restaurante, bar, sorveteira, entre outros).	Lanchonete	1
15		Conveniência	1
16		Padaria	2
17		Restaurante	1
18		Farmácia	5
19	Serviços (consultoria, transporte, saúde, beleza educação, entre outros).	Cursos Profissionalizantes	1
20		Salão de Beleza	1
21		Informática	1
22	Outros	Assistência Técnica	1
23		Consultas e Exames	1

Fonte: Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

No quadro 5, temos a identificação dos principais ramos de atuação dos estabelecimentos que foram visitados, bem como, a especificação das mercadorias e serviços prestados que são ofertados para a população local, regional e até nacional. Cabe pontuar que,

o número de setores comerciais em que mais se concentrou as entrevistas, foram nos comércios da cidade.

Figura 7: Escala de abrangência das atividades comerciais de Brasil Novo.



Fonte: Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

Como bem colocado na figura 7, os dados coletados em campo revelam os destinos das vendas dos produtos comercializados pelos estabelecimentos entrevistados em Brasil Novo. Observa-se que Brasil Novo é a cidade mais mencionada pelos entrevistados, com a maioria das vendas realizadas apenas na escala local. Em segundo lugar, está a cidade de Altamira, no estado do Pará, com um total de 15 respostas. Em seguida, Medicilândia, também no Pará, contabiliza 6 respostas. As cidades de São Paulo (SP), Uruará (PA) e Santarém (PA) apresentam 2 respostas cada. Por fim, Anapu e Belém, ambas no Pará, possuem 1 resposta cada. Esses dados destacam a predominância e o alcance do comércio da cidade de Brasil Novo.

Ou seja, mesmo que as relações comerciais de Brasil Novo sejam efetivadas com maior dinâmica na escala local, sendo mantidas em grande influência a partir da zona rural e urbana da cidade, Brasil Novo também possui abrangência em escala regional, alcançando para além das cidades vizinhas polarizadas por Altamira, como também cidades de outras regiões geográficas, como Santarém e Belém. Não obstante, a cidade Brasilnovense também pode manifestar relações com cidades de outros estados brasileiros, como no caso de São Paulo/SP, que apareceu nas respostas dos entrevistados. Por menor que seja a sua dinâmica, ainda assim é possível perceber como a cidade possui forças para ter um alcance vertical.

Ademais, no ponto de vista socioeconômico e territorial, a articulação comercial entre a cidade de Brasil Novo e os demais centros, representa a dinâmica essencial de fluxos ao qual Santos (2008) coloca quando contextualiza sobre a possibilidades ofertadas pelas redes, sendo de circulação de pessoas, trocas de informações materiais e também imateriais para além dos fluxos de mercadorias. Assim, as facilidades possibilitadas pelas redes, dão suportes para que, como ilustra no quadro 5, Brasil Novo possa ter o seu alcance comercial para além da escala local, podendo alcançar cidades como São Paulo, que está localizado no Sudeste do País.

Ou seja, por mais que haja interação entre as cidades da rede polarizada por Altamira, a cidade de Brasil Novo consegue manifestar novas centralidades, mesmo possuindo certa dependência de sua cidade média no que tange a sua organização na divisão territorial do trabalho. Assim, afirma Souza (2020, p. 57) “centralidade de uma cidade, já se viu, é função, acima de tudo, de sua capacidade de ofertar bens e serviços para outros centros urbanos, estabelecendo, desse modo, uma área de influência”.

A notável capacidade com que a cidade de Brasil Novo tem em articular-se, tanto direta quanto indiretamente, por meio de suas inserções mercantis capitalistas, foi impulsionada por sua integração em uma dinâmica regional abrangente, especificamente através de sua inserção na Região Imediata polarizada por Altamira. Como afirma Santos (2023, p. 283), “A integração territorial é resultado dos processos de consumo, que também hierarquizam o espaço segundo as potencialidades de demanda e de oferta”.

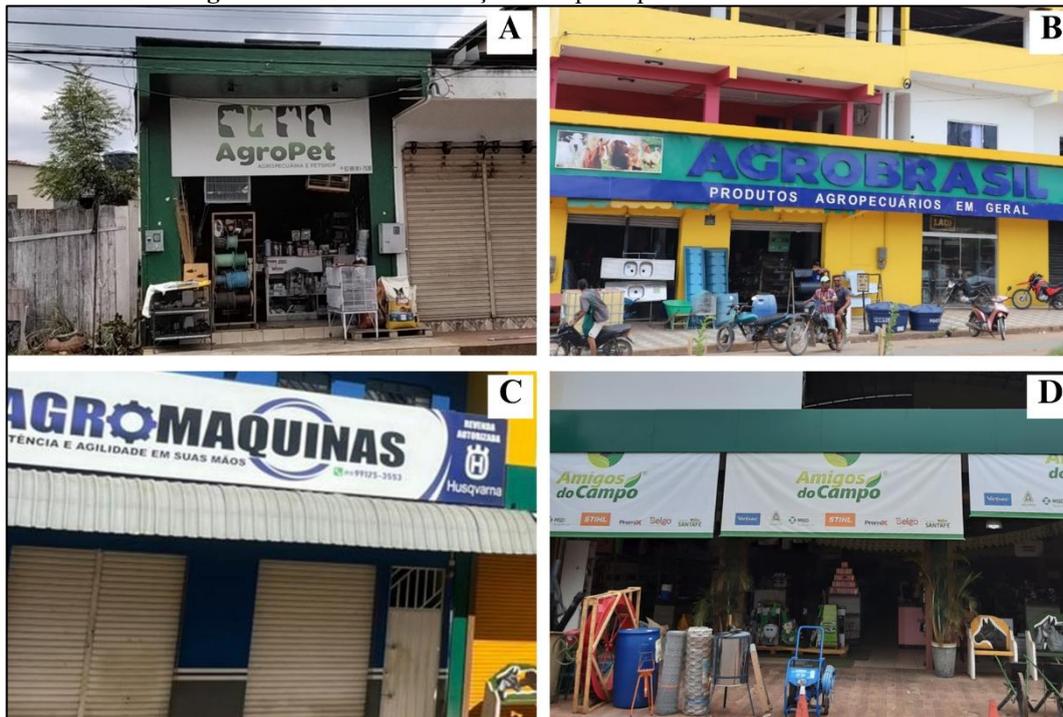
Ademais, esta complexidade inerente às cidades que são polarizadas por Altamira, como Brasil Novo, confere-lhes maior relevância em relação aos seus papéis na divisão territorial do trabalho. Este processo de modernização e facilidade das relações comerciais e transformação das práticas de mercado, acompanhou o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, embora de forma lenta, tendo em vista que o seu acesso só é permitido por vias terrestres.

Compreende-se também, que cidade pequena de Brasil Novo apresenta uma estruturação do espaço que reflete processos historicamente produzidos, especialmente em relação às atividades que suportam a agropecuária, o agronegócio e a agricultura familiar. Desde a gênese da agrovila, essas atividades têm dinamizado a oferta de serviços relacionados ao setor, garantindo um nível maior de produtos para atender à demanda dos consumidores focados no campo.

É importante ressaltar que Brasil Novo possui fortes ligações entre o urbano e o rural, influenciadas pela lógica de produção e reprodução desde os períodos de colonização. Suas funções se modificaram ao longo do tempo, acompanhando as lógicas do capitalismo, mas a

relação com o campo e as atividades agrícolas se mantiveram. Isso é evidenciado pela quantidade de estabelecimentos comerciais voltados para esse ramo, como ilustrado na figura 8, observada durante as expedições de campo.

Figura 8: Amostra de serviços de suporte para atividades “rurais”.



Fonte: Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

De acordo com o conjunto de estabelecimentos expostos na figura 8, e para além disto, é possível verificar que a cidade ou, melhor dizendo, as formas-conteúdos presentes no espaço Brasilnovense, comporta uma dialética com a sociedade, pois, as dinâmicas comerciais percebidas na atualidade em que se fez esta pesquisa, está relacionada com os movimentos e articulações que foram pré-estabelecidos no passado¹⁰ com os migrantes que vieram por iniciativas do governo federal na década de 1970, como foi dito anteriormente. Nota-se também, que os nomes fantasias dos estabelecimentos, sempre se referem aos serviços que dão suporte as atividades rurais (agropecuária, agricultura, agronegócio...), como “agro” ou “campo”, conforme ilustrado acima.

Outro ponto que é importante mencionar, são os elementos que foram colocados ao longo do espaço da cidade, como forma de representar a economia ou a dinâmica local produzida pelos residentes urbanos e rurais da cidade de Brasil Novo, como ilustra a coleção de

¹⁰ As relações estabelecidas entre os colonos, o Governo Federal e as terras da Transamazônica, foram expostas com mais detalhes no tópico 2.2 desta dissertação.

imagens da figura 9.

Figura 9: Elementos com características rurais presentes na área urbana da cidade.



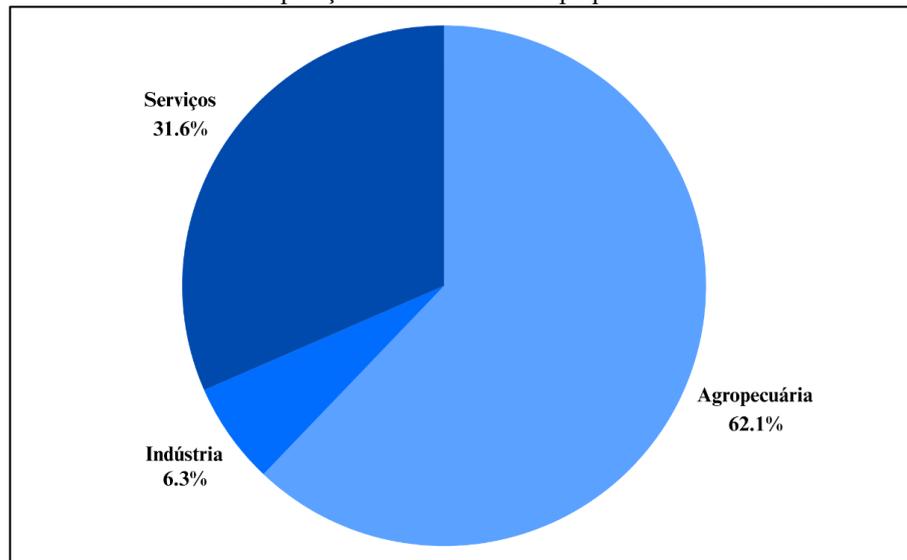
Fonte: Arquivos pessoais do autor (2025).

As imagens representadas na figura 9, possuem alguns elementos que, segundo os moradores locais, representam as dinâmicas socioespaciais da cidade pequena de Brasil Novo. Na Imagem “A”, está o letreiro de “Bem-vindos a Brasil Novo” (no sentido de quem vai de Altamira para Brasil Novo), possuem as estátuas de duas pessoas carregando em seus “balaies”¹¹, o fruto do cacau. Na figura “B” possui outro letreiro de “Bem-vindos a Brasil Novo” (no sentido de quem vai de Medicilândia para Brasil Novo), contando em seus respectivos lados, as estátuas de um Boi e de um fruto do cacau. Já, a imagem “C”, fica a estátua de um Boi Nelore, que está localizado bem ao centro da cidade, próximo à rodovia Transamazônica. Esses símbolos possuem o intuito de fortificar a ideia de que a agropecuária e agronegócio são os principais setores econômicos que dinamizam a cidade pequena de Brasil Novo.

Diante disto, cabe fazer a análise dos dados referentes ao Produto Interno Bruto – PIB, que revela a concentração da produção econômica dos diferentes setores e que movimentam a economia cidade, conforme apresenta o gráfico 5 a seguir.

¹¹ Os **balaies**, popularmente conhecidos, são cestos de palha que as pessoas usam para colocar os frutos ou qualquer que seja o produto extrativo durante suas coletas.

Gráfico 5: Composição do PIB da cidade pequena de Brasil Novo.

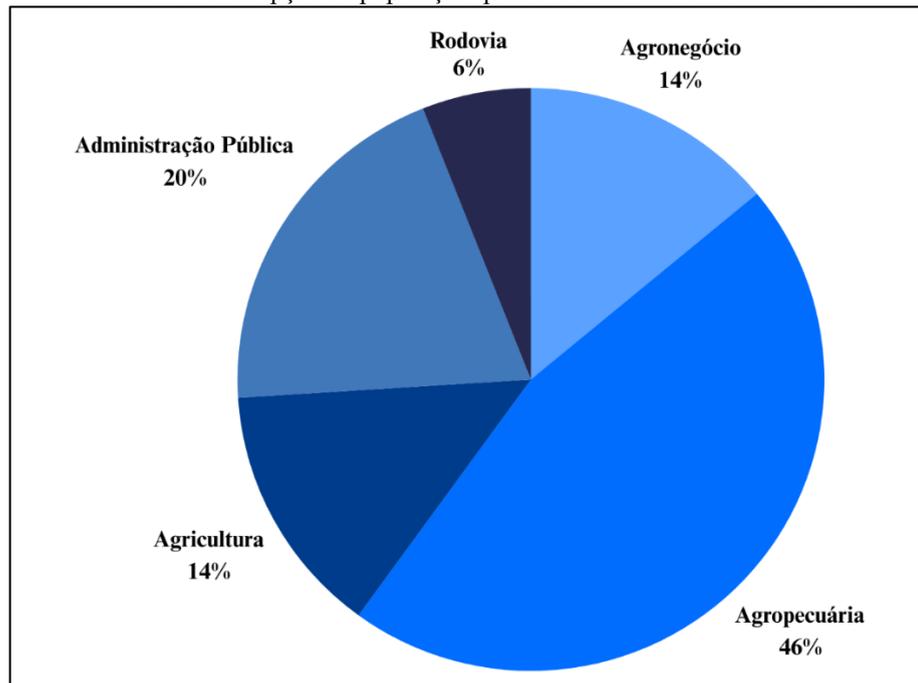


Fonte: IGBE (2025). **Nota:** Organizado pelo autor.

Conforme o gráfico 5, acima, a produção econômica do setor primário (que envolve a agricultura, a pecuária, o extrativismo vegetal e animal e a pesca), concentra 62,1% da produção, enquanto o setor terciário (serviços), abrange 31,6 % da produção, e a indústria (setor secundário) que absorve apenas 6,3% de toda atividade produtiva da cidade de Brasil Novo. Os dados reforçam a constatação empírica de que Brasil Novo, como uma cidade pequena, possui características que se diferem de outras, exercendo o papel de provedor de atividades que estão interligadas ao seu entorno rural, ou seja, com maior intensidade a produção agropecuária e possuindo menos influência da administração pública.

No entanto, além dos dados oficiais é importante considerar as informações coletadas pela população residente urbana, pois suas percepções ajudam a compreender as relações socioespaciais que são produzidas na cidade, com isso, foi questionado aos entrevistados, sobre qual fator mais colabora para a dinâmica econômica da cidade (exposto no gráfico 6). As respostas eram de múltipla escolha, onde os informantes poderiam escolher entre as que estavam disponíveis como opção ou destacar outro setor econômico que eles consideravam como importante para a dinâmica econômica da cidade de Brasil Novo.

Gráfico 6: Percepção da população quanto à economia de Brasil Novo.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

De acordo com o gráfico 6, as principais porcentagens relacionadas ao setor primário foram obtidas a partir das respostas dos entrevistados durante as atividades de campo, que se alinham de forma consistente com os dados oficiais apresentados no gráfico 6. Assim, 46% das respostas referem-se à agropecuária, enquanto 14% mencionam a agricultura e 14% o agronegócio. O setor de serviços, que inclui a administração pública, representa 20% das respostas. Por fim, a dinâmica da rodovia BR-230, que facilita o fluxo econômico para a cidade, foi apontada por 6% dos entrevistados.

A relação da cidade com o espaço rural é evidente na diversidade de elementos representativos do “campo” que se encontram na área urbana. Assim, Brasil Novo, uma cidade pequena, incorpora características rurais em seu tecido urbano, onde esses elementos, estruturas e símbolos do campo não apenas coexistem, mas também dinamizam este espaço.

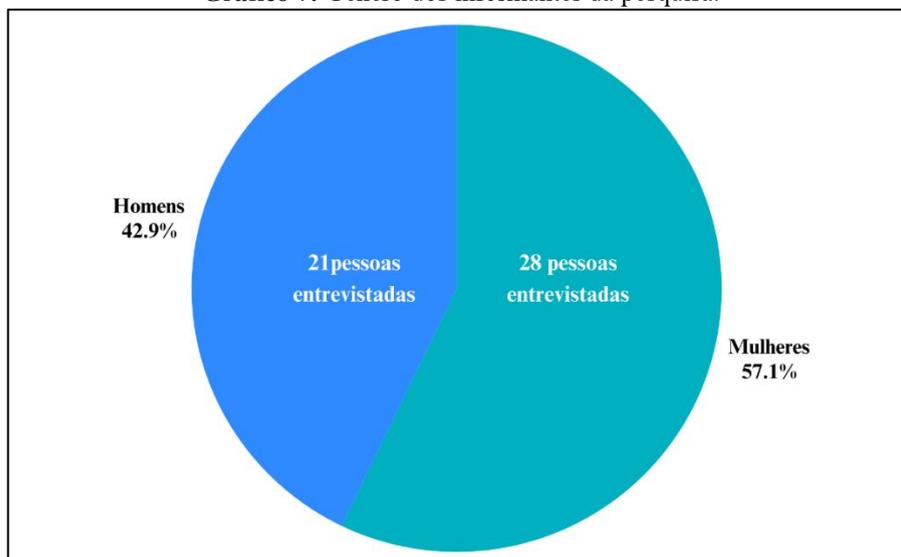
Portanto, afirma Sposito (1988, p. 64) que “O modo de produção não produz cidades de um lado e campo de outro, mas ao contrário, esta produção compreende uma totalidade, com uma articulação intensa entre os dois espaços”.

3.2.2. Caracterização e dinâmicas socioespaciais dos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares.

Ao traçarmos o perfil dos informantes que foram participaram da pesquisa, foi possível realizar a caracterização dos residentes dos bairros que, a partir de suas respostas, nos permitiram identificar as particularidades dos entrevistados, bem como suas dinâmicas socioespaciais com a cidade de Brasil Novo.

Com isso, a partir dos 49 formulários aplicados nos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares, percebeu-se que, 57% das pessoas entrevistadas são do gênero feminino (totalizando um total de 28 formulários aplicados) e, 42,9% dos entrevistados são do gênero masculino (totalizando um total de 21 formulários aplicados). Essas informações estão dispostas no gráfico 7.

Gráfico 7: Gênero dos informantes da pesquisa.



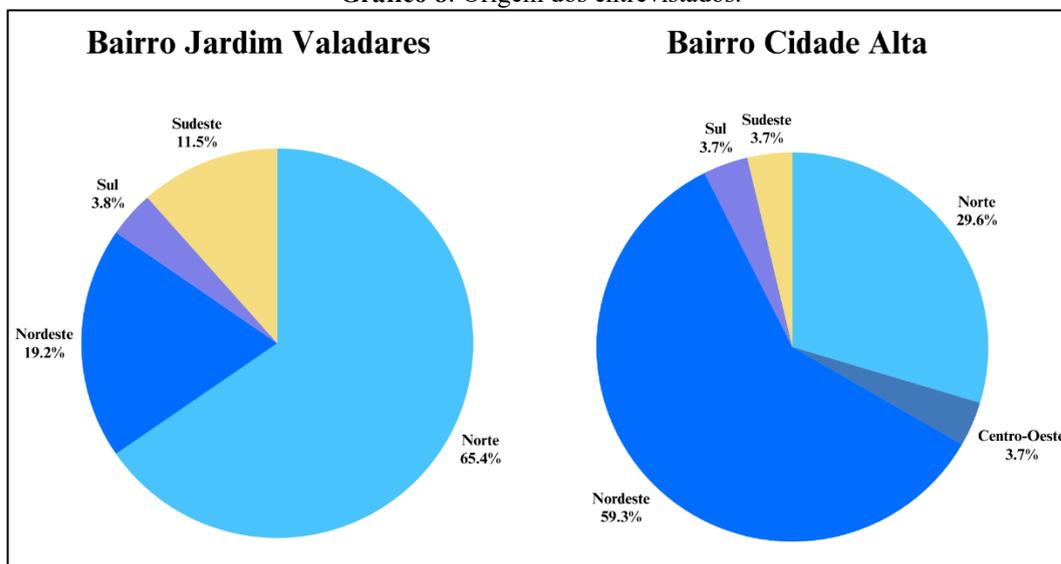
Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

Com base nos dados coletados (gráfico 7), calculou-se a média (soma de todos os valores que mais se repetem dividida pelo número total de elementos) de idade dos participantes da entrevista. Para as pessoas do gênero masculino, a média das idades mais frequentes é de 43 anos, e para as pessoas do gênero feminino, a média de idades mais frequentes também foi de 43 anos. Durante a atividade de campo, não foi estabelecido um parâmetro específico de idades ou a definição de um público-alvo. A seleção dos entrevistados ocorreu de forma intencional, buscando captar diferentes perspectivas entre os moradores da cidade de Brasil Novo. Embora tenha havido uma diversidade de idades entre os participantes, trata-se de uma abordagem qualitativa, sem o objetivo de representar quantitativamente a população local. Assim, os

resultados refletem as experiências e opiniões dos entrevistados, sem pretensão de generalização estatística.

Ademais, vale observar as origens de cada entrevistado, sobretudo para buscar entender em qual contexto histórico eles chegaram na cidade, pois, diante das 87 pessoas entrevistadas, apenas 7 delas tem sua origem em Brasil Novo, os demais são pessoas que vieram sobretudo no período de colonização proposto pelo Governo Federal a partir da década de 1970. Neste sentido, afim de verificar com mais detalhes a origem dos residentes de cada bairro, foi sistematizado os dados separadamente, no sentido de entender as dinâmicas de cada um, como ilustra o gráfico 8.

Gráfico 8: Origem dos entrevistados.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

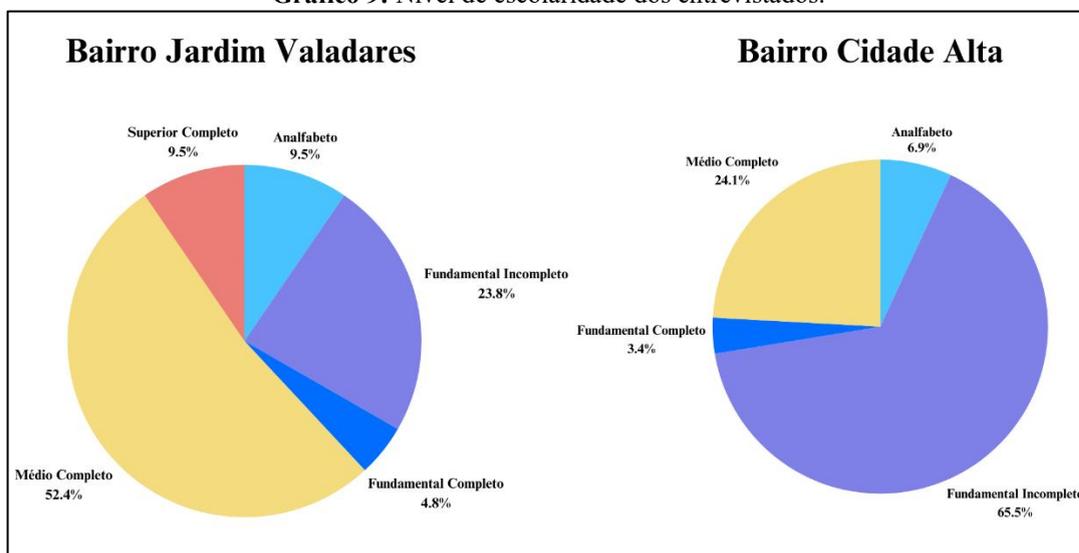
Analisar a distribuição dos residentes de cada bairro, a partir da sua origem é crucial para compreender as suas dinâmicas socioeconômicas, diferenças culturais e os padrões de ocupação que ocorrem com a chegada de migrantes na cidade. Com isso, foi possível perceber a partir do gráfico 8, que apesar da composição dos residentes dos bairros serem a grande maioria de fora, o bairro Cidade Alta concentra a maior parte da população (59,3%) veio do Nordeste do Brasil e, 29,6% são pessoas que são da região Norte. Já, no bairro Jardim Valadares, a concentração maior de pessoas, são as de origem Nortista, sobretudo de cidades paraenses como Altamira, Itaituba, Santarém, Paraopebas, Tucuruí e cidades próximas de Brasil Novo.

É importante lembrar, que os processos socioespaciais produzidos em cada bairro são extremamente diversos. Enquanto o bairro Cidade Alta foi o primeiro loteamento criado, o bairro Jardim Valadares é um bairro recente, que surgiu a partir de 2013 por uma empresa

privada (A F Empreendimentos LTDA), ou seja, é um loteamento particular. Por isso as dinâmicas internas de cada um deles se diferem.

Contudo, além desses fatores mencionados anteriormente, a análise da origem dos entrevistados revelou seus padrões educacionais. Esses dados são importantes para investigar possíveis relações entre a origem e o nível de escolaridade dos informantes, por exemplo. Com isso, fim de visualizar de forma mais clara e objetiva a influência da origem nos padrões educacionais observados, o Gráfico 9 foi elaborado pensando nesses fatores. Este gráfico apresenta a distribuição dos níveis de escolaridade dos entrevistados, sobretudo, com o intuito de detalhar com mais objetividade os níveis de educação a partir dos bairros ao qual os informantes estão inseridos.

Gráfico 9: Nível de escolaridade dos entrevistados.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor

A análise do gráfico 9 revela diferenças significativas nos níveis educacionais entre os moradores dos bairros Jardim Valadares e Cidade Alta. No bairro Cidade Alta, observa-se uma predominância de moradores com ensino fundamental incompleto (65,5%) e uma parcela consideravelmente menor com ensino médio completo (24,1%). Já no Jardim Valadares, a maioria dos residentes concluiu o ensino médio (52,4%), enquanto apenas 23,8% possuem o ensino fundamental incompleto. Esses dados sugerem que as oportunidades educacionais estiveram diretamente relacionadas à origem dos moradores e ao contexto histórico local. No período em que Brasil Novo era Agrovila, o acesso à educação era restrito principalmente aos filhos de funcionários do INCRA, limitando o avanço escolar dos demais colonos, muitos dos quais migraram de outras regiões, especialmente do Nordeste, como evidenciado pela maior concentração de nordestinos no bairro Cidade Alta.

Ademais, conforme o gráfico 9, uma disparidade notável reside na ausência de entrevistados com Ensino Superior completo no bairro Cidade Alta, enquanto 9,5% dos residentes do Jardim Valadares alcançaram esse nível de escolaridade. Adicionalmente, o Jardim Valadares apresenta uma proporção significativamente maior de moradores com Ensino Médio completo, apresentando 52,4% das pessoas entrevistadas.

Entretanto, a pesquisa também se pautou por investigar os vínculos empregatícios dos entrevistados, o que permitiu analisar a renda familiar dos residentes de ambos os bairros. E então, buscamos identificar se os informantes possuíam um trabalho formal e, em caso negativo, qual era a principal fonte de renda familiar. Os resultados dessa análise são apresentados no Gráfico 10 a seguir:

Gráfico 10: Situação de emprego dos entrevistados.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). Nota: Organizado pelo autor

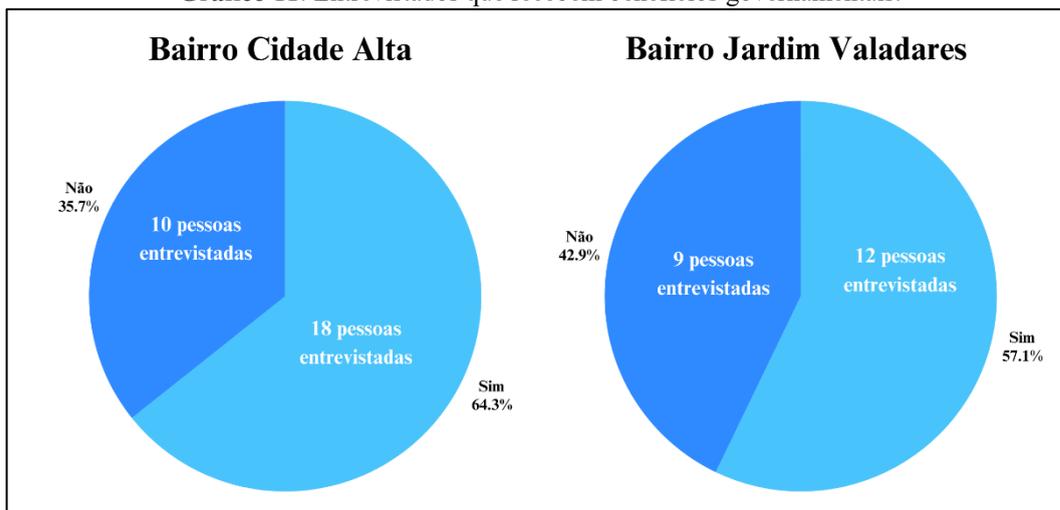
O gráfico 10 nos mostra que os entrevistados do bairro Cidade Alta, dentre as 28 pessoas entrevistadas, 71,4% delas afirmaram possuir emprego, enquanto 28,6, estão em situação de desemprego. Já, no bairro Jardim Valadares, entres as 21 pessoas entrevistadas, 47,6% afirmaram ter algum tipo de vínculo empregatício e, 52,4% afirmam não ter emprego algum.

No entanto, cabe ressaltar que a partir das respostas (caso afirmadas que possuíam emprego), foi também investigado qual o tipo de trabalho ao qual eles atuavam, e, a maioria das respostas se voltavam principalmente para: “dona de casa”, “trabalho da roça”, “diaristas em casas familiares”, ao qual segundo os informantes, consideram como emprego. Ademais, obtivem também outras respostas dos tipos de vínculos empregatícios como “servidor público”, “autônomo(a)”, “vendedor(a) em mercadinho”, etc.

Ao traçarmos a identificação dos tipos de empregos que geram sustento para as famílias, mesmo que não houvesse renda fixa dos informantes, como em muitos casos das respostas se

trataram de um emprego informal, as perguntas seguintes dos formulários buscaram investigar se havia a existência de outras fontes de renda, como benefícios governamentais. Primeiramente se fez a pergunta “você recebe algum benefício do governo?” e, caso a resposta fosse sim, buscávamos saber quais os benefícios esses entrevistados recebiam. Assim, temos o gráfico 11 com as informações.

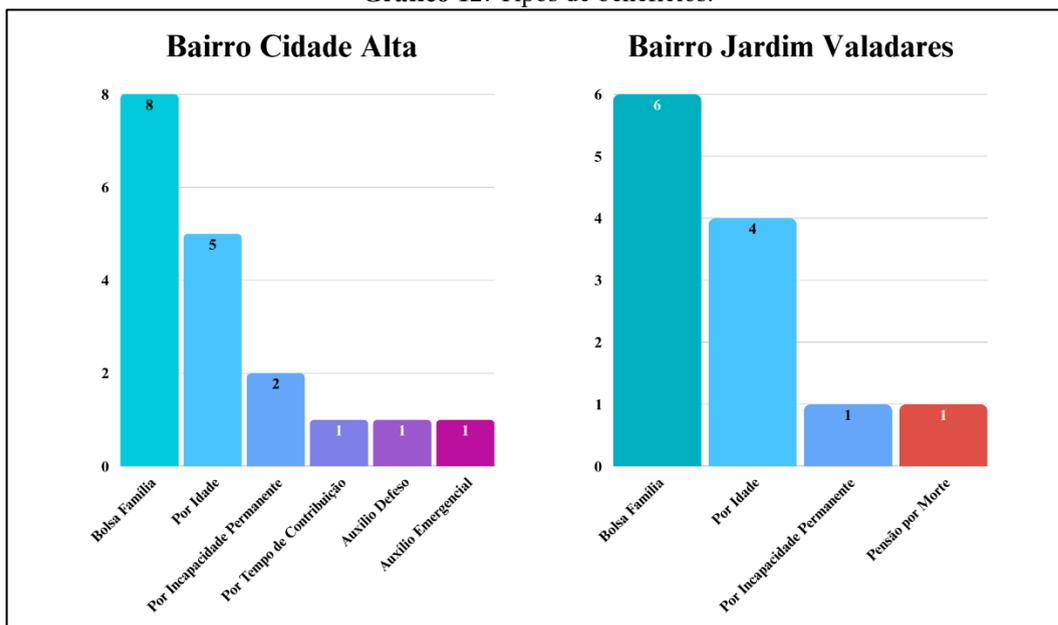
Gráfico 11: Entrevistados que recebem benefícios governamentais.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

A partir do gráfico 11, notou-se que no bairro Cidade Alta, das 28 pessoas entrevistadas, 64,3% informaram receber algum tipo de benefício e que por vezes, era a única fonte de renda que se tinha para o mantimento da casa e, 35,7% afirmaram não receber. Já no bairro Jardim Valadares, das 21 pessoas entrevistadas, 57,1% afirmaram receber benefícios governamentais e 42,9 % relataram não receber. Neste sentido, questionou-se os tipos de benefícios que eles recebiam (houve famílias que recebiam mais de um benefício), como ilustra o gráfico 12.

Gráfico 12: Tipos de benefícios.

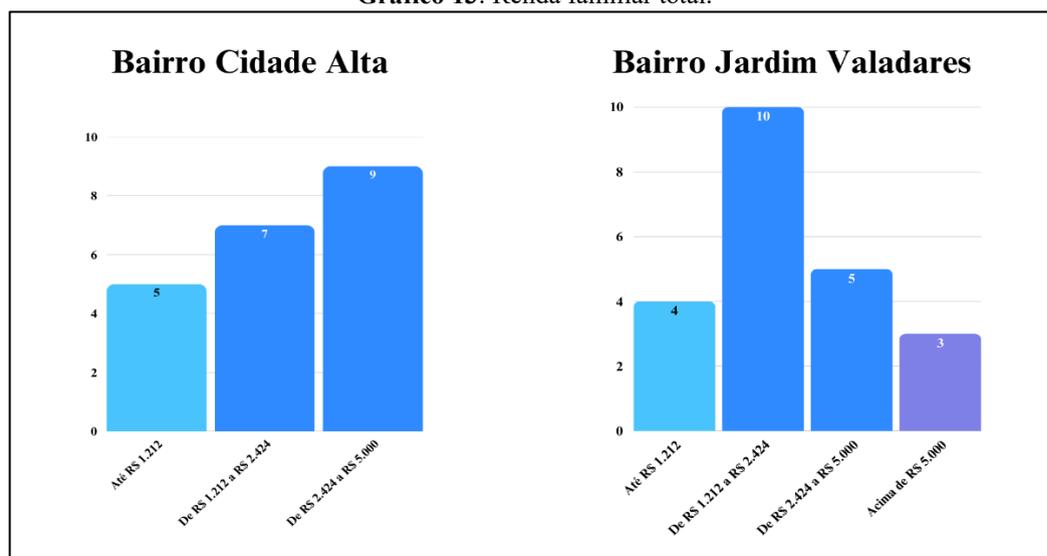


Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). Nota: Organizado pelo autor.

Conforme o gráfico 12, os benefícios que as famílias mais recebiam, é bolsa família, com 8 respostas no bairro Cidade Alta e 6, no bairro Jardim Valadares. Com 5 respostas, tem-se a aposentadoria por idade, representando 5 pessoas no bairro Cidade Alta e 4 no Jardim Valadares. Os demais benefícios “por incapacidade permanente” beneficiam 2 pessoas no bairro Cidade Alta e 1 no bairro Jardim Valadares. Os demais benefícios “por tempo de contribuição”, “auxílio defeso”, “auxílio emergencial” e “pensão por morte” também foram citados, como mostra o gráfico.

Arelado aos benefícios recebidos pelos entrevistados, é importante analisar a renda familiar total que eles obtêm para sustentar suas casas, especialmente porque em ambos os bairros há beneficiários que sustentam de 3 a 5 pessoas sob o mesmo teto. Embora exista a possibilidade de que mais de uma pessoa contribua para a renda familiar, o Gráfico 13 apresenta a renda familiar total dos moradores dos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares.

Gráfico 13: Renda familiar total.



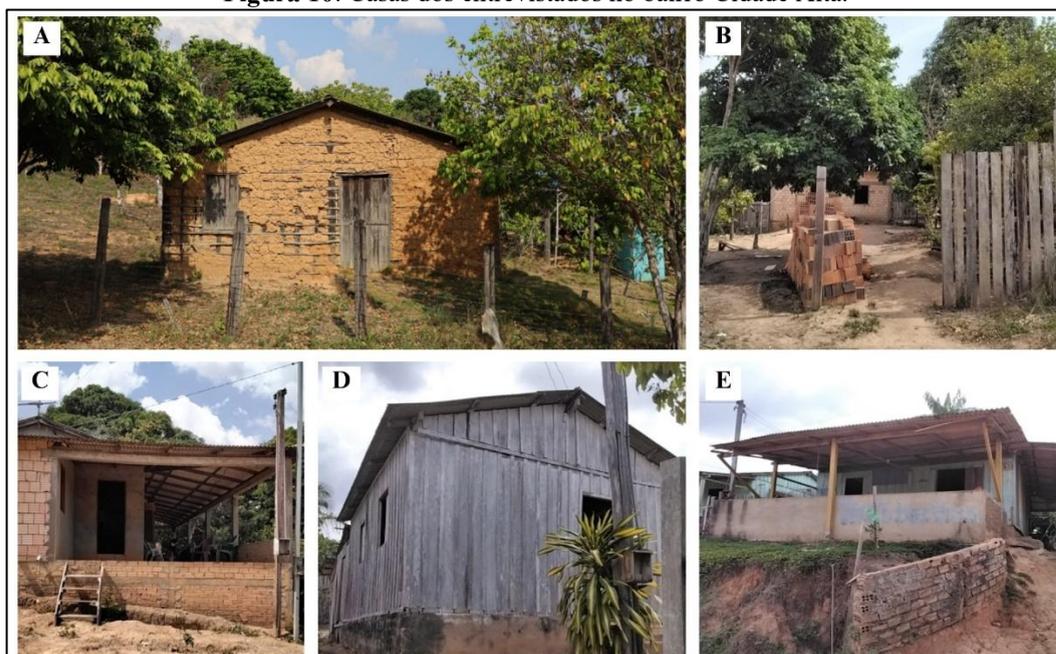
Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). Nota: Organizado pelo autor.

Das 49 pessoas que responderam à pergunta, 6 delas optaram por não responder as perguntas, no entanto, a partir dos que informaram, foi possível produzir o gráfico 13. Contudo, os dados coletados no bairro Cidade Alta nos mostram que 9 famílias recebem entre R\$ 2.424 a R\$ 5.000; 7 afirmaram receber entre R\$ 1.212 a R\$ 2.424 e 5 famílias informaram se manter mensalmente com a renda de até R\$ 1.212 por mês. Já no bairro Jardim Valadares, há 3 famílias que possuem renda mensal acima de R\$ 5.000; 5 pessoas informaram receber entre R\$ 2.424 a R\$ 5.000; 10 informaram receber a renda mensal entre R\$ 1.212 a R\$ 2.424 e 4 dos informantes, pontuaram receber até R\$ 1.212 por mês.

A concentração das maiores rendas está no bairro Jardim Valadares, afirmando a disparidade que existe quando comparado com o bairro Cidade Alta e, isso reflete a divisão social e territorial do trabalho. Essa diferença também, é explicada pelas condições ao qual os bairros oferecem, sendo um, um loteamento de uma empresa particular e outro, loteamento construído pela prefeitura local. Ainda assim, a presença de famílias com renda mais altas em um bairro e em contraste, a proporção de famílias com rendas mais baixas no outro, ilustram como o mercado capitalista atua privilegiando certas áreas e diferentes grupos populacionais, como ocorre em Brasil Novo.

Além das disparidades entre as rendas familiares, o perfil das moradias é um aspecto crucial que revela os contrastes significativos dos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares, onde, pode refletir as desigualdades socioespaciais existentes na dinâmica da cidade e, sobretudo em ambos os bairros. Desta forma, a figura 10 abaixo, mostra o perfil de moradias de alguns dos entrevistados e que estão presentes no bairro Cidade Alta.

Figura 10: Casas dos entrevistados no bairro Cidade Alta.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

Conforme a figura 10 acima, temos ilustrado nas imagens A, B, C, D e E algumas das casas que estão presentes no bairro Cidade Alta. Na imagem A, temos uma casa construída de barro e madeira; Na imagem B, é possível verificar uma casa construída de tijolos bem ao fundo, após a cerca de madeira e na imagem C, a casa possui uma estrutura mais elaborada, mas, o material de construção semelhante ao da imagem anterior (B); A imagem D apresenta um revestimento de madeira em toda a sua estrutura, a casa é pequena, com janelas simples e um telhado inclinado e, a imagem E, que possui uma estrutura de madeira mas possui também parte dela, construída por alvenaria. No geral, as casas na Cidade Alta tendem a ser menores, com construções mais simples e com menor acesso a serviços básicos como saneamento e pavimentação.

Em comparação com as casas do bairro Cidade Alta, na figura 11 abaixo, apresenta uma amostra das casas encontradas no bairro Jardim Valadares.

Figura 11: Casas dos entrevistados no bairro Jardim Valadares.

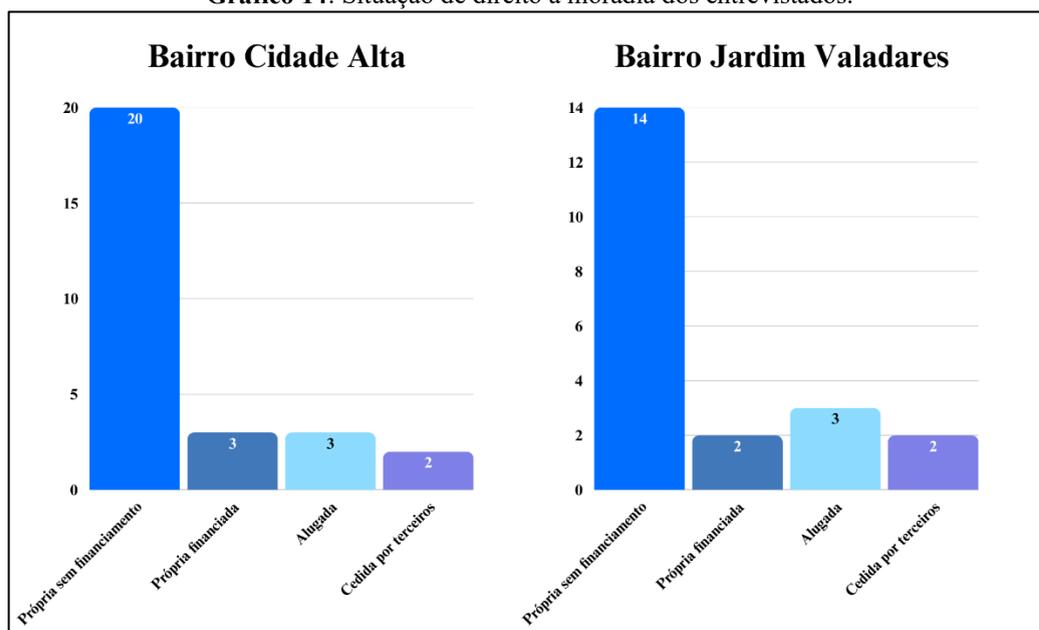


Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). Nota: Organizado pelo autor

Com base na figura 11, percebe-se que as imagens A, B, C, D e E possuem estruturas que são semelhantes. Ambas construídas por materiais que se mostram mais resistentes e possuem portões de ferro. De modo geral, fica perceptível que o perfil das moradias é completamente diferente do bairro anterior. Sem contar que, o acesso aos serviços de saneamento básico, em sua maioria, fica por responsabilidade da empresa que gerencia o bairro, dando a eles (residentes do bairro Jardim Valadares) um suporte maior, sobretudo quando relacionado à segurança.

Ademais, cabe também, investigar a situação de direito à habitação dos entrevistados. No formulário aplicado, era questionado sobre a condição de direito da casa, se ela era alugada, cedida por terceiros, própria financiada ou própria sem financiamento. Nesta pergunta, as opções eram dadas e os entrevistados pontuavam a que se encaixasse em sua devida situação e, a partir disto, o gráfico x abaixo, ilustra o resultado da investigação dos bairros Cidade Alta e Jardim Valadares.

Gráfico 14: Situação de direito à moradia dos entrevistados.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

As diferentes formas de acesso à moradia no bairro Cidade Alta e no bairro Jardim Valadares são produto de diferentes processos socioespaciais, desde a ocupação inicial das terras, por atuação do poder público até as dinâmicas atuais do mercado imobiliário. E, a partir disto, observa-se no gráfico 14 que, há o predomínio de moradias próprias sem financiamento, totalizando 20 respostas entre os 28 residentes do bairro Cidade, seguido por uma quantidade bem menor de moradias que são próprias, mas com financiamento (3 respostas), 3 casas alugadas e 3 que respondera ter suas residências cedidas por terceiros.

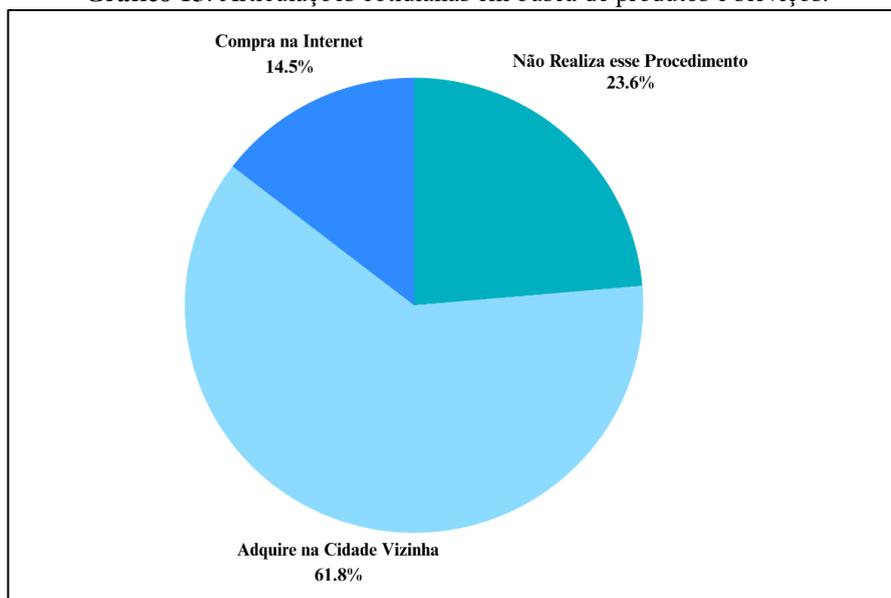
Já no bairro Jardim Valadares, também predominam as moradias que são próprias sem financiamento (com 14 respostas). Nota-se que a quantidade de casas alugadas entre os entrevistados também é um pouquinho maior (3) e os demais moradores afirmaram ter suas residências adquiridas por financiamento (2 pessoas) e outros 2 moradores tem suas moradias cedidas por terceiros.

Embora os bairros Cidade Alta e Jardim Valadares apresentem características socioespaciais distintas, as respostas dos moradores indicam que o acesso à moradia e às condições de vida são relativamente similares entre eles. Isso sugere que, apesar da localização oposta na cidade de Brasil Novo e das possíveis diferenças estruturais, as desigualdades sociais relacionadas à moradia e ao acesso ao centro comercial não são tão discrepantes quanto se poderia supor. Dessa forma, o indicador de acesso à moradia, embora relevante, deve ser analisado em conjunto com outros fatores para compreender de forma mais precisa as dinâmicas sociais e econômicas locais.

3.2.3. A Cidade Pequena de Brasil Novo e a sua relação com as demais cidades da RIX.

Para capturar os tipos de relações externas que são estabelecidas pela cidade pequena de Brasil Novo, pautou-se durante a investigação, por identificar tais articulações que os moradores da cidade praticam quando necessitam de produtos e serviços que não são encontrados na sua cidade. Neste sentido, a pergunta do formulário possuía três opções de respostas, acompanhadas de uma pergunta final, mas só em caso de os informantes afirmarem adquirir os produtos e serviços na cidade vizinha. Assim, tem-se o gráfico 15.

Gráfico 15: Articulações cotidianas em busca de produtos e serviços.



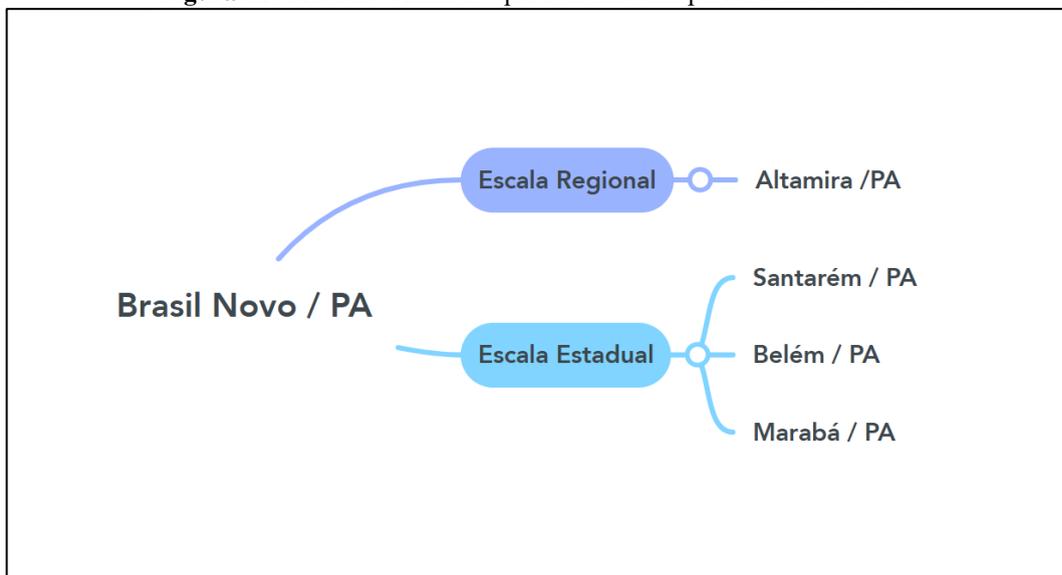
Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

Conforme o gráfico 15, percebe-se que 61,8% dos entrevistados que residem na cidade de Brasil Novo, ao precisarem de algum produto ou serviço que não encontram em sua respectiva cidade, buscam-nas em cidades vizinhas, afirmando as suas articulações no contexto regional. Da mesma forma que existem aqueles (23,6%) que, de alguma forma, se sentem contemplados pelos serviços e produtos que são ofertados por Brasil Novo. Contudo, há também os entrevistados que, para além de se sentirem satisfeitos com o que Brasil Novo oferta, optam por adquirir determinados produtos via internet (14,5% das respostas), onde descaram a facilidade de utilizar esses meios sem precisar se deslocar.

Ou seja, a cidade pequena de Brasil Novo apresenta uma característica comum entre as demais cidades pequenas, pois, apesar de conseguir ofertar produtos e serviços considerados importantes para a população, eles ainda assim buscam esses mesmos elementos em cidades vizinhas, algumas vezes pelo preço ser mais acessível, outras vezes por não encontrarem um determinado produto no período ao qual está precisando, dentre outros fatores que foram

pontuados pelos entrevistados durante as coletas de dados em campo. Diante disto, tem a figura 12, apresentando as principais cidades “vizinhas” ao qual os entrevistados recorrem em busca de suprirem suas necessidades.

Figura 12: Cidades “vizinhas” que ofertam bens para os entrevistados.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

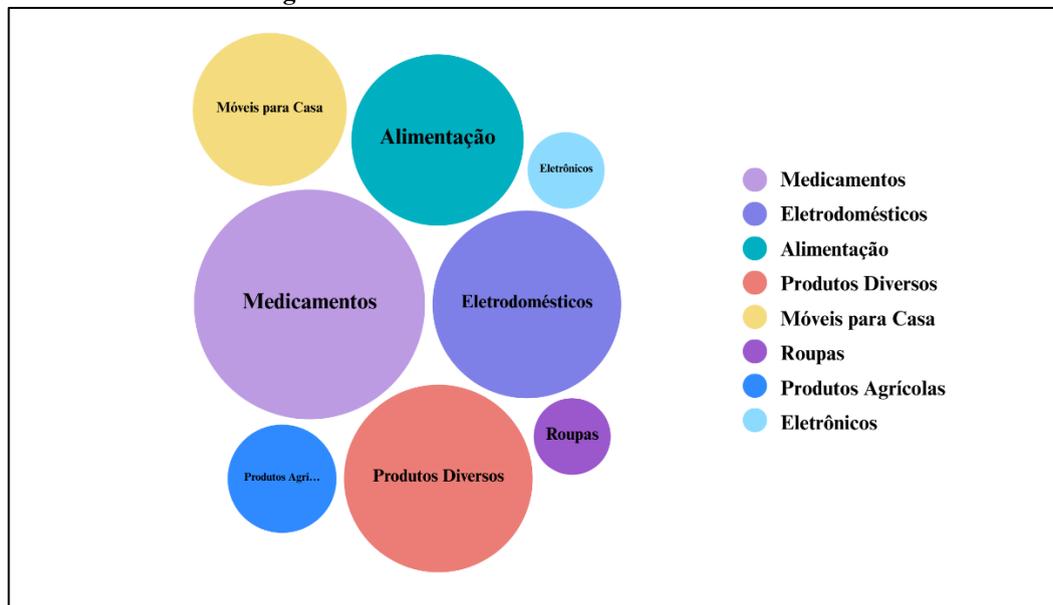
A partir da figura 12, nota-se a articulação que os residentes de Brasil Novo que foram entrevistados possuem com outras cidades, dentre as citadas, está a cidade de Altamira/PA, Santarém/PA e Marabá/PA que são cidades médias que possuem um papel importante no contexto sub-regional para a desmobilização de bens e serviços que não são encontrados em cidades pequenas da região ao seu entorno. No mesmo sentido, há também a presença da metrópole Belém, que foi a cidade citada por alguns dos entrevistados e que é um centro de extrema importância de comércio, serviços e indústrias.

As cidades pequenas para além de contribuírem efetivamente com a organização e a interconexão entre as cidades médias e grandes que estão inseridas na rede urbana, também apresentam níveis de dependência dessas cidades pelas suas ofertas de serviços, estabelecimentos comerciais diversificados, serviços de saúde especializada e demais fatores ao qual facilita e promove essa interconexão, gerando fluxos de pessoas e recursos entre essas cidades.

No entanto, conforme a presença desta característica importante de dependência entre a cidade pequena de Brasil Novo e as demais cidades vizinhas, viu-se também a necessidade de analisar quais são esses produtos que mais são motivos de procura em cidades vizinhas. E diante disto, a figura 13 ilustra os elementos que foram mais citados pelos entrevistados, o grau de

quantidade das respostas é medida pelo tamanho ao qual o “círculo” se encontra. Quanto maior, mais respostas e quanto menor, significa que foram poucas vezes citados.

Figura 13: Produtos buscados em cidades vizinhas.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

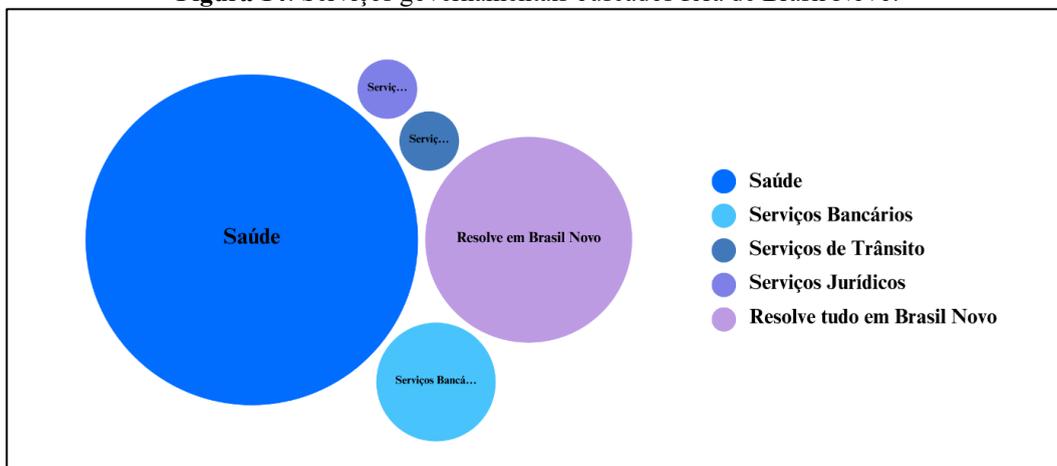
De acordo com os dados levantados e expressos na figura 13 acima, é possível perceber que os principais produtos que são buscados em outras cidades pelos entrevistados estão relacionados aos medicamentos médicos (sendo este o mais citado), aos eletrodomésticos, que são os produtos encontrados com valores mais acessíveis segundo a população, aos produtos diversos, que se aplica a qualquer que seja o produto para o uso geral da população, à alimentação e à busca de móveis para casa.

A figura 13 também informou outros produtos, embora com menor frequência. Roupas, produtos agrícolas e eletrônicos foram relatados, mesmo que os entrevistados possuam ou tenham preferência por adquiri-los na sua cidade de residência. Mas, as viagens a cidades vizinhas por vezes representam oportunidades para compras, conforme expresso na fala “aproveitar a oportunidade”.

Contudo, para além da importância de compreender os principais produtos ao qual os entrevistados buscam em outros centros urbanos, torna-se igualmente relevante investigar quais os principais serviços governamentais que motivam os moradores do Brasil Novo a buscar atendimento fora de sua cidade. A identificação desses serviços permite entender quais principais lacunas existentes na oferta da cidade pequena de Brasil Novo e as necessidades não são suficientes para atender a população.

O Figura 14 abaixo, apresenta um panorama detalhado dos serviços governamentais mais procurados pelos entrevistados fora da cidade de Brasil Novo, permitindo uma análise aprofundada das áreas que exigem maior atenção e investimento por parte das políticas públicas.

Figura 14: Serviços governamentais buscados fora de Brasil Novo.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

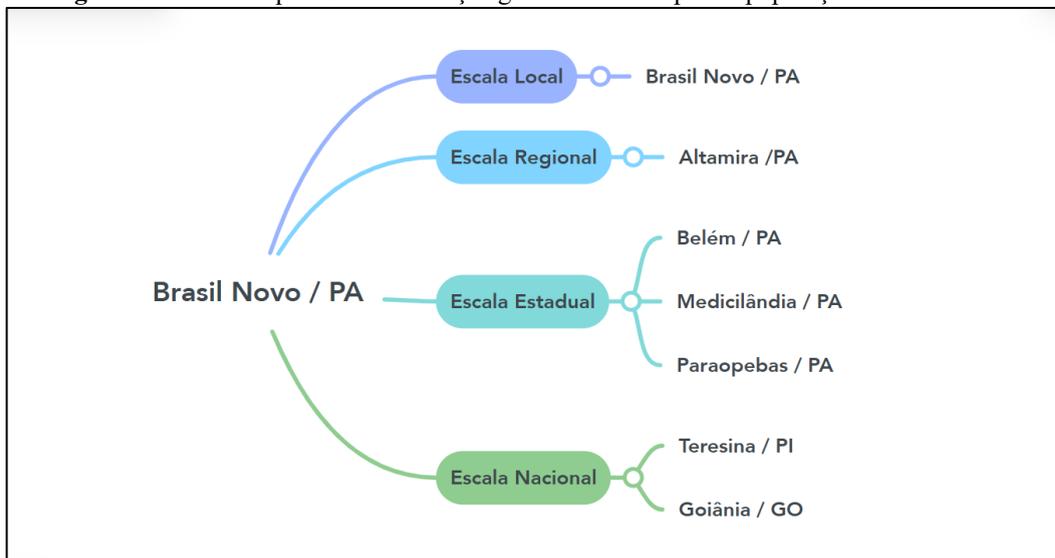
Conforme ilustra a figura 14, é possível analisar a distribuição dos serviços governamentais que os moradores de Brasil Novo procuram em outras cidades. Através do tamanho dos círculos, identificamos a frequência proporcional ao qual cada serviço foi citado pelos entrevistados. Destarte, a figura revela que a busca por serviços de saúde é significativamente maior em comparação com os demais serviços. No entanto, notou-se que grande parte dos entrevistados conseguem suprir suas necessidades a partir da oferta disponibilizada por Brasil Novo, destacando a manifestação de novas centralidades, mesmo que de baixa abrangência (podendo atender a demanda de outras cidades pequenas mais próximas). Já que, por sua vez, a centralidade que uma cidade possui, atrela-se a sua capacidade de oferta para além da sua escala local (Souza, 2020).

Ademais, a figura 14 também destaca outros serviços que os entrevistados pontuaram durante a entrevista, sendo eles alguns serviços bancários, que só são possíveis de serem resolvidos na cidade média de Altamira (conforme os relatos), alguns tramites de trânsito e, também, alguns buscam por serviços jurídicos, mesmo que esses apareçam com menor frequência na busca por serviços fora da cidade.

Contudo, é importante citar que ainda assim, a oferta de serviços governamentais em Brasil Novo é insuficiente para atender a todas as necessidades da população, gerando um fluxo de deslocamento para outras cidades em busca de tal atendimento, especialmente se tratando de atendimento com médicos especialistas. Assim, apresenta-se a figura 15, dos principais destinos

dos entrevistados quando precisam se deslocar em busca desses tipos de serviços governamentais.

Figura 15: Cidades que ofertam serviços governamentais para a população Brasilnovense.

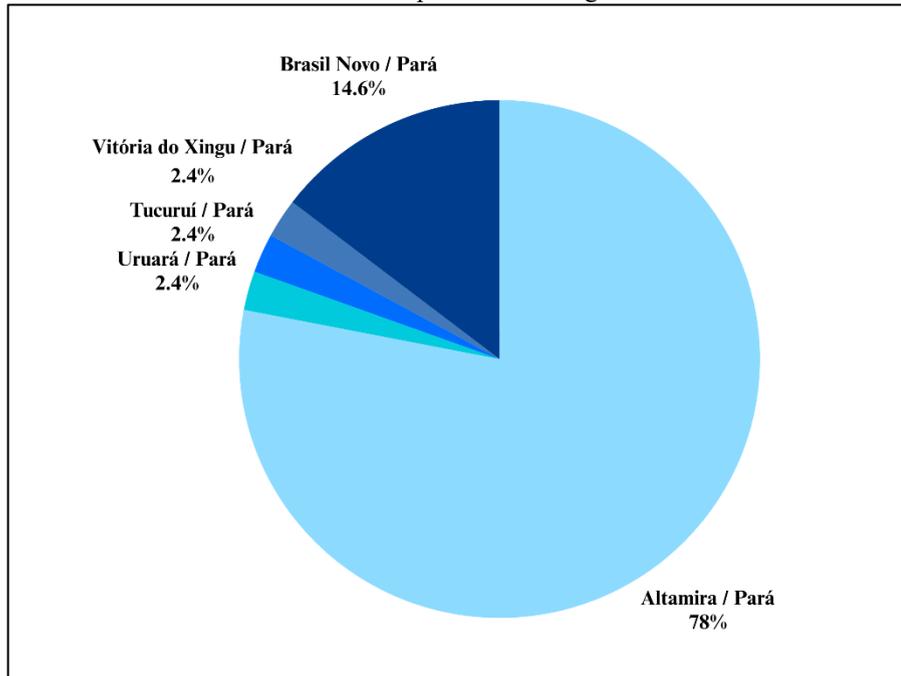


Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

Conforme a figura 15, é possível perceber que a busca por serviços ocorre em diferentes escalas. A nível local, Brasil Novo (PA) oferece alguns serviços, mas a nível regional, Altamira (PA) se configura como um polo de atração desses entrevistados. Ademais, tal busca por serviços (sobretudo relacionados a saúde) também se estendem à escala estadual, com destinos como Belém/PA (sendo a metrópole com maior oferta de serviços do estado), Medicilândia/PA (cidade pequena vizinha de Brasil Novo) e Parauapebas/PA, e até mesmo à escala nacional, com Teresina/PI e Goiânia/GO. De modo geral, percebe-se que as principais cidades procuradas pelos moradores em busca de atendimento governamental, revelam um padrão de localização que pode ser influenciado tanto por fatores como proximidade geográfica (no caso de Altamira e Medicilândia), especialização dos serviços oferecidos ou até mesmo a atração das instituições.

Contudo, por mais que haja essa dinâmica dos moradores com outras cidades, em prol de alguns serviços governamentais, pautou-se também por identificar as cidades as quais os entrevistados consideravam mais relevantes da Região Imediata de Altamira. Os moradores de Brasil Novo foram questionados sobre qual cidade, em sua opinião, exerce maior influência regional (É válido ressaltar que essa pergunta tinha as opções de respostas, para situar os informantes). No entanto, as respostas eram de livre escolha, para que fosse revelado a percepção dos entrevistados sobre as cidades com as quais estabelecem maiores articulações, conforme detalhado no gráfico 16.

Gráfico 16: Cidade com maior importância na Região Imediata de Altamira.



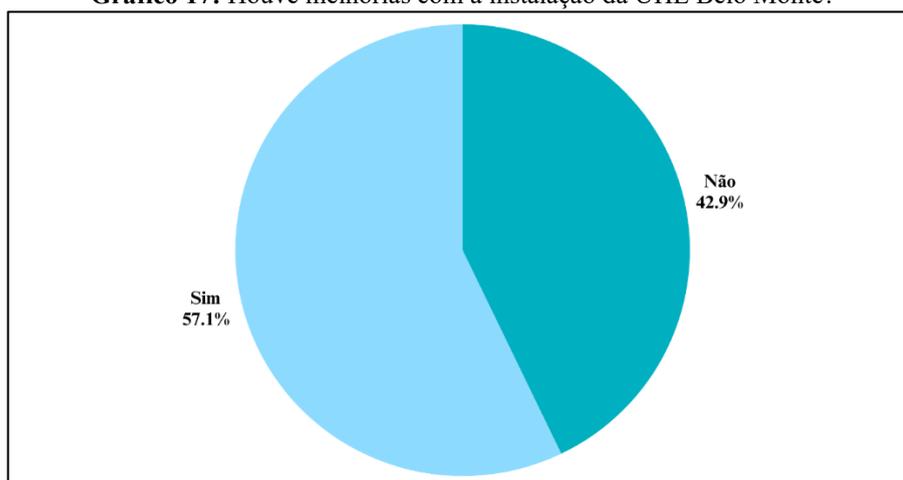
Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

O gráfico 16 acima apresenta as cidades de maior relevância da Região Imediata de Altamira. A partir disso, percebe-se que se destaca Altamira, que lidera com 78% das respostas, confirmando sua importância como centro sub-regional para a cidade pequena de Brasil Novo. Embora Tucuruí tenha sido mencionado, é importante ressaltar que ela pertence à outra região de integração (ou possui outra dinâmica com suas cidades imediatas), no entanto verifica-se sua importância para os informantes (2,4% das respostas).

Ainda segundo o gráfico 16, Brasil Novo foi mencionado com 14,6% das respostas, sendo caracterizado pelos designados como uma cidade autossuficiente em recursos e serviços que são ofertados para a população. As demais cidades, Uruará, Tucuruí e Vitória do Xingu, com uma menção cada, apresentam menor relevância em comparação, mas ainda exercem influência sobre os entrevistados que as mencionaram.

Outro aspecto que também se tornou motivo de mudanças socioespaciais na cidade de Brasil Novo, foi a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que promoveu intenso fluxo de pessoas e mercadorias para a região. E para verificar a percepção da população Brasilnovense com relação a esse evento, questionou-se aos entrevistados se eles perceberam que houve alguma mudança na cidade de Brasil Novo a partir da chegada deste grande empreendimento. Logo, a partir dos dados coletados, foi feita a sistematização dessas respostas que estão sendo apresentadas no gráfico 17.

Gráfico 17: Houve melhorias com a instalação da UHE Belo Monte?



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

As respostas, resumidas no gráfico 17 acima, revelam que a maioria dos moradores percebeu mudanças significativas nas dinâmicas socioespaciais da cidade. Especificamente, 57,1% dos entrevistados responderam "Sim", indicando que observaram alterações na cidade de Brasil Novo após a construção da barragem. Em contraste, 42,9% responderam "Não", sugerindo que não notaram mudanças significativas ou atribuíram quaisquer mudanças na dinâmica urbana da cidade.

Após analisar as informações do gráfico 17, foi possível perceber que a maioria da população que foi entrevistada destacou que houve mudanças no cenário socioespacial da cidade de Brasil Novo. No entanto, é crucial aprofundar-se em quais elementos específicos da vida em Brasil Novo foram impactados pela construção da usina. A análise da figura 16 examina os temas e categorias de mudanças mais proeminentes relatados, explorando as consequências socioeconômicas e ambientais promovidas pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte para os residentes da cidade em questão.

Figura 16: Mudanças em Brasil Novo face a construção da UHE Belo Monte.



Fonte Trabalho de Campo, LEDTAM (2023). **Nota:** Organizado pelo autor.

Bem como ilustra a figura 16, a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte gerou diversas mudanças na cidade de Brasil Novo, segundo as informações coletadas dos entrevistados. Entre os aspectos positivos que foram pontuados, destacam-se a criação de oportunidades de emprego, melhorias no comércio e na infraestrutura da cidade, incluindo a pavimentação de ruas, além do aumento populacional. No entanto, também houve impactos considerados negativos para os entrevistados, como o aumento no valor da energia, o surgimento de novos bairros (segundo alguns relatos, de forma desordenada) e o aumento da violência na cidade.

Ou seja, a partir da inserção de um grande empreendimento na região, empreendimento este que foi o responsável por atrair inúmeras pessoas em busca de melhores condições de vida, atraiu também, empresas que chegaram com inúmeras estratégias de obtenção de recursos a partir do momento ao qual o período estava ofertando, e isso justifica o surgimento de alguns loteamentos privados na cidade pequena de Brasil Novo, como o bairro Jardim Valadares.

Em síntese, o capítulo permitiu compreender que a cidade pequena de Brasil Novo possui tamanha complexidade que se destaca quando comparada com os centros locais proposto por Santos (1982), pois, suas atividades e ofertas vão para além dos seus limites municipais. No entanto, é válido ressaltar que Brasil Novo não se considera uma cidade intermediária, mas que possui suas particularidades que pode contemplar tanto os moradores residentes na cidade quanto as demais populações que de alguma forma, se beneficia dos bens e serviços ofertados por ela.

C *ONSIDERAÇÕES FINAIS*

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou a análise da cidade de Brasil Novo, uma pequena cidade na Amazônia que surgiu e foi estruturada por meio da construção da rodovia BR-230 (Rodovia Transamazônica). As dinâmicas socioespaciais contidas no espaço local permitiram perceber a articulação que Brasil Novo possui com as demandas externas à região, sobretudo pela exploração econômica do espaço a partir da produção agrícola.

O estudo das cidades pequenas possui um papel essencial para a compreensão da Geografia Urbana no Brasil, embora essa temática tenha ganhado expressividade nos últimos tempos, essa análise, no passado, estava muito centralizada no entendimento das cidades médias e metrópoles. Com a expansão desta discussão, voltadas para as cidades pequenas, sobretudo as cidades pequenas que estão na Amazônia, é possível perceber que em um espaço repleto de particularidades, ainda assim possui importância para a composição da rede ao qual elas se inserem.

As cidades pequenas amazônicas, dentre as suas diversas dinâmicas, têm aquelas que estão diretamente articuladas com o seu entorno rural imediato, o que também é importante para a compreensão dos fenômenos rurais. As relações rural-urbano foram percebidas a partir das particularidades presentes na cidade pequena de Brasil Novo e essas mesmas particularidades, fundamentalmente revelam as ações dos diversos agentes que promovem esta reprodução capitalista o espaço.

Ademais, através das arguições levantadas, fica evidente que o papel desempenhado pelo Estado, com seus múltiplos projetos “desenvolvimentistas” para o território amazônico, foi responsável pela modificação de toda dinâmica socioespacial presente nos espaços, sobretudo nas áreas afetadas pela construção da Rodovia Transamazônica, como no caso da cidade de Brasil Novo, que teve seu surgimento por meio disso. Ou seja, as estruturas econômicas, sociais e culturais foram sendo reorganizadas à medida que os agentes foram se estabelecendo na região ao longo do tempo.

O desenvolvimento das atividades agrícolas, era uma das principais ideias do Governo Federal para os migrantes na região, por isso, houve o planejamento de agrópolis, agrovilas e ruropólis, para que esses colonos fossem distribuídos em cada uma dessas áreas e tivessem o suporte necessário para a sua produção. A adaptação destes, em um espaço que estava longe de se aproximar das suas realidades de origem, dificultaram esse processo que segundo o Governo, poderia ter sido espontâneo. A partir disto, inúmeros projetos foram pensados para garantir que houvesse um “desenvolvimento” econômico na região que para eles, se tinha um vazio demográfico.

Os projetos e recursos propostos pelo Governo Federal para os migrantes, com a ideia de ceder as terras devolutas para aqueles que não possuíam terras (desconsiderando a realidade local), implementaram novas dinâmicas produtivas que permeiam até a atualidade. A apropriação disto, pelos migrantes, fez com que iniciasse toda uma dinâmica de produção no campo, mas que ao longo do tempo, passou por uma grande fusão entre essas atividades produzidas no rural no espaço urbano da cidade.

Pela lógica do Governo Federal na década de 1970, a cidade pequena de Brasil Novo surgiria como uma agrópolis. No entanto, à medida que o seu espaço foi produzido e ordenado pelos agentes sociais e econômicos, o núcleo foi adquirindo estruturas, processos, funções e formas que proporcionaram novas formas de organização espacial e fizeram com que a cidade ganhasse um novo papel na divisão territorial do trabalho. Ou seja, de agrópolis a uma cidade pequena "independente", entre aspas, pois, por mais que suas atividades possam ter relações de verticalidade previstas, seu espaço político ainda está atrelado à região imediata de Altamira.

Esse conjunto de fatores afirmam que as relações estabelecidas pela realidade local, não está separada da rede urbana a ela vinculada e a sua capacidade de produção, circulação e consumo, representa a força de uma cidade pequena que está na Amazônia. Essa força é significativa para analisarmos que, por meio da globalização, os múltiplos espaços conseguem articular-se em diferentes escalas, desde o local até o global, independente da sua localização, e propor transformações que elevem a sua centralidade econômica em meio a esta realidade. Essa interdependência entre o local e o global evidencia que mesmo Brasil Novo sendo uma pequena cidade amazônica, as forças do capitalismo e as suas exigências estão em constante interação.

A partir dessas colocações, esta dissertação analisou as diferentes particularidades existentes entre as dinâmicas econômicas e sociais presentes entre os bairros Centro, Cidade Alta e Jardim Valadares, e que, entre eles há dinâmicas que representam o contexto socioeconômico ao qual se encontram.

Outro aspecto observado foi a relevância da rodovia BR-230 para a cidade, mesmo que sua importância não tenha sido plenamente reconhecida pela população Brasilnovense. A presença da rodovia representa não só a existência da cidade de Brasil Novo, como também permite que suas articulações sejam efetuadas, ou seja, a rodovia BR-230 não é apenas uma via de acesso, mas um elemento central que possibilita a articulação da cidade com mercados externos e outras regiões, reforçando seu papel na rede urbana mais ampla. Isso garante que a cidade pequena amazônica de Brasil Novo também tenha essa característica rodoviária.

Ou seja, os processos históricos que foram socioespacialmente produzidos influenciam diretamente na dinâmica urbana da cidade, sobretudo pelas suas relações governamentais e de mercado, que garantiram que a sua estrutura interna fosse complementada por diversas articulações e dinâmicas externas em seu espaço, sobretudo a partir dos agentes que se inseriram em Brasil Novo. Diante disto, vê-se que, Brasil Novo como um espaço de circulação foi reagindo e respondendo às imposições que o capitalismo foi exigindo.

Por fim, é evidente que as cidades pequenas amazônicas possuem um papel vital para a compreensão dos fenômenos urbanos contemporâneos, sobretudo a cidade de Brasil Novo, que tem suas particularidades influenciadas em sua totalidade, pelas transformações das dinâmicas produtivas e sociais que foram sendo implementadas ao longo do tempo.

CASTRO, E. **Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas**, in E. Castro, *Cidades na floresta*, Annablume, SÃO PAULO. 2009.

CASTRO, Jéssica Ferreira de. **O circuito inferior da economia urbana em uma cidade ribeirinha da Amazônia: Uma análise a partir de Porto de Moz- PA**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Altamira, 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Globalização e reestruturação da rede urbana**: uma nota sobre pequenas cidades. *Território/Lajet*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 43-53. jan./jun. 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. in: **Os caminhos da reflexão da cidade e do urbano**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 323-359.

CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana amazônica. **Revista brasileira de Geografia**. RJ – IBGE, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural**. *Geosp*. São Paulo, n. 30, p. 5-12, 2011.

COUTINHO, Severino Alves. **Perfil, relações e necessidades**: uma breve análise sobre as cidades pequenas. *GeoTextos*, vol. 7, n. 1, jul. 2011.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. Tradução de Carlisle W. Baskin. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

DAVIDOVICH, F. R.; GEIGER, P. P. Aspectos do Fato Urbano no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.23, n. 2, p.263-362, abr. – jun., 1961.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. UNESP; Presidente Prudente, 2006. 25-110p.

ENDLICH, Ângela Maria. O estudo das pequenas cidades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima. *Huellas*, nº 15, 2011.

ENDLICH, A. M. **Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro**. In: XIV Coloquio Internacional de Geocrítica, 2016, Barcelona. *Actas del XIV Coloquio Internacional de Geocrítica*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2016. v. 1. p. 1-18.

GONÇALVES, Walter Porto. *Amazônia, Amazônia*. São Paulo: **Contexto**, 2001.

HIGA, T. C. C. S. **Dinâmica Urbano – Regional na Amazônia**. In: PEREIRA, R. H. M; ALVES, B. F. *Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces – Brasília*: Ipea, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**: dados da população. Brasil Novo - PA. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**: História & Fotos. Brasil Novo – PA, 2024. Acesso em: 31, mar, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/brasil-novo/historico>

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE,2017.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando; SPOSITO, Eliseu Savério. Discussão geográfica sobre cidades pequenas. **Geografia**, v. 34, n. 2, p. 203-217, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. (tradução Sérgio Martin), Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MEDEIROS, Maria Suely da Silva. **A produção do espaço urbano das pequenas cidades do Seridó potiguar**. (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação e pesquisa em geografia. Natal-RN, 2005.

MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades na microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico metodológicas**. TESE (DOUTORADO) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008. 527 p.

MONTE-MOR, R. L. M. **Urbanização e modernização na Amazônia contemporânea**. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Orgs.). **Brasil, século XXI: por uma nova regionalização? Agentes, processos e escalas**. São Paulo: Max Limonad, 2004. p. 112-122.

MORAIS, Elton Araújo, **Colonização Brasil Novo, Pará: anseios e conquistas**. 2018. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação do Campo, Universidade Federal do Pará, Brasil Novo, 2018.

PICOLI, Fiorelo. **O Capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. **Interface** — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

POMPEU, Veridiana de Sousa. **Entre os eixos da circulação: as faces-fases da produção do espaço urbano de Tucuruí**. (Dissertação de mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Belém – Pará, 2020.

PORTAL G1. **Obra de hidrelétrica faz triplicar preço de aluguel na região de Belo Monte**. 2021. Acesso em: <http://g1.globo.com/economia>.

RENHA, C. E. A. P. C. **A Superintendência do plano de valorização econômica da Amazônia, a política de desenvolvimento regional e o Amazonas (1953-1966)**. Anais XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.

SANTANA, Joana Valente. **Pequenas Cidades na Amazônia: desigualdades e seletividade**. In: SANTANA, Joana; HOLANDA, Anna Carolina Gomes; MOURA, Aldebaran do Socorro

Farias. A questão da habitação em municípios periurbanos na Amazônia. Belém: Ed. UFPA, 2012.

SANTOS, J. L. T. **Expansão Urbana e Formação de Periferias em pequenas cidades amazônicas**: o caso de Brasil Novo - PA. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Geografia do Campus de Altamira, Universidade Federal do Pará. Altamira, 2021.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2023.

SANTOS, Milton. **Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais**. Boletim Paulista de Geografia, n. 53, p. 35-60. Bauru: AGB, 1977. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1096>

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. Tradução de Antônia Dea Erdens e Maria Auxiliadora da Silva. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo, Editora Record, 2001, 474 pp

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **A urbanização brasileira**. 5.ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SATHLER, D; MONTE-MÓR, R. L.; CARVALHO, J. A. M. **As redes para além dos rios**: urbanização e desequilíbrios na Amazônia. Nova Economia, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Antônio Rene. **Rede Urbana e Cidades Pequenas da Transamazônica**: o caso de Brasil Novo. 2022. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2022.

SILVA, Onildo Araujo da (Org.). **A cidade pequena na interface urbano-rural**: Um olhar sobre o Território do Sisal. Rio de Janeiro: Consequência Editora, ano 2021, 132 p.

SMITH, Neil. Desenvolvimento desigual. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, v. 250, 1988.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. **Revisando o tema da pequena cidade**: uma busca de caminhos metodológicos. In: SILVA, A. B. da; GOMES, R. de C. da C.; SILVA, V. P. da. (Org.). Pequenas Cidades: uma abordagem geográfica. Natal: EDUFRN, 2009. p. 13-41.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades Pequenas**: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.

TRINDADE JR, Cordeiro da Saint-Clair. Cidades Médias na Amazônia Oriental. Das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, 2011.

TRINDADE JR, Cordeiro da Saint-Clair. **Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”**: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. Belém: Papers do NAEA, 2013.

USP, Jornal. **Hidrelétrica de Belo Monte faz população de Altamira dobrar em dois anos**: Superpopulação acarreta problemas de infraestrutura devido à alta demanda nas áreas da saúde e educação. 2019. Acesso: 11 de mar. de 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/hidreletrica-de-belo-monte-faz-populacao-de-altamira-dobrar-emdoisanos/#:~:text=Outro%20dano%20comentado%20por%20Moretto,sa%C3%BAde%2C%20habita%C3%A7%C3%A3o%20e%20saneamento%20b%C3%A1sico.>

ZANI, Benícia de Fátima da Silva. **Brasil Novo**: uma cidade no meio da floresta. 1999. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Pará, Altamira, 1999.

APÊNDICES

FORMULÁRIO - BAIRROS

Nome do entrevistador

1. Nome do entrevistado
 - 1.1. Idade (colocar a medida de tempo)
 - 1.2. Cidade de Origem
 - 1.3. Estado de Origem
 - 1.4. Se nasceu fora do município, a quanto tempo reside nele? (anos/meses)
 - 1.5. Sexo
 - 1.6. Grau de instrução
 - 1.7. Estado Civil
 - 1.8. Trabalha atualmente?
 - 1.9. Se sim, em qual local?
 - 1.10. Qual a sua profissão?
 - 1.11. Número de pessoas que moram no domicílio?
 - 1.12. Recebe algum benefício do governo?
 - 1.13. Se sim, qual?
 - 1.14. Valor médio do benefício?

- 1.15. Quantas pessoas são geradoras de renda?
- 1.16. Qual a principal fonte de renda?
- 1.17. Valor médio de renda total?
2. Bairro
 - 2.1. Endereço (rua)
 - 2.2. Local de moradia anterior
 - 2.3. Quanto tempo reside nesse endereço?
 - 2.4. Conhece a história de construção do bairro?
 - 2.5. Se sim, como foi construído?
3. Condições de direito da casa
 - 3.1. Se outro, especificar:
 - 3.2. Se for alugada, quanto paga no aluguel?
 - 3.4. Tipo de construção da moradia Concreto
 - 3.5. Quantos cômodos a moradia tem?
 - 3.6. Tem banheiro?
 - 3.7. Quantos banheiros tem?

- 3.8. Qual o tipo de construção do banheiro?
- 3.9. Contém vaso sanitário?
- 3.10. Contém chuveiro normal?
- 3.11. Paga energia elétrica?
- 3.12. Se sim, qual a média?
4. Tem saneamento básico fornecido pela prefeitura?
- 4.1. Se sim, qual serviço é fornecido?
- 4.2. Caso a água não seja fornecida pela prefeitura, qual a forma de abastecimento de água?
- 4.3. Caso o esgoto não for fornecido pela prefeitura, qual o destino dos dejetos?
- 4.4. Qual o destino do lixo doméstico?
- 4.5. Qual o destino do lixo de quintal?
5. Tem outro local de moradia?
- 5.1. Se sim, onde?
- 5.2. Identificar o endereço da segunda residência.
6. Quando na sua cidade não tem determinado produto, como você o adquire? (Essa pergunta está relacionada a compra de equipamentos, roupas etc. são serviços de compra em geral)
 - a) Compra da internet
 - b) Adquire na cidade vizinha

c) Não realiza esse procedimento

6.1. Caso marque a opção “cidade vizinha”, identificar.

6.2. Quais produtos você geralmente compra fora da sua cidade?

6.3. Quando a cidade não oferece algum serviço governamental, para qual cidade você recorre?

6.4. Quais os principais serviços você costuma procurar em outras cidades?

7. Tem iluminação pública nos postes?

7.1. Se sim, qual as condições?

7.2. Tem pavimentação?

7.3. Se sim, qual as condições?

7.4. Tem posto de saúde no seu bairro?

7.5. Tem escola no seu bairro?

7.6. Se sim, funciona até que série?

7.7. Você considera seu bairro violento?

7.8. Se sim, o quanto você considera violento? (Classificar 0 a 10. Sendo 0 não violento e 10 muito violento)

7.9. Caso sim, quais os crimes e violências você tem percebido em seu bairro?

7.10. Há policiamento no seu bairro?

7.11. Se sim, com qual frequência por semana?

8. Você considera que houve alguma mudança na cidade com a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte?

8.1 Se sim, quais tipos de mudanças?

FORMULÁRIO – COMÉRCIOS

Nome do Entrevistador

1. Nome do entrevistado

1.2. Apelido

1.2. Idade

1.3. Cidade de origem

1.4. Estado de origem

1.5. Formação profissional (Ex: sujeito agricultor, porém atualmente trabalha como garimpeiro)

2. Atuação/Atividades desenvolvidas pelo comércio/empresa.

2.1. Qual a sua função?

- Dono da empresa/comércio
- Gerente
- Funcionário
- Atendente de caixa
- Multifunção
- Outro

Se outro, especificar:

2.2. Qual o nome (fantasia) do comércio/empresa que você representa?

2.3. Nome do bairro do comércio

2.4. Endereço da empresa/comércio

2.5. Razão social – nome de registro

2.6. Ano de inauguração do estabelecimento. Colocar medida de tempo (ex. 7 meses ou 7 anos).

2.7. A empresa/comércio é? (organização civil ou jurídica)

- Micro
- Pequena
- Média
- Grande
- Vendedor ambulante

2.8. Trata-se de uma empresa/comércio familiar?

2.9. Qual o seu ramo de atividade?

- Indústrias (gráfica, metalúrgica, produção de bebidas, fabricação de produtos, entre outros).
- Comércio (mercado, loja de roupas, vendas, entre outros).
- Serviços (consultoria, transporte, saúde, educação, entre outros).
- Alimentação em geral (restaurante, bar, sorveteira, entre outros).
- Outros

Se outros, especificar:

2.10. Especificação da mercadoria/serviço produzido/comercializado:

- Confecção e calçados
- Amarelo
- Artigos de papelaria
- Comércio ambulante (camelô)
- Produtos artesanais
- Atividades de pesca

- Frutaria
- Restaurante, bar, sorveteria etc.
- Outros

Se outros, se especificar:

2.11. Qual a origem das mercadorias?

- Cidades vizinhas
- Comunidades rurais
- Capitais
- Não se aplica

2.12. Para quais cidades você comercializa produtos/serviços?

2.13. Encontra facilidade para comprar e/ou vender mercadorias de/em outras cidades?

Por quê?

2.14. Há quanto tempo trabalha nesse ramo? (colocar medida de tempo)

2.15. Em que atividade trabalhava anteriormente?

2.16. Quando necessita de algo (produto/serviço) que não consegue adquirir na cidade para qual cidade você recorre?

2.17. Você recorre a esta outra cidade em função de:

- Cidade mais próxima que dispõe do produto/serviço
- Cidade com maior diversificação de produtos e serviços
- Outros

Se outros, se especificar:

2.18. Na sua opinião, qual cidade da região é a mais importante para a dinâmica local?

- Altamira
- Marabá
- Santarém
- Belém
- Tucuruí
- Brasil Novo
- Medicilândia
- Outro(a)

Se outro(a), especificar:

2.19. O comércio/empresa é:

- Na própria residência
- Alugado
- Próprio
- Cedido
- Emprestado

2.20. Caso alugado, qual o valor do aluguel?

- abaixo de 200
- de 200 a 500
- de 500 a 1000
- de 1000 a 1500
- de 1500 a 2000
- acima de 2000
- Não informado

2.21. Há quanto tempo utiliza esse espaço? (colocar medida de tempo)

2.22. Você considera a localização do imóvel adequada as necessidades da sua atividade da sua atividade comercial?

2.23. Por que?

- Próximo do mercado
- Acessibilidade a fornecedores

- Próximo do rio
- Facilidade/disponibilidade de transporte
- Não se aplica
- Outros
- Se outros, especificar:

2.24. Como você considera a infraestrutura do entorno do imóvel?

- Boa acessibilidade por meio de transporte
- Facilidade na escoação de mercadorias
- É próximo do rio
- Facilidade/disponibilidade de transporte
- Não se aplica
- Outros

Se outros, se especificar:

2.25. Sua empresa/comércio fornece produtos ou presta serviços para outras empresas?

2.26. Se sim, quais produtos e para quais empresas/comércios?

3. Realiza estoque de mercadoria?

3.1. Se sim, em que quantidade?

- Grande quantidade
- Média
- Pequena quantidade

3.2. O preço dos produtos são:

- Tabelados pela Matriz
- São fixados em geral
- Negociação
- No próprio estabelecimento
- Outros

- Se outros, se especificar:

3.3. Na sua opinião, qual fator mais colabora para a dinâmica econômica da cidade?

- Rodovia
- Extração de madeiras/serrarias
- Pesca
- Administração pública/prefeitura
- Outros
- Se outros, especificar:

3.4. Qual a principal demanda da empresa/comércio?

- Aluguel
- Energia
- Mercadoria
- Transporte
- Entrega
- Outros

Se outros, especificar:

3.5. Qual a escala de abrangência de sua atividade?

- Local
- Regional
- Nacional
- Internacional

3.6. A empresa/comércio fez algum investimento no estabelecimento no sentido de modernizá-lo?

3.7. Se sim, qual?

- Máquina de cartões
- Sistema de segurança
- Sistema de controle de estoque
- Emissão de nota fiscal eletrônica

- Outros

Se outros, especificar

3.8. Utiliza as redes sociais ou alguma forma de propaganda para divulgar seu produto?

3.9. Se sim, por quais meios?

- Instagram
- Facebook
- WhatsApp
- Método Boca a Boca
- Carro de Som
- Outdoor
- Rádio/Tv local
- TikTok

3.10. Quais as formas de pagamento disponibilizadas aos clientes?

- Dinheiro
- Pix
- Cartão de crédito
- Cartão de debito
- Vale alimentação
- Nota manual
- A prazo

3.11. Qual dessas formas é utilizada com mais frequência?

3.12. Você realiza entrega das mercadorias?

3.13. Se sim, identificar se o transporte é

- Terceirizado
- Próprio
- Alugado

3.14. A sua empresa/comércio utiliza linha de crédito? Se sim, qual?